

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM ESTUDOS FRONTEIRIÇOS
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL
DO MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DO PANTANAL**

ANDREA PAOLA YANGUAS XAVIER

**TRAÇOS DE RESISTÊNCIA:
o universo das *cholas* na fronteira Brasil/Bolívia**

**CORUMBÁ – MS
2025**

ANDREA PAOLA YANGUAS XAVIER

**TRAÇOS DE RESISTÊNCIA:
o universo das *cholas* na fronteira Brasil/Bolívia**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços – Mestrado, do Câmpus do Pantanal da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Estudos Fronteiriços.

Linha de Pesquisa: Saúde, Educação e Trabalho.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Lucilene Machado Garcia Arf

**CORUMBÁ – MS
2025**

ANDREA PAOLA YANGUAS XAVIER

**TRAÇOS DE RESISTÊNCIA: O UNIVERSO DAS *CHOLAS* NA
FRONTEIRA BRASIL/BOLÍVIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Fronteiriços da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal, como requisito final para obtenção do título de Mestre.

Aprovado em: 26/ 02/ 2025

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Lucilene Machado Garcia Arf
(Universidade Federal do Mato Grosso do Sul)

1º avaliador (a): Prof.^a Dr.^a Beatriz Rosália Gomes Xavier Flandoli
(Universidade Federal do Mato Grosso do Sul)

2º avaliador: Prof. Dr. Anderson Luís do Espírito Santo
(Universidade Federal do Mato Grosso do Sul)

Ao Senhor, que tornou tudo isso possível.
Ao meu querido marido Danilo, ao meu filho Emanuel,
aos meus pais e sogros, toda a minha gratidão e amor.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, manifesto minha profunda gratidão a Deus, por ter-me dado a oportunidade de nascer em La Paz e, aos dois anos, mudar-me para o Rio de Janeiro, onde construí as bases da minha identidade. Aos 15 anos, tive o privilégio de retornar à minha terra natal, um presente inesquecível, e conhecer mais profundamente a Bolívia, explorando outros quatro departamentos. Ali, como presente de 15 anos, encontrei pela primeira vez as Cholas bolivianas, mulheres cuja presença despertou inúmeras perguntas: Quem são elas? Qual a história por trás de suas vestes? Por que usam essa “saia” *polleras*? Já na vida adulta, quando voltei ao meu país, esses questionamentos evoluíram, trazendo à tona inquietudes mais profundas e reflexões que guiaram minha trajetória.

Foi então que, ao chegar ao Pantanal em 2022, na fronteira entre Brasil e Bolívia, senti uma convergência de sentimentos: o amor pelo Brasil e a necessidade de mergulhar nas minhas raízes bolivianas, aspectos que, por muito tempo, me foram distantes. Porém, agora, com um novo olhar – mais empático e compassivo –, busco respostas para compreender a história e a força dessas mulheres trabalhadoras e resilientes. Bolivianas, Cholas no Pantanal, são mulheres que, sob sol ou chuva, seguem firmes, dedicadas a suas famílias, com dignidade e resistência.

Agradeço aos meus pais, que sempre acreditaram em mim e me incentivaram a perseguir meus estudos com perseverança. Ao meu amado marido, que, com seu apoio constante, compartilha comigo há 25 anos essa caminhada acadêmica, e ao nosso filho, Emanuel, que é minha inspiração e força. Aos meus sogros, expresso gratidão pelo carinho e apoio incondicional. Devo agradecimentos sinceros também à minha orientadora, a professora Lucilene Garcia Arf, cuja frase “aprender é para os fortes” me acompanhou em toda essa jornada. Sua orientação foi um pilar fundamental, e minha gratidão será eterna. Também agradeço ao meu “dindo”, que me apoiou em momentos desafiadores, e aos meus primos na Bolívia, Veronica Palenque, Orlando e Arturo, que me auxiliaram na busca por materiais bolivianos essenciais para meus estudos. Gratidão pela mobilidade acadêmica em Salta Argentina, à minha coorientadora Mariana Ortega, que aceitou o convite em realizar a pesquisa em Tartagal e Salta, aos queridos professores da Argentina, que contribuíram ao máximo para ampliar o meu conhecimento. Por fim, estendo minha gratidão a todos os colegas e professores do programa de Mestrado em Estudos Fronteiriços, em especial ao querido coordenador, professor Edgar. Cada um de vocês foi parte fundamental desta trajetória, contribuindo para que essa jornada de descobertas, aprendizagens e realizações se tornasse possível.

HONRA E GLÓRIA AO SENHOR JESUS.

Las Polleras

¡Qué dulces se ven las polleras de las mujeres
alrededor del humo y de la leña
que encienden!
Me acuerdo de mi madre
hurgando el fuego en las cenizas,
dándole con su voz
el aire que necesitaba la llama
para no morirse.
¡Ah, esas polleras de las mujeres
que están por la casa
poniéndole un poquito de paz al mundo
que se vuelve!
Ah, esas polleras
que se dan vueltas en la mano
con el cuchillo!
Polleras
que huelen a lo que cocina
el día
y a lo que comen los hombres
en sus días de esperanzas
y dolores.
Polleras que barrerán
con la escoba la luna,
cuando la luna, a las claras,
se desparrame por el patio.

Manuel J. Castilla
Poesia Salta, Argentina

RESUMO

XAVIER, Andrea Paola Yanguas. **Traços de resistência:** o universo das *cholas* na fronteira Brasil/Bolívia. 122 fls. 2025. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal, Corumbá, MS.

Este trabalho apresenta os resultados finais de uma pesquisa de mestrado concluída, que investigou as práticas de preservação cultural das mulheres bolivianas conhecidas como *cholas*, cuja identidade é fortemente expressa por meio da vestimenta tradicional — *polleras* (saías) tranças — e que residem na fronteira entre Brasil (Corumbá- MS) e Bolívia (Puerto Quijarro). O estudo analisou a colonização da Bolívia e suas implicações na formação identitária das *cholas*, explorando as transformações culturais e sociais ao longo do tempo. A fronteira foi abordada como um espaço de poder econômico e disputas territoriais, afetando as dinâmicas das *cholas*, especialmente no contexto do comércio transfronteiriço. Os principais objetivos da pesquisa foram: identificar a origem geográfica (departamentos e províncias bolivianas) e os processos migratórios das *cholas*, compreender as percepções de discriminação relacionadas ao uso das *polleras* na fronteira e analisar as estratégias de manutenção das vestimentas tradicionais. A metodologia adotada combinou pesquisa bibliográfica e entrevistas semiabertas comparativas com *cholas* que trabalham em Corumbá (Brasil) e Puerto Quijarro (Bolívia). Os resultados revelaram diferenças e semelhanças entre as *cholas* que atuam nos dois lados da fronteira, abordando aspectos como identidade pessoal, migração, discriminação, vestimenta e cultura, além da vida cotidiana na região fronteiriça. O estudo evidenciou que essas mulheres desempenham um papel fundamental na preservação dos saberes e tradições dos povos originários quéchua e Aymaras, reafirmando sua resistência cultural em um território marcado por constantes transformações sociais e econômicas.

Palavras-chave: *Chola*; Fronteira; Identidade Cultural e Nacional.

RESUMEN

XAVIER, Andrea Paola Yanguas. **Trazos de resistencia: el universo de las cholas en la frontera Brasil/Bolivia**. 122 fls. 2025. Tesis (Máster en Estudios Fronterizos) - Universidad Federal de Mato Grosso do Sul, Campus del Pantanal, Corumbá, MS.

Este trabajo presenta los resultados finales de una investigación de maestría ya concluida, que investigó las prácticas de preservación cultural de las mujeres bolivianas conocidas como cholas, cuya identidad se expresa fuertemente a través de la vestimenta tradicional —polleras (faldas) y trenzas— y que residen en la frontera entre Brasil (Corumbá-MS) y Bolivia (Puerto Quijarro). El estudio analizó la colonización de Bolivia y sus implicaciones en la formación identitaria de las cholas, explorando las transformaciones culturales y sociales a lo largo del tiempo. La frontera fue abordada como un espacio de poder económico y disputas territoriales, que afecta las dinámicas de las cholas, especialmente en el contexto del comercio transfronterizo. Los principales objetivos de la investigación fueron: identificar el origen geográfico (departamentos y provincias bolivianas) y los procesos migratorios de las cholas; comprender las percepciones de discriminación relacionadas con el uso de las polleras en la frontera; y analizar las estrategias de mantenimiento de las vestimentas tradicionales. La metodología adoptada combinó investigación bibliográfica y entrevistas semiestructuradas comparativas con cholas que trabajan en Corumbá (Brasil) y Puerto Quijarro (Bolivia). Los resultados revelaron diferencias y similitudes entre las cholas que actúan en ambos lados de la frontera, abordando aspectos como identidad personal, migración, discriminación, vestimenta y cultura, además de la vida cotidiana en la región fronteriza. El estudio evidenció que estas mujeres desempeñan un papel fundamental en la preservación de los saberes y tradiciones de los pueblos originarios quechuas y aymaras, reafirmando su resistencia cultural en un territorio marcado por constantes transformaciones sociales y económicas.

Palabras clave: chola; frontera; identidad cultural y nacional.

ABSTRACT

XAVIER, Andrea Paola Yanguas. **Traços de resistência: The Universe of Cholas on the Brazil/Bolivia Border.** 122 fls. 2025. Master's Thesis (Master's in Border Studies) - Federal University of Mato Grosso do Sul, Pantanal Campus, Corumbá, MS.

This paper presents the final results of a completed master's research project that investigated the cultural preservation practices of Bolivian women known as cholas, whose identity is strongly expressed through traditional clothing—polleras and braids—and who live on the border between Brazil (Corumbá, MS) and Bolivia (Puerto Quijarro). The study analyzed the colonization of Bolivia and its implications for the identity formation of the cholas, exploring cultural and social transformations over time. The border was approached as a space of economic power and territorial disputes, affecting the dynamics of the cholas, especially in the context of cross-border trade. The main objectives of the research were: to identify the geographic origin (Bolivian departments and provinces) and the migration processes of the cholas, to understand the perceptions of discrimination related to the use of polleras on the border, and to analyze the strategies for maintaining traditional clothing. The methodology adopted combined bibliographical research and semi-open comparative interviews with cholas working in Corumbá (Brazil) and Puerto Quijarro (Bolivia). The results revealed differences and similarities between the cholas working on both sides of the border, addressing aspects such as personal identity, migration, discrimination, clothing and culture, as well as daily life in the border region. The study showed that these women play a fundamental role in preserving the knowledge and traditions of the Quechua and Aymara indigenous peoples, reaffirming their cultural resistance in a territory marked by constant social and economic transformations.

Keywords: chola; border; cultural and national identity.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Mulheres <i>cholas</i> da elite com trajes típicos na fronteira Brasil-Bolívia	30
Imagem 2 – Mulheres <i>cholas</i> trajes típicos: pedintes na fronteira Brasil-Bolívia	32
Imagem 3 – Trajes típicos das <i>cholas</i> cochabambinas	35
Imagem 4 - <i>Chola</i> de Sucre na fronteira Brasil-Bolívia.....	35
Imagem 5 – Mulher <i>chola</i> paceña em trajes típicos na fronteira.....	36
Imagem 6 – Mulheres <i>cholas</i> em trajes típicos de Potosi	36
Imagem 7 – Mulheres <i>chollas</i> com trajes e chapéu típicos de Tajira.....	37
Imagem 8 – Mulher <i>chola</i> fabricando o tecido Aguayo na fronteira Brasil-Bolívia.....	37
Imagem 9 – Tecidos Aguayos de várias cores	38
Imagem 10 – Mulheres <i>cholas</i> em trajes típicos: tranças com tullmas	38
Imagem 11 – Diferentes tipos de chapéus usados pelas mulheres <i>cholas</i>	39
Imagem 12– Mulheres <i>cholas</i> com trajes típicos usando sombreiro (chapéu).....	39
Imagem 13 – Figurantes da dança Morenada com sombreiros, bota alta e brilho	40
Imagem 14 – Mulheres <i>cholas</i> em trajes típicos	40
Imagem 15 – Mulheres <i>cholas</i> em trajes típicos: <i>polleras</i> curtas	41
Imagem 16 – Mulheres <i>cholas</i> em trajes típicos: <i>pollera</i> com várias camadas	41
Imagem 17 – Mulheres <i>cholas</i> em trajes típicos: manta.	42
Imagem 18 – Mulheres <i>cholas</i> em trajes típicos: joias, brincos, anéis em ouro	43
Imagem 19 – Mulheres <i>cholas</i> em trajes típicos: broches.....	44
Imagem 20 – Mulheres <i>cholas</i> em trajes típicos: sapatos	45
Imagem 21 – Trajes típicos: sandália de Cochabamba.....	45
Imagem 22 – Mulheres <i>cholas</i> em trajes típicos do dia a dia.....	46

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Departamento das cholas que trabalham no Brasil	68
Gráfico 2 – Departamento das cholas de que trabalham na Bolívia.....	69
Gráfico 3 – Etnias da chola.....	71
Gráfico 4 – Línguas falas.....	72
Gráfico 5 – Analfabetismo	73
Gráfico 6 – Retorno ao local de origem	74
Gráfico 7 – Tempo de Moradia na fronteira.....	82
Gráfico 8 – Tempo de Moradia na Fronteira	83
Gráfico 9 - Discriminação por ser chola no território boliviano	91
Gráfico 10 - Discriminação por ser chola no território brasileiro	91
Gráfico 11 - Cholas com amizades brasileiras	93

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Mapa da Origem: Departamentos e Províncias até a Fronteira.....	69
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Área de concentração: Identidade das cholas bolivianas que trabalham na fronteira	65
Quadro 2 – Descrição do perfil das <i>cholas</i> que trabalham no Brasil	66
Quadro 3 – Descrição do perfil das <i>cholas</i> que trabalham na Bolívia	67
Quadro 4 – Perguntas sobre migração	79
Quadro 5 – Respostas sobre migração com as <i>cholas</i> que trabalham no Brasil na fronteira ...	80
Quadro 6 – Respostas das entrevistas realizadas com cholas que trabalham na Bolívia	81
Quadro 7 - Área de concentração: discriminação contra as cholas bolivianas que trabalham na fronteira	88
Quadro 8 - Descrição das respostas sobre discriminação com as cholas que trabalham no Brasil	88
Quadro 9 - Respostas das entrevistas realizadas com cholas que trabalham na Bolívia	90
Quadro 10 - Área de concentração: vestimentas e culturas cholas	97
Quadro 11 - Área de concentração: vida cotidiana na fronteira	107

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – A MULHER BOLIVIANA E AS CHOLAS	16
1.1 A ÉPOCA COLONIAL E AS MULHERES BOLIVIANAS: AS ESPANHOLAS, INDÍGENAS E MISTIÇAS	16
1.2 AS CHOLAS BOLIVIANAS: DA DOMINAÇÃO COLONIAL ATÉ A PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX	23
1.3 A <i>CHOLA</i> BOLIVIANA NO SÉCULO XX.....	25
1.4 A MULHER DE <i>POLLERA</i> NA BOLÍVIA: A ELITE <i>VERSUS</i> A DISCRIMINAÇÃO E O PRECONCEITO.....	28
1.4.1 A elite das <i>cholas</i> : um mundo de <i>polleras</i>	28
1.4.2 <i>Cholas</i> na Bolívia: alvo de discriminação, preconceito e racismo	30
1.5 O UNIVERSO SIMBÓLICO DOS TRAJES: <i>POLLERAS</i> , <i>TULLMAS</i> , BROCHES, MANTAS, SAPATOS, <i>POLLERAS</i> E TRANÇAS	33
CAPÍTULO 2 – A FRONTEIRA CORUMBÁ-BRASIL E BOLÍVIA.....	48
2.1 RELAÇÕES FRONTEIRIÇAS CORUMBÁ (BRASIL) E PUERTO QUIJARRO (BOLÍVIA): AS DINÂMICAS PENDULARES, REPERTÓRIO DE PODER E IDENTIDADES	50
2.2 TIPOS DE IDENTIDADES: NACIONAL E CULTURAL, LEGITIMADORA, RESISTÊNCIA E LUTA	53
2.3 OS MOVIMENTOS INTERNACIONAIS E BOLIVIANOS DE LUTAS E RESISTÊNCIAS FEMININAS: O FEMINISMO COMUNITÁRIO E MUJERES CREANDO.....	55
2.4 MERCADO CAMPEÑO EM PUERTO QUIJARRO (BOLÍVIA)	59
2.5 AS <i>CHOLAS</i> NA MOBILIDADE ACADÊMICA E OUTRAS DUAS FRONTEIRAS COM A BOLÍVIA E ARGENTINA	60
CAPÍTULO 3 - AS <i>CHOLAS</i> BOLIVIANAS QUE TRABALHAM EM CORUMBÁ E PUERTO QUIJARRO	62
3.1 CONJUNTURA DA CONSTRUÇÃO DA PESQUISA.....	62
3.2 O PROCESSO DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS DAS ENTREVISTAS.....	63
3.3 IDENTIDADE PESSOAL E CULTURAL	65
A) Idade das <i>cholas</i>	68
B) Departamento e a província de origem	68
C) Etnia indígena das <i>cholas</i>	71

D)	Línguas faladas.....	72
E)	Mudança linguística na fronteira	72
F)	Analfabetismo entre as <i>cholas</i>.....	73
G)	Retorno ao local de origem.....	74
H)	Análise de dados: identidade pessoal e cultural	74
3.4	MIGRAÇÃO	79
A)	Tempo de moradia na fronteira.....	82
B)	Motivo da migração para a Fronteira: trabalho, fatores econômicos, desemprego, saúde básica, educação	84
C)	Experiência de moradia em outros países antes da Fronteira com o Brasil.....	84
D)	Migração interna na Bolívia antes de vir para a fronteira.....	85
E)	Local de residência atual: Bolívia, Brasil ou ambos	85
F)	O papel da mulher na Fronteira.....	86
G)	Análise dos dados migratórios	86
3.5	DISCRIMINAÇÃO.....	87
A)	Discriminação por causa da <i>pollera</i>.....	91
B)	Amizades e vínculos com mulheres brasileiras	92
C)	Visitas a casas de brasileiras: vínculos	93
D)	Amizade com mulheres que usam polleras: vínculos	94
E)	Análise de dados: discriminação.....	95
3.7	VESTIMENTA E CULTURA	96
A)	Mudanças na forma de se vestir na fronteira: influências do clima e da cultura fronteiriça.....	97
B)	Usar <i>pollera</i>: imposição social, cultural ou decisão pessoal	99
C)	Regras e regulamentos das <i>polleras</i>	100
D)	As <i>polleras</i> em novelas bolivianas	100
E)	As <i>polleras</i> em programas de televisão.....	100
F)	As <i>polleras</i> em mulheres da internet.....	101
G)	A idade em que uma mulher começa a usar as <i>polleras</i>	102
H)	Tradições e costumes para começar a usar a <i>pollera</i>	102
I)	Movimento de resistência para utilização das <i>polleras</i>.....	103
J)	<i>Polleras</i> de gala ou festa: diferenças e atividades específicas.....	103
K)	As tranças como indicadores de estado civil.....	104

L)	O departamento das <i>cholas</i> de acordo com o tipo de <i>polleras</i>	104
M)	Análise de dados: vestimenta e cultura	105
3.7	VIDA COTIDIANA NA FRONTEIRA.....	107
A)	A liderança do lar.....	107
B)	Preferências na fronteira: compras de supermercado no Brasil, na Bolívia ou em ambos.....	108
C)	Preferências na fronteira: serviços médicos no Brasil, Bolívia ou ambos	108
D)	Preferências na fronteira: dia de lazer no Brasil ou Bolívia	109
E)	A adaptação da família à vida na fronteira	110
F)	Envolvimento em atividades culturais e festas no Brasil.....	110
G)	Apoio da comunidade fronteiriça	110
H)	Os principais desafios da fronteira	111
I)	Os principais desafios de viver na fronteira	111
J)	Análise de dados: vida cotidiana na fronteira	112
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	114
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	120

INTRODUÇÃO

O presente estudo, realizado para a Dissertação do curso de Mestrado em Estudos Fronteiriços (MEF), concentra-se na área de investigação de mulheres em regiões fronteiriças. Está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços (PPGEF) da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), localizado entre as cidades de Puerto Quijarro (Bolívia) e Corumbá (Brasil). O mesmo propõe uma análise sobre as mulheres bolivianas *cholas*, que se personificam como representantes dos povos indígenas e se vestem com roupas tradicionais *aymara* e *quechua*. Visa ainda compreender esta mulher *chola* que vive na fronteira Brasil-Bolívia, mediante um percurso histórico-social, com uma abordagem capaz de contemplar memórias individuais e coletivas.

Esta investigação nasceu a partir do interesse pessoal por conhecer seis departamentos bolivianos, identificar a diversidade cultural e as assimetrias de vestimentas, dessas mulheres, em cada região. Após vir morar em Corumbá, percebi que existem *cholas* bolivianas, na fronteira do pantanal, que nunca foram estudadas, sequer identificadas. Para isso, foi preciso unir os conceitos de mulheres na fronteira e dos povos tradicionais originários bolivianos, para perfilar as mulheres *cholas* na fronteira e os questionamentos que as envolvem.

A proposta é avaliar se as *cholas* bolivianas exercem esse papel a partir de uma imposição patriarcal, se trata-se de uma herança familiar ou de uma preservação cultural. Verificar também se há negação de reconhecimento das *chola*, em decorrência de atitudes dos moradores da fronteira, inclusive dos brasileiros, por desconhecimento sobre o assunto, e desenvolver formas de traçar o perfil histórico-social a partir das práticas culturais nas regiões de fronteiras.

Para dar sustentação teórica, utilizamos pesquisadores como Haroldo Dilla Alfonso (2020), Glória Anzaldúa (1987) e Steiman e Machado (2002), que tratam a integração regional em regiões fronteiriças; Julieta Paredes (2010), que aborda o feminismo boliviano; e pesquisadores bolivianos como Prado (1971), Choque, (2021), Ruiz (2020) e Salazar (2014) para os estudos relacionados com as *cholas* bolivianas. Para a compreensão sobre a formação de identidade e linguagem para estudos culturais, empregaremos Mendoza (2009), Zambrana (2016), Stuart Hall (1996) e Castells (2002). Concordando com Castells e todo indivíduo é biopsicossocial, pois, em essência, é formado por três dimensões: biológico, psicológico e social. Os comportamentos inerentes a ele são fundamentados nessas interações de mecanismos biológicos, psicológicos e influências sociais (Straub, 2005, p. 13).

Corumbá, por sua vez, localizada no Mato Grosso do Sul, Brasil, fronteira com a Bolívia (Puerto Quijarro) é constituído por confluência de povos com diferenças naturais e constitutivas de hábitos, perspectivas, idiomas e identidade cultural. Essa convivência, por conseguinte, é suscitada por demandas políticas, econômicas e sociais.

As *cholas* que se apresentam em contextos urbanos, são mulheres bolivianas que trabalham em feiras e em demais modalidades de comércio, atuam, sob essa perspectiva, em território brasileiro e boliviano.

Em estudo, Oliveira (2018, p. 302) defende acerca do conceito de protagonismo de indígena, que “as lutas dessas mulheres retratam reivindicações específicas em nome de preservação, direitos, respeito, igualdade de gênero e, sobretudo, em busca de consolidar organização de atuação e participação cidadã em contextos de preponderância urbana”. É citação direta? Colocar nas normas de citação

Paredes (2010, p. 123) considera que as mulheres bolivianas, conhecidas como *cholas*, estão em muitas regiões. Personificam-se em representantes de povos indígenas e mestiços que se vestem com roupas *unku* tradicionais dos *aymaras* e *quechuas* (muito típicas de La Paz, capital da Bolívia), os quais por mais de 500 anos preservam e atualizam hábitos culturais, vestimentas e demais tradições.

Esse feminil *chola*, a propósito, foi percebido durante muito tempo de maneira negativa e pejorativa: “tola”. Segundo a autora, as *cholas* dispõem de formas diferentes de vestimentas. Essa distinção, por sua vez, identifica a origem regional de cada grupo. As *cholas* cochabambinas (originárias de Cochabamba), por exemplo, usam chapéu branco alto ou médio. A idade de cada uma é simbolizada conforme o tamanho do chapéu. Mulheres mais velhas usam chapéus mais altos, enquanto as mais novas portam os mais baixos. As blusas apresentam mangas bufantes, saias chamadas *polleras*, sempre acima do joelho, usualmente compostas com tecidos leves e brilhantes.

As *cholas paceñas* (de La Paz), por sua vez, exibem chapéu conhecido por *borsalino*, de tamanho baixo, com asa curta e que ainda exhibe uma fita para combinar com o tecido do chapéu. Suas *polleras* são largas e longas. Elas usam sapatos específicos, além de portarem mantas compridas, espessas e muitos acessórios em ouro. Já as *cholas potosinas* (de Potosí) utilizam chapéus altos, dotados de asa média e com faixa escura. Enquanto, no departamento de Tarija, as *cholas* usam chapéus para um lado da cabeça, com tonalidades claras e adicionam uma flor na orelha. Utilizam mantas nas costas, suas *polleras* são brilhantes e curtas no cumprimento.

Íñiguez (2001, p. 49) detalha que as *cholas* podem ser percebidas, a princípio, por suas vestimentas, demonstrando o estrato social e regional de cada grupo representado. São ainda identificadas por expressões inscritas em tradições e definidas por lugares sociais hierarquizados. São elas: “*chola decente*”, boa moça, cujos pais têm boa posição social. “*Chola mediana*”: comerciante, de origem campesina, mas que vive na cidade. E, por último, a “*chola campesina*”, que pode ir para cidade, mas permanece com encargos de serviços domésticos, também conhecida por “*cholita pobre*”.

Erikson e Cabral (1972) definem o conceito de formação de identidades fundamentado na compreensão de quem é a pessoa, quais são os valores inerentes a ela e, ainda, quais desejos latentes a singularizam. Inferir e observar semelhanças, portanto, com base em indivíduos ou grupos sociais inter-relacionados, promove, em nome de aspectos conscientes internos e externos, a possibilidade de perceber e até julgar o outro. De acordo com Albó (2003, p. 89), “*la identidad empieza en el reconocimiento y aceptación de la propia personalidad, del ‘yo’ pero tiene en seguida su expansión social al sentirse parte de un grupo social básico de referència, de un ‘nosotros’ compartido entre varios*”¹.

Na opinião de Paredes (2010, p. 63), a equidade de gênero buscava conceber um imaginário no qual seria possível equiparar direitos e deveres entre homens e mulheres. A autora afirma, no entanto, que essa proposição não seria exequível, notadamente em razão de crença social majoritária, firmada na cultura atávica-opressiva-patriarcal, de que o gênero masculino deveria ser sempre superior ao feminino.

Existem, a propósito do universo feminino destacado neste estudo, duas festas importantes para as *cholas*: O Grande Poder e a Morenada. São comemorações típicas, que acontecem em La Paz, capital boliviana, nas quais mulheres ostentam vestimentas capazes de simbolizar poder, prestígio e valores das *polleras*. Pretende-se, durante essas celebrações, compartilhar com o imaginário social, a relevância econômica desse grupo organizado e deveras representativo. Calcula-se, nesses eventos, que as participantes da Morenada investem mais de 2.000 pesos bolivianos, aproximadamente 300 dólares, com *polleras* e roupas de “*cholita*”. Essas festividades comemorativas consolidam, dessa forma, autorrepresentação, subjetividade, preservação de valores culturais constituídos e preponderância econômica (Plaza, 2018, p. 83).

¹ “A identidade começa no reconhecimento e aceitação da própria personalidade, do 'eu', mas logo se expande socialmente ao se sentir parte de um grupo social básico de referència, de um 'nós' compartilhado entre vários.” (Albó, 2003, p. 89, *tradução nossa*).

Conforme Saldaña (2016, p. 7), *chola* é, sobretudo, um traço de identidade inerente e constitutiva aos nativos de La Paz (Bolívia), como parte integrante de diversidade cultural que se expressa em diferentes sentidos no imaginário social.

Castells (2002), por sua vez, propõe distinção entre três formas e origens de construção de identidades: identidade legitimadora, introduzida por instituições dominantes; identidade de manutenção cultural, forjada por indivíduos que ocupam posições desvalorizadas ou estigmatizadas sob a ótica de dominação; identidade de projeto, quando há apropriação de qualquer bem cultural a fim de erigir identidade capaz de redefinir atuação e posição social.

Entretanto, há dois principais fatores de preservação cultural, o primeiro definido como “movimento de resistência”, o segundo, por sua vez, como proposta de manutenção de valores culturais.

Corumbá está localizada no Mato Grosso do Sul, fronteira com a Bolívia (Puerto Quijarro) onde há a presença contumaz de mulheres *cholas*, vestidas com *polleras* (saías) longas e que ostentam tranças. São mulheres que transitam em ruas e feiras dentro do território brasileiro e sabe-se que são chamadas de *cholas*, porém não se conhece muito acerca da cultura, interesses, valores, preferências, hábitos e, sobretudo, porque somente algumas priorizam vestimentas tradicionais.

Objetiva-se investigar e compreender as práticas de resistência cultural das *cholas* bolivianas que utilizam trajes típicos (*polleras*) na região fronteira entre Brasil e Bolívia, explorando as interseções entre gênero, etnia e identidade, e analisando as repercussões dessas práticas no cotidiano dessas mulheres.

Como objetivos específicos caracterizar a identidade e a representação das *cholas* bolivianas na fronteira Brasil-Bolívia, considerando aspectos históricos, culturais e sociais.

Analisar as influências culturais presentes na formação e manutenção das *cholas* de *pollera*, identificando as formas de resistência adotadas por essas mulheres e explorar as estratégias utilizadas pelas *cholas* para preservar e reafirmar sua identidade cultural;

Investigar as relações de discriminação, a invisibilidade social das *cholas* nas dinâmicas comerciais e sociais da região fronteira. Responder questões como: Quem são as *cholas* da fronteira? Elas vieram de regiões específicas da Bolívia? Quanto tempo e por que vieram viver na fronteira (migração)? Quais são as línguas faladas? Mantêm a linguagem materna mesmo estando na região de fronteira? Existe mudança na forma de vestir (*chola*) na fronteira? Quais são as principais formas de manutenção cultural e ideologia das *cholas* de *pollera* (saia)? Já experienciaram discriminação por usarem *polleras*? E como é a vida cotidiana na fronteira para as *cholas*?

Após o término da dissertação, será criada uma cartilha cultural de 30 páginas contendo fotos e explicações para o reconhecimento das mulheres das *cholas* que vivem na fronteira do Pantanal, para viabilizar e criar o protagonismo feminino dessas mulheres.

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e entrevistas com mulheres *cholas* que trabalham em Corumbá (Brasil) e Puerto Quijarro (Bolívia). No estudo, foi adotado o método de pesquisa aplicada, qualitativa com abordagem mista, descritiva e explicativa. A pesquisa histórica bibliográfica também foi viabilizada por consulta em livros, artigos, dissertações, estudos de monografias que abranjam o tema, tanto no Brasil quanto na Bolívia.

Foram entrevistadas sete *cholas* que trabalham em Puerto Quijarro, Bolívia, em centros comerciais ou feiras livres, e outras sete *cholas* que trabalham em Corumbá, Mato Grosso do Sul, Brasil, totalizando 14 participantes. As entrevistas foram realizadas em Puerto Quijarro e Corumbá. A faixa etária das *cholas* esteve entre 20 e 90 anos. O questionário e a entrevista foram realizados em espanhol.

A dissertação está estruturada em três capítulos: o primeiro capítulo discorre sobre as *cholas* bolivianas com subtópicos: “A Época Colonial e as mulheres bolivianas: as espanholas, indígenas e Mestiças”; “As *cholas* bolivianas: da dominação colonial até a primeira metade do século XX”; “A *chola* boliviana no século XX”; “A mulher de *pollera* na Bolívia: a elite *versus* a discriminação e preconceito”; “O universo simbólico dos trajes: *polleras*, *tullmas*, *broches*, mantas, sapatos e tranças”; e “Os movimentos internacionais e bolivianos de lutas e resistências femininas: o feminismo comunitário e *Mujeres Creando*”.

O segundo capítulo apresenta a fronteira Brasil e Bolívia, com os subtítulos: “Relações fronteiriças Corumbá (Brasil) e Puerto Quijarro (Bolívia): as dinâmicas pendulares, repertório de poder e identidades”; e “Tipos de identidades: nacional e cultural, legitimadora, resistência e luta”.

O terceiro capítulo traz o posicionamento epistemológico-metodológico do projeto, as etapas da pesquisa, como será realizado o levantamento de dados e os resultados para responder à problemática da pesquisa.

A pesquisa busca compreender se vestir-se como *chola*. É um ato de identidade resistência outra forma de expressão. As entrevistas irão compreender e responder tais questões.

CAPÍTULO 1 – A MULHER BOLIVIANA E AS CHOLAS

Por gerações elas não tinham permissão para andar livremente na praça central da capital, La Paz, Plaza Murillo – em frente ao palácio residencial – nem em subúrbios ricos como a Zona Sul da cidade. Predominantemente camponeses rurais que migraram para cidades, elas eram vistas como um estrato inferior que ficava em casa, ou trabalhavam como empregadas domésticas e vendedoras ambulantes. “Eles costumavam dizer, chola, não, não! quando tentávamos ir a esses lugares”, diz Carmen Mamani de Espejo, que vende flores todos os sábados no Mercado Rodríguez de La Paz. “Agora é muito melhor para as cholitas. Temos mais confiança agora, podemos andar onde quisermos” (BBC News, 2014, p. 2, *tradução nossa*).

Existem vários tipos de mulheres bolivianas, as indígenas, as mestiças, as *cholas*. Traremos as principais diferenciações e formas de vestimentas para classificar as que são dos povos originários.

1.1 A ÉPOCA COLONIAL E AS MULHERES BOLIVIANAS: AS ESPANHOLAS, INDÍGENAS E MESTIÇAS

Antes da chegada dos colonizadores espanhóis, o território boliviano era habitado por indígenas que possuíam seus códigos sociais, medicina natural e linguagens próprios. As dominações e conflitos com a colonização espanhola acarretaram uma nova constituição social boliviana.

A época colonial boliviana (do século XVI ao início do século XIX) foi marcada por regras medievais europeias. A igreja católica possuía muito poder e os padres tinham comandos semelhantes aos dos reis. As mulheres com menor idade trabalhavam nos serviços domésticos e comerciais tal como as mulheres adultas. As mulheres casadas não possuíam autonomia e necessitavam de autorização dos maridos para trabalhar. Somente após a viuvez, elas se tornavam independentes de tal autorização. Nesse contexto, havia também as mulheres oriundas da Espanha, fossem casadas ou solteiras, que chegavam à América através das longas viagens para a colonização.

En el siglo XVI, el reducido número de mujeres españolas contribuyó a que éstas ocuparan lugares estratégicos en la sociedad colonial como esposas de los españoles de alto rango (funcionarios de la Corona o encomenderos) a la cabeza de los conventos. Las encomiendas sólo podían ser otorgadas por la Corona a los españoles casados. A su muerte, sus viudas asumían por un tiempo la dirección de las encomiendas y el cobro del tributo, hasta encontrar un nuevo marido (Lema; Choque; Jiménez, 2006, p. 12)².

² No século XVI, o número reduzido de mulheres espanholas contribuiu para que elas ocupassem lugares estratégicos na sociedade colonial, como esposas dos espanhóis de alto escalão (funcionários da Coroa ou encomendeiros) à frente dos conventos. As encomendas só podiam ser concedidas pela Coroa a espanhóis casados.

As mulheres indígenas bolivianas, por sua vez, desempenhavam importante papel na economia, pois eram responsáveis pela criação de animais e alimentos agrícolas e também serviam de mão de obra nas minerações, muitas delas exploradas pelos colonizadores.

Durante la Colonia, el desempeño de la mujer indígena estaba íntimamente ligado con el de su compañero. Si éste se dedicaba a la minería, sin duda la mujer también. Se estima que, mediante el sistema de la mita, cada año llegaban 40.000 personas a Potosí procedentes de las 16 provincias sometidas a aquel sistema – 13.500 mitayos, y el resto eran mujeres, ancianos y niños...la participación de las mujeres en las actividades económicas era imprescindible. Puesto que ellas no podían ingresar a la mina, generalmente se dedicaban a tareas paralelas, como cargar leña, y cernir y escoger el mineral desechado (palliris) o rescatarlo para su venta. Algunas asumieron un control creciente sobre la comercialización de minerales. También se destacaban en actividades de venta al menudeo (productos agrícolas, coca) o atendían chicherías; algunas se dedicaban a la prostitución (Lema; Choque; Jiménez, 2006, p. 13)³.

A colonização espanhola foi extremamente voltada para o patriarcalismo, porém algumas mulheres indígenas possuíam uma herança familiar, dos caciques ou da nobreza indígena, que as colocavam em uma posição de maior destaque na sociedade, possibilitando-as a agir durante os conflitos e também resolvendo diretamente os problemas com a colônia.

Las que tenían mayores recursos podían adquirir tiendas y lotes. Su prosperidad se pone de manifiesto en sus testamentos. Algunas mujeres de las elites indígenas tenían buena posición social y liderazgo hereditario (como el caso excepcional de la hija de un cacique que prestaba dinero a los españoles y sabía leer y escribir) (Lema; Choque; Jiménez, 2006, p. 14)⁴.

A mestiçagem boliviana, resultado da união dos colonizadores espanhóis com as indígenas bolivianas, trouxe uma nova cultura de tradições, formas de falar, modelo religioso e contexto social. Muitas vezes, o sincretismo religioso advém da união das tradições indígenas e do catolicismo.

Após sua morte, suas viúvas assumiam, por um tempo, a direção das encomendas e a cobrança do tributo, até encontrarem um novo marido (Lema; Choque; Jiménez, 2006, p. 12, *tradução nossa*).

³ Durante a Colônia, o desempenho da mulher indígena estava intimamente ligado ao de seu companheiro. Se ele se dedicava à mineração, sem dúvida a mulher também o fazia. Estima-se que, através do sistema de mita, chegavam a Potosí, a cada ano, 40.000 pessoas provenientes das 16 províncias submetidas a esse sistema – 13.500 mitayos, e o restante eram mulheres, idosos e crianças... a participação das mulheres nas atividades econômicas era imprescindível. Como elas não podiam ingressar nas minas, geralmente se dedicavam a tarefas paralelas, como carregar lenha, peneirar e escolher o mineral descartado (palliris) ou resgatá-lo para venda. Algumas assumiram um controle crescente sobre a comercialização de minerais. Também se destacavam em atividades de venda no varejo (produtos agrícolas, coca) ou atendiam choperias; algumas se dedicavam à prostituição (Lema; Choque; Jiménez, 2006, p. 13, *tradução nossa*).

⁴ As que tinham maiores recursos podiam adquirir lojas e terrenos. Sua prosperidade se manifesta em seus testamentos. Algumas mulheres das elites indígenas ocupavam uma boa posição social e liderança hereditária (como o caso excepcional da filha de um cacique que emprestava dinheiro aos espanhóis e sabia ler e escrever) (Lema; Choque; Jiménez, 2006, p. 14, *tradução nossa*).

Segundo Lema, Choque e Jiménez (2006, p. 14), nesse encontro entre colonizados e colonizadores:

El mestizaje no fue (ni es) únicamente un asunto biológico de mezcla de “razas”, en el que la unión (generalmente ilícita) entre un español y una indígena (la inversa era la excepción) daba lugar al nacimiento de un bebé mestizo. También era (y es) un tema cultural, en el cual una persona se alimenta de dos vertientes culturales – la española y la indígena –, adoptando de cada una lo que más le conviene según las circunstancias. Estos elementos adoptados pueden expresarse a través del idioma, la vestimenta o el círculo de relaciones⁵.

A Bolívia, ao ser colonizada, contou com o trabalho forçado dos nativos, povos originários que viviam na região. Os colonizadores exploraram especialmente a prata e recursos naturais em um contexto de violência e opressão. Sobre isso, Archondo (2001, p. 11) afirma que “*los cholos fueron fruto del cruce de razas impuesto por la violencia, el engaño o la seducción de los españoles*”⁶. Essa dominação espanhola provocou, mediante mistura forçada dos colonizadores com as mulheres indígenas, uma “nova civilização mestiça”, marcada por abuso sexual e dizimação dos povos nativos. “*El término mestiza denominativo fue adquirido desde la época de la colonia con la unión de españoles e indios, conocida como “mujer mestiza”, quien mantiene la identidad a pesar del paso del tiempo*” (Aguilar, 2017, p. 39)⁷.

A colonização da Bolívia pelos espanhóis envolveu a tomada de terras e a violação dos direitos dos povos indígenas, resultando em mudanças profundas na estrutura econômica e política do país, que resultaram em miséria, mudanças socioculturais com imposições das novas regras e acordo com os regimes dos colonizadores. Com isso, as mulheres mestiças começaram a trabalhar com venda de produtos nas áreas urbanas, rurais, produção de material têxtil, artesanatos, na agricultura elas trabalhavam em cultivo de alimentos e criação de animais e nas minas trabalhavam na fabricação de alimentos para os mineiros e os transportes e minerais.

Conforme Lema, Choque e Jiménez (2006, p. 24):

En 1826, la primera Constitución Política del Estado estableció que los ciudadanos bolivianos serían las personas nacidas en Bolivia, mayores de edad, que supieran leer y escribir y que tuvieran un oficio, empleo o industria que no fueran domésticos. Más adelante se determinó también que debían percibir una renta. Y –por supuesto– que

⁵ A mestiçagem não foi (nem é) unicamente uma questão biológica de mistura de “raças”, em que a união (geralmente ilícita) entre um espanhol e uma indígena (a inversa era a exceção) resultava no nascimento de um bebê mestiço. Também era (e é) uma questão cultural, na qual uma pessoa se alimenta de duas vertentes culturais – a espanhola e a indígena –, adotando de cada uma o que mais lhe convém conforme as circunstâncias. Esses elementos adotados podem se expressar por meio do idioma, da vestimenta ou do círculo de relações (Lema; Choque; Jiménez, 2006, p. 14, *tradução nossa*).

⁶ “os cholos foram o resultado do cruzamento de raças imposto pela violência, engano ou sedução dos espanhóis” (Archondo, 2001, p. 11, *tradução nossa*)

⁷ “O termo “mestiza” foi adquirido desde a época da colônia com a união de espanhóis e índios, conhecida como “mulher mestiça”, que mantém a identidade apesar do passar do tempo” (Aguilar, 2017, p. 39, *tradução nossa*).

fueran del género masculino. Por tanto, las mujeres bolivianas no eran reconocidas como ciudadanas. Dicha situación, bastante difundida en el mundo, se mantuvo durante muchos años⁸.

Mesmo não participando das atividades políticas, as mulheres poderiam trabalhar no campo, nas ruas e em numerosas atividades cotidianas, expandindo a economia da família.

O período republicano boliviano fez com que os homens participassem das guerras e as mulheres se tornassem as responsáveis pelo sustento familiar, controlando, administrando e provendo a família. Sobre isso, Lema, Choque e Jiménez (2006, p. 25), afirmam que:

[...] desarrolló también una modalidad intermedia el arrendamiento, que era un tipo de usufructo que se dio con particular fuerza en las regiones más productivas, como los valles cochabambinos y yungueños. En las ciudades y los pueblos, las mujeres mestizas consolidaron su vocación de comerciantes minoristas y, en algunos casos, también a mayor escala. Como efecto de las guerras de Independencia, la mortalidad masculina fue elevada y llevó a que las mujeres desarrollaran nuevas actividades económicas⁹.

Um marco importante na Bolívia foi a *Ley de Exvinculación* (Lei de Desvinculação) que, através do governo Tomás Fria (1872-1873), permitiu que as terras indígenas fossem vendidas. Essas terras eram coletivamente administradas pelos povos originários, que mantinham seus costumes, tradições e valores. O objetivo era que as terras passassem a ser cultivadas sob a ótica capitalista do desenvolvimento agrícola, ou seja, pelos grandes investidores que exploravam as terras visando o lucro.

A lei de *desvinculação* fez com que vários indígenas fossem forçados a vender sua propriedade, terras que pertenciam à sua comunidade, o que provocou o enfraquecimento e fragmentação dos povos tradicionais e, uma vez que estavam sem terra, sem trabalho e sem subsistência, foram forçados a se deslocar para outras regiões urbanas e mineradoras do país, em busca de emprego e novas formas para subsidiar o sustento da família.

En 1874, el gobierno de Tomás Frías aprobó la “Ley de Exvinculación”, que implicó la venta de tierras de las comunidades indígenas. Si bien esta ley recién se aplicó a partir de 1880, fue un golpe muy duro a la propiedad indígena y permitió la expansión

⁸ Em 1826, a primeira Constituição Política do Estado estabeleceu que os cidadãos bolivianos seriam as pessoas nascidas na Bolívia, maiores de idade, que soubessem ler e escrever e que tivessem uma profissão, emprego ou indústria que não fossem domésticos. Mais tarde, também foi determinado que deveriam perceber uma renda. E – claro – que fossem do gênero masculino. Portanto, as mulheres bolivianas não eram reconhecidas como cidadãs. Essa situação, bastante difundida no mundo, perdurou por muitos anos (Lema; Choque; Jiménez, 2006, p. 24, *tradução nossa*).

⁹ [...] desenvolveu também uma modalidade intermediária, o arrendamento, que era um tipo de usufruto que ocorreu com particular força nas regiões mais produtivas, como os vales cochabambinos e yungueños. Nas cidades e vilas, as mulheres mestiças consolidaram sua vocação de comerciantes de varejo e, em alguns casos, também em maior escala. Como efeito das guerras de Independência, a mortalidade masculina foi elevada e levou as mulheres a desenvolverem novas atividades econômicas (Lema; Choque; Jiménez, 2006, p. 24, *tradução nossa*).

de las haciendas, sobre todo en la región del altiplano. Mestizos y criollos aprovecharon la situación y se apoderaron de las tierras con engaños o por la fuerza. A consecuencia de este proceso, los antiguos propietarios indígenas pasaron a ser la mano de obra de las haciendas, con el nombre de colonos. En otros casos, los indígenas prefirieron migrar a las minas, entonces en pleno auge, o a las ciudades. Las mujeres continuaron trabajando como mitanis, es decir, cumpliendo tareas de servicio doméstico gratuito y obligatorio en casa de los hacendados, tanto en el campo como en las ciudades (Lema; Choque; Jiménez, 2006, p. 29)¹⁰.

A Lei de *Desvinculação* foi sentida por muitos anos, pois acarretou aumento da pobreza e do deslocamento forçado para áreas urbanas e sujeitou esses povos ao subemprego. Embora o objetivo principal dessa lei fosse o desenvolvimento agrário da Bolívia, ela trouxe grandes consequências para toda a sociedade, mantendo o poder nas mãos de poucos, retirando autonomia, fragmentando a tradições dos povos e comunidades originárias.

Inconformados com a situação, as comunidades indígenas passaram a lutar por suas terras visando rebater a opressão e o domínio obrigatório. Em 1905, houve uma nova forma de resistência dos povos originários: a luta legal, com objetivo de preservar seus direitos e suas terras. Esse marco foi importante na Bolívia, pois trouxe resistência de forma estratégica, pela qual os indígenas passaram a desafiar de maneira legal (embasados por lei) por meio de associações e petições nos tribunais, solicitando a retomada de suas terras. Porém, muitos do sistema judiciário apoiavam a elite latifundiária, o que resultou em uma acirrada luta pelos direitos indígenas que, finalmente, abriu espaço para novas formas de reconhecimento dos povos indígenas. Todavia, parte de algumas terras se manteve com a elite, enquanto outra retornou para as comunidades indígenas.

O embate explicitou as dificuldades enfrentadas e que lutar e resistir era sim uma maneira de demonstrar as insatisfações que os indígenas estavam passando por anos e anos de opressão e usurpação.

Durante muchos años fueron brutalmente masacradas y perseguidas, optaron en 1905 por una nueva forma de resistencia: la lucha legal para la defensa de sus tierras. Uno de los pocos estudios sobre el tema se refiere a las elites paceñas de la primera mitad del siglo XX; el mismo revela que las mujeres tenían una gran capacidad para ejercer el “don de mando”. Además, esta situación permitió que adquirieran cierta independencia económica, muy valorada por ellas, incluso más que los derechos

¹⁰ Em 1874, o governo de Tomás Frías aprovou a “Lei de Exvinculação”, que implicou a venda das terras das comunidades indígenas. Embora essa lei tenha sido aplicada somente a partir de 1880, foi um golpe muito duro à propriedade indígena e permitiu a expansão das fazendas, sobretudo na região do altiplano. Mestiços e crioulos aproveitaram a situação e se apoderaram das terras com enganos ou pela força. Como consequência desse processo, os antigos proprietários indígenas passaram a ser mão de obra das fazendas, sob o nome de colonos. Em outros casos, os indígenas preferiram migrar para as minas, então em pleno auge, ou para as cidades. As mulheres continuaram a trabalhar como mitanis, ou seja, cumprindo tarefas de serviço doméstico gratuito e obrigatório nas casas dos fazendeiros, tanto no campo quanto nas cidades (Lema; Choque; Jiménez, 2006, p. 29, *tradução nossa*).

civiles, pues les daba mayor autonomía, seguridad y capacidad para negociar (Lema; Choque; Jiménez, 2006, p. 34)¹¹.

Desde o período de colônia, existiu o sistema de *pongueaje*¹² que obrigava o trabalho forçado aos indígenas. Ele deprimiu a imensa maioria dos *quechuas* e *aymaras* social e economicamente, cujas vidas foram impactadas por um sistema semifeudal, carente de técnicas de melhor produção e que até hoje utiliza o arado de pau e o par de bois para o preparo da terra e a semeadura.

Segundo Prado (1971, p. 13), a reforma agrária boliviana, em dois de agosto de 1953, excluiu o sistema tradicional de “*pongueaje*”. A reforma foi importante porque ela trouxe uma redistribuição das terras para os povos camponeses e indígenas que estavam em uma situação de pobreza e de marginalização na sociedade boliviana.

O governo boliviano determinou garantias de posse, aos indígenas e camponeses, das terras que eram improdutivas, bem como a venda de terras a preços justos com tamanhos determinados de cada propriedade.

A população boliviana ficou dividida entre as etnias de crioulos (ascendentes europeus, que nasceram na colônia e faziam parte da elite colonial), mestiços (mistura étnica entre os espanhóis e os indígenas) e indígenas dos povos *aymara* e *quechua*.

En Bolivia y otros países latinoamericanos la palabra indio se aplica a un hombre que vive en el campo, en la montaña o en las alturas de una estancia, y se le dice selvícola o sevaje, al que lleva una vida tribal y habita los misteriosos bosques de Pando, Beni, Santa Cruz, Cochabamba y La Paz (Prado, 1971, p. 10)¹³.

Na atualidade, a Bolívia possui 36 povos indígenas, com suas particulares linguagens, culturas e tradições. Mazuelo (2008) elucida que a Bolívia é dividida em três regiões geográficas de povos originários: os que nasceram na região seca do Chaco habitada pelos povos guaranis, no sudeste do país; os que habitam a região da Amazônia boliviana, a Leste e

¹¹ Durante muitos anos, foram brutalmente massacradas e perseguidas, optando em 1905 por uma nova forma de resistência: a luta legal pela defesa de suas terras. Um dos poucos estudos sobre o tema se refere às elites paceñas da primeira metade do século XX; o estudo revela que as mulheres tinham uma grande capacidade de exercer o “domínio de mando”. Além disso, essa situação permitiu que adquirissem certa independência econômica, muito valorizada por elas, até mais que os direitos civis, pois lhes dava maior autonomia, segurança e capacidade de negociação (Lema; Choque; Jiménez, 2006, p. 34, *tradução nossa*).

¹² Pongueaje, trabalho forçado aos indígenas, que após trabalharem por uma semana poderiam plantar em uma parte da terra, sem salários justos, por exploração dos colonizadores. Esse tipo de trabalho também era realizado nas minas (Aranibar, 2011, p. 66).

¹³ Na Bolívia e em outros países latino-americanos, a palavra *indio* é aplicada a um homem que vive no campo, na montanha ou nas alturas de uma fazenda, sendo chamado de *selvícola* ou *selvagem*, aquele que leva uma vida tribal e habita as misteriosas florestas de Pando, Beni, Santa Cruz, Cochabamba e La Paz (Prado, 1971, p. 10, *tradução nossa*).

Nordeste do país, com diversos povos indígenas conhecido como os *tacanas*, *tsimane*, *yuracaré*, *mojeño* e *chimán*; e os que habitam o altiplano, nas montanhas da Cordilheira dos Andes, a Oeste do país, como os povos indígenas *aymara*, *quechuas* e *uros*.

Os grupos indígenas *chiquitanos* são das terras baixas bolivianas, *ava-guarani* (falam o guarani), *movima* (linguagem *movima*, em extinção) e os *moxeno* (linguagem *arawak*): “*En Bolivia, el indio es el campesino mestizo, casi en su mayoría grupos de quechuas y aymaras, a excepción de algunas pequeñas comunidades que viven encerradas en su aislamiento y sin ningún influjo de carácter social*”¹⁴ (Prado, 1971, p. 11).

Prado (1971, p. 9) aponta que existem quatro aspectos taxonômicos que fazem com que uma pessoa seja considerada indígena: o biológico, o cultural, o linguístico e o psicológico:

A) Lo biológico, consideración de una serie de caracteres somáticos “no europeos”. B) Cultural, a partir de la consideración de objetos, técnicas y credenciales de origen precolombino y europeo, pero que no son utilizados por los blancos. C) Lingüístico, en relación con todo lo relacionado con el fenómeno del monolingüismo indígena. D) Psicológica, basada en la consideración de sí mismo que el individuo se siente o es parte de una comunidad indígena. Es un indio que se siente perteneciente a una comunidad indígena, y es una comunidad indígena donde predominan los elementos somáticos en los europeos, que habla perfectamente una lengua indígena, que plantea en su cultura material y espirituais elementos indígenas en fuerte proporción y que, por último, tiene un sentido social de comunidad aislada de otras comunidades que lo rodean, lo que distingue al animismo de los Pueblos blancos y mestizos (Prado, 1971, p. 9)¹⁵.

As mulheres bolivianas exerciam diferentes papéis sociais no período colonial. Já as mulheres espanholas, que eram as filhas ou esposas dos espanhóis, tinham uma posição superior diante da sociedade elitizada. Por sua vez, as mulheres indígenas se encontravam diante de opressão, violência e exploração, com trabalhos forçados para as famílias colonizadoras.

As mulheres mestiças (entre os indígenas e espanhóis) possuíam uma relação intermediária diante da sociedade, fazendo relativas mediações entre os grupos de espanhóis e os indígenas colonizados.

¹⁴ Na Bolívia, o indígena é o camponês mestiço, em sua maioria formado por grupos de quechuas e aymaras, com exceção de algumas pequenas comunidades que vivem isoladas, sem nenhum tipo de influência social. (Prado, 1971, p. 11, *tradução nossa*).

¹⁵ A) Biológico, consideração de uma série de caracteres somáticos “não europeus”. B) Cultural, a partir da consideração de objetos, técnicas e credenciais de origem pré-colombiana e europeia, mas que não são utilizados pelos brancos. C) Linguístico, em relação a tudo o que diz respeito ao fenômeno do monolinguismo indígena. D) Psicológico, baseado na consideração de si mesmo, no qual o indivíduo se sente ou é parte de uma comunidade indígena. É um índio que se sente pertencente a uma comunidade indígena, e é uma comunidade indígena onde predominam os elementos somáticos dos europeus, que fala perfeitamente uma língua indígena, que incorpora em sua cultura material e espiritual elementos indígenas em forte proporção e que, por fim, tem um sentido social de comunidade isolada das outras comunidades ao redor, o que distingue o animismo dos povos brancos e mestiços (Prado, 1971, p. 9, *tradução nossa*).

As *cholas* da Bolívia eram as indígenas que passaram da colonização até a primeira metade do século XX, resistindo às formas de opressão e mantiveram sua identidade selada pela preservação cultural.

1.2 AS CHOLAS BOLIVIANAS: DA DOMINAÇÃO COLONIAL ATÉ A PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

As dominações das colonizadoras espanholas fizeram com que as mulheres indígenas bolivianas tivessem que se vestir com trajes semelhantes aos do país Basco (extremo norte) e da Andaluzia (costa sul), duas Comunidades Autônomas da Espanha, os quais eram compostos de saias rodadas, duas tranças nos cabelos e roupas com tons pastéis.

Em 1770 e 1782, a Bolívia passou por rebeliões advindas dos indígenas. O primeiro foi liderado por Tupac Katari, por causa dos impostos abusivos dos colonizadores.

A revolta obteve mais de 50 mil indígenas apoiadores, na cidade de La Paz.

Bartolina Sisa Esposa de Tupac Katari, nació en Caracato (actual provincia Loayza, departamento de La Paz) entre 1757 y 1762. Fue nombrada Virreina por los rebeldes y comandó un sector importante del ejército indio, ubicando su cuartel general en Pampajasi. Fue apresada por el ejército español el 2 de julio de 1781, juzgada y sentenciada a morir en la horca. Antes de ser ejecutada fue conducida desnuda, atada a la cola de un caballo, por las calles de La Paz hasta el cadalso levantado en la Plaza de Armas, junto con Gregoria Apaza y otros indios. Fue ahorcada en La Paz el 5 de septiembre de 1782. Se clavó su cabeza en una picota, que se expuso primero en Cruzpata (Alto San Pedro, La Paz); sus manos, con un rótulo con su nombre, fueron llevadas a Pampajasi y luego a Ayo Ayo y Sapahaqui (Lema; Choque; Jiménez, 2006, p. 18)¹⁶.

Após a revolta, as mulheres indígenas, que usavam as roupas por imposição das vestimentas espanholas, passaram a adaptar suas vestimentas de maneira a refletir não apenas suas condições de vida no campo, mas também sua própria cultura. Isso incluiu o uso das tradicionais saias chamadas “*polleras*”, com modelos coloridos e com acompanhamento de mantas nas costas e chapéus para proteção contra o frio nas regiões mais elevadas.

¹⁶ Bartolina Sisa, esposa de Tupac Katari, nasceu em Caracato (atual província Loayza, departamento de La Paz) entre 1757 e 1762. Foi nomeada Virreina pelos rebeldes e comandou um setor importante do exército indígena, estabelecendo seu quartel-general em Pampajasi. Foi capturada pelo exército espanhol em 2 de julho de 1781, julgada e condenada à morte na forca. Antes de ser executada, foi conduzida nua, amarrada à cauda de um cavalo, pelas ruas de La Paz até o cadafalso levantado na Praça de Armas, junto com Gregoria Apaza e outros indígenas. Foi enforcada em La Paz em 5 de setembro de 1782. Sua cabeça foi cravada em uma picota, que foi exposta primeiro em Cruzpata (Alto San Pedro, La Paz); suas mãos, com um rótulo com seu nome, foram levadas a Pampajasi e depois a Ayo Ayo e Sapahaqui (Lema; Choque; Jiménez, 2006, p. 18, *tradução nossa*).

El surgimiento del cholaje como clase social con la rebelión indígena de 1781: algunos datos históricos señalan que el traje de la chola fue una imposición de la corona española que se dio después de esa sublevación, cuando se obligó a los indígenas a vestir ropas españolas de pueblo, como el traje mestizo del “chulo”. De ese modo, el traje de la chola tendría su origen en el de la “chulapa” madrileña quien usaba el “mantón de Man” (Salazar; Sigl, 2014, p. 9)¹⁷.

Após a morte de Tupac Katari, no ano de 1782, uma segunda rebelião acontece na Bolívia, liderada por Gregório Condori Mamani, com a participação de aproximadamente 20 mil indígenas, na cidade de La Paz.

Entre 1770 y 1782, los Andes, y específicamente el Perú (tanto el Bajo Como el Alto Perú), que correspondía a la Audiencia de Charcas), fue el escenario de numerosos levantamientos indígenas, desde el Cusco hasta Potosí, pasando por La Paz, Oruro y numerosos otros lugares. Una de las causas de estos levantamientos fue el incremento en los impuestos de aduanas internas, que afectó específicamente a los caciques indígenas comerciantes, y que se produjo en un contexto de protestas casi crónicas contra los abusos que cometían autoridades españolas, como los corregidores o los curas, en contra de los indígenas. Se denunciaba, por ejemplo, que estos últimos daban mal ejemplo al abusar de las mujeres indígenas o que los primeros exigían contribuciones que iban contra toda ley y justicia (Lema; Choque; Jiménez, 2006, p. 17)¹⁸.

As mulheres indígenas após as rebeliões transformaram as suas roupas em *polleras* coloridas fabricadas com material do campo, elas também mantiveram suas duas tranças nos cabelos e por conta de lugares frios usaram mantas, o que as diferenciava das mulheres espanholas. Para Aguilar (2017, p. 15), “*la mujer del chulo, es la chula.... Se viste con saya larga, plisada, con una blusa adornada de encajes y volados, sobre los hombros lleva un manton de Manila*”¹⁹. A maioria das *cholas* era esposa de homens trabalhadores que viviam em áreas rurais, campos e fazendas afastadas do centro urbano.

¹⁷ O surgimento do *cholaje* como classe social com a rebelião indígena de 1781: alguns dados históricos apontam que o traje da *chola* foi uma imposição da coroa espanhola que ocorreu após essa sublevação, quando os indígenas foram obrigados a vestir roupas espanholas de povo, como o traje mestiço do “chulo”. Dessa forma, o traje da *chola* teria sua origem no da “chulapa” madrilenha, que usava o “mantón de Man” (Salazar; Sigl, 2014, p. 9, *tradução nossa*).

¹⁸ Entre 1770 e 1782, os Andes, e especificamente o Peru (tanto o Baixo quanto o Alto Peru), que correspondia à Audiência de Charcas, foi o cenário de numerosos levantes indígenas, desde Cusco até Potosí, passando por La Paz, Oruro e diversos outros lugares. Uma das causas desses levantes foi o aumento nos impostos das alfândegas internas, que afetou especificamente os caciques indígenas comerciantes, e ocorreu em um contexto de protestos quase crônicos contra os abusos cometidos por autoridades espanholas, como os corregedores ou os padres, contra os indígenas. Denunciava-se, por exemplo, que estes últimos davam mau exemplo ao abusar das mulheres indígenas ou que os primeiros exigiam contribuições que iam contra toda a lei e justiça (Lema; Choque; Jiménez, 2006, p. 17, *tradução nossa*).

¹⁹ “A mulher do chulo é a chula... Ela se veste com uma saia longa, plissada, com uma blusa adornada com rendas e babados, e sobre os ombros leva um manto de Manila” (Aguilar, 2017, p. 15, *tradução nossa*).

Essa situação fez com que as indígenas tivessem relações forçadas com os espanhóis, gerando filhos mestiços. Pois elas eram as babás, empregadas e criadas dos colonizadores. No fim do século XVIII, as roupas das mulheres sofreram uma mudança para o uso da época, sendo classificadas por grupos étnicos.

Manuela Gandarillas, idosa e cega, liderou no dia 27 de maio de 1812, uma luta importante, na cidade de Cochabamba, em que mulheres bolivianas de *polleras* saíram para a batalha contra as tropas espanholas. As participantes eram idosas, crianças e adolescentes. As mulheres pegaram armas improvisadas e se situaram na praça La Coronilla, para enfrentarem o armado e forte exército espanhol. Muitas mulheres de *polleras* morreram, mas foram notadas com resistência e coragem antes da independência boliviana. E em nome dessas mulheres guerreiras e de *polleras*, hoje no país é comemorado o Dia das Mães,

Entre las hazañas más recordadas de la gesta femenina se destaca la de las mujeres que, heroicamente, defendieron el puesto de la Coronilla en la ciudad de Cochabamba, en un duro enfrentamiento entre patriotas y realistas el 27 de mayo de 1812. Estas mujeres de pollera pasaron a la historia con el nombre de las “heroínas de La Coronilla”. A partir de 1927, el Día de la Madre en Bolivia se celebra en esa fecha para recordar dicho acontecimiento (Lema; Choque; Jiménez, 2006, p. 21)²⁰.

Após lutas e resistências do povo boliviano, a independência foi concretizada em 1825. As mulheres *cholas* estavam presentes em todas essas conquistas, demonstrando que participavam de forma direta e indireta do contexto político e econômico. Essas mulheres estavam nos campos agrícolas, nos centros urbanos e também nas guerrilhas de batalhas.

1.3 A CHOLA BOLIVIANA NO SÉCULO XX

Na primeira metade do século XX, tanto na Bolívia quanto no Peru, a *chola* boliviana estava representada no contexto cultural, histórico e social da época, em que as mulheres desempenhavam múltiplos papéis na sociedade, contribuindo para a economia, a política e a sociedade do século XX. A Bolívia teve uma importante participação dos rebeldes *aymaras* no ano de 1898, liderados por Pablo Zárate Willka, contra o governo questionando suas terras, as altas cobranças tributárias e a forma de política. Esse movimento foi um marco histórico para os povos indígenas chamado de Rebelião Federalista:

²⁰ Entre as façanhas mais lembradas da luta feminina destaca-se a das mulheres que, heroicamente, defenderam o posto da Coronilla na cidade de Cochabamba, em um duro confronto entre patriotas e realistas em 27 de maio de 1812. Essas mulheres de pollera passaram para a história com o nome de ****heroínas de La Coronilla****. A partir de 1927, o Dia das Mães na Bolívia é celebrado nesta data para recordar esse acontecimento (Lema; Choque; Jiménez, 2006, p. 21, *tradução nossa*).

En 1898 los rebeldes Aymaras que buscan la devolución de sus tierras comunitarias pactan con el Partido Liberal y contribuyen a la victoria de La Paz contra Sucre en la Guerra Federal (diciembre 1898-abril 1899). No solo se traslada la sede de gobierno a su sitio actual, sino que el ejército liberal es traicionado por los Aymaras sublevados bajo el mando de Zárate Willka quienes radicalizan sus demandas: una república india. Lo que sorprende es que Cochabamba, lugar de intensa parcelación de la tierra en manos de campesinos, de los altos niveles educativos y participación política chola y presencia simbólica de la chichería y de la chola cochabambina. (Sologuren, 2017, p. 3)²¹.

O século XX diferenciou os *cholos* mestiços, misturas étnicas de indígenas com europeus, adotando hábitos ocidentais e de comportamentos diferenciados, os que eram originários indígenas (que mantinham seus trajes e trabalhos informais). Essa definição foi de extrema importância, pois revelou diferentes hierarquias, modelos sociais, modificação e demarcação da identidade da Bolívia.

Para una mayor comprensión de que se trata de dos estratos distintos, cabe ahondar en la relación entre “lo” cholo y “lo” mestizo: mientras en el siglo XIX cholo y mestizo eran términos sinónimos, en el siglo XX se dio una separación definitiva del significado de mestizo y cholo. Entonces, como demostraremos en lo que sigue, es completamente erróneo asumir que el cholaje actual haya surgido del cholaje “señorial” de antaño. (Salazar; Sigl, 2014, p. 2)²².

No final do século XX inicia-se um importante fenômeno trazendo visibilidade aos indígenas originários: a *Cholaje*. Mantendo a identidade *chola* a partir do poder, força, tradição e, principalmente, forte atuação na economia e na sociedade.

Nuevamente, recalamos que el cholaje señorial de fines del siglo XIX y parte del XX ya se había alejado muchísimo de su extracción indígena y que más bien representaba un sector pudiente, de clase media-alta, despreciado y odiado por los propios indígenas quienes en muchos casos no tenían otra opción que trabajar como su servidumbre o venderles sus productos agrícolas ya, que esos cholos (y sobre todo, las *cholas*) eran los únicos intermediarios que hablaban su idioma. (Salazar; Sigl, 2014, p. 14)²³.

²¹ Em 1898, os rebeldes Aymaras que buscavam a devolução de suas terras comunitárias firmaram um pacto com o Partido Liberal e contribuíram para a vitória de La Paz contra Sucre na Guerra Federal (dezembro de 1898-abril de 1899). Não apenas a sede do governo foi transferida para o local atual, mas o exército liberal foi traído pelos Aymaras sublevados sob o comando de Zárate Willka, que radicalizaram suas demandas: uma república indígena. O que surpreende é que Cochabamba, um lugar de intensa divisão da terra nas mãos dos camponeses, com altos níveis educacionais e participação política *chola*, além da presença simbólica da chichería e da *chola* cochabambina (Sologuren, 2017, p. 3, *tradução nossa*).

²² Para uma maior compreensão de que se trata de dois estratos distintos, é importante aprofundar na relação entre “o” cholo e “o” mestiço: enquanto no século XIX cholo e mestiço eram termos sinônimos, no século XX houve uma separação definitiva no significado de mestiço e cholo. Assim, como demonstraremos a seguir, é completamente errado assumir que o *cholaje* atual tenha surgido do *cholaje* “senhorial” de antigamente (Salazar; Sigl, 2014, p. 2, *tradução nossa*).

²³ Novamente, ressaltamos que o *cholaje* senhorial do final do século XIX e parte do século XX já havia se afastado consideravelmente de sua origem indígena e representava mais um setor abastado, de classe média-alta,

Diferentes classes sociais foram distinguindo as *cholas* bolivianas: a classe elitizada, que tinha poder dinheiro e riqueza, demonstrando formas de vestir luxuosa, dentes de ouro, *polleras* brilhosas, e um outro grupo da classe baixa que trabalhava nas ruas, passando por grande discriminação e pobreza.

En años posteriores el cholaje siguió protagonizando las luchas sociales desde sus organizaciones sindicales (Federación Obrera Local, Federación Obrera Femenina, Unión Sindical de Culinarias, Floristas y otros que se fundaron desde 1927-1930), que planteaban el derecho a la igualdad y justicia social frente a la discriminación que sufrían de las señoras de la élite criolla. Organizados en mutuales de gremios, los artesanos y obreros caliicados desde principios del siglo XX promueven los sindicatos y partidos. Así, quienes comercializaban productos, atendían chicherías y picanterías, vendían en el mercado, hacían de sirvientas en casas oligárquicas, formaban parte de una clase social emergente de cholos que reclamaba al Estado de la rosca minero feudal sus derechos como ciudadanos (Salazar; Sigl, 2014, p. 17)²⁴.

O grupo de maior poder *cholo* foi denominado como *cholaje aristocrata*, eram os que obtinham as classes mais altas e estavam em melhores posições na sociedade, eram a elite:

Se trata de una visión que debe comprenderse en el marco de su época (a mediados del siglo XX): en ese entonces, el cholaje “aristocrático” era una clase dominante frente a los indios, incluyendo a los cholos letrados que hacían de tinterillos en los juzgados, defendiendo o viviendo a expensas de los indígenas frente al patrón; como también ayudando a los hijos de los campesinos indígenas a migrar a la ciudad, dándoles un hogar y trabajo, buscándoles un empleo para ascender de clase. A partir de 1952, la situación de los indígenas cambió radicalmente: muchos llegaron a la ciudad de Chuquiago y se apropiaron del traje de la chola señorial transformándolo para sobrevivir en la urbe, buscando ciudadanía y poder económico, en muchas situaciones negando su condición inicial hasta cambiarse los apellidos nativos por la fuerte discriminación hacia lo indígena. Así, los aymaras migrantes se vistieron de telas importadas para enfrentar la sociedad moderna y capitalista, readecuando el traje para sus propios fines (Salazar; Sigl, 2014, p. 18)²⁵.

desprezado e odiado pelos próprios indígenas, que em muitos casos não tinham outra opção senão trabalhar como sua servidão ou vender seus produtos agrícolas para esses cholos (e, sobretudo, para as *cholas*), que eram os únicos intermediários que falavam sua língua (Salazar; Sigl, 2014, p. 14, *tradução nossa*).

²⁴ Nos anos seguintes, o *cholaje* continuou a protagonizar as lutas sociais por meio de suas organizações sindicais (Federação Operária Local, Federação Operária Feminina, União Sindical de Cozinheiras, Floristas e outras que foram fundadas entre 1927 e 1930), que reivindicavam o direito à igualdade e justiça social frente à discriminação que sofriam das senhoras da elite criolla. Organizados em mutualidades de gremios, os artesãos e operários qualificados, desde os princípios do século XX, promovem sindicatos e partidos. Assim, aqueles que comercializavam produtos, atendiam *chicherias* e picanterias, vendiam no mercado, trabalhavam como empregadas em casas oligárquicas, faziam parte de uma classe social emergente de cholos que reivindicava ao Estado da rosca mineradora feudal seus direitos como cidadãos (Salazar; Sigl, 2014, p. 17, *tradução nossa*).

²⁵ Trata-se de uma visão que deve ser compreendida no contexto de sua época (meados do século XX): naqueles tempos, o *cholaje* “aristocrático” era uma classe dominante frente aos indígenas, incluindo os cholos letrados que atuavam como tabeliães nos tribunais, defendendo ou vivendo à custa dos indígenas perante o patrão; como também ajudando os filhos dos camponeses indígenas a migrarem para a cidade, oferecendo-lhes um lar e trabalho, buscando para eles uma oportunidade de ascensão social. A partir de 1952, a situação dos indígenas mudou radicalmente: muitos chegaram à cidade de Chuquiago e se apropriaram do traje da *chola* señorial, transformando-o para sobreviver na urbe, buscando cidadania e poder econômico, muitas vezes negando sua condição inicial até mudarem seus sobrenomes nativos devido à forte discriminação contra o indígena. Assim, os

A presença das *cholas* da tradição boliviana era marcante em várias regiões do país, elas estavam em áreas urbanas e rurais, representando uma conexão entre tradição e modernidade. Elas passam a serem distinguidas em *cholas* ricas da elite aristocrata, em comparação as que viviam nos campos distantes em áreas rurais, com cultura de subsistência, e as que vinham para as cidades em busca de trabalho como domésticas e vendedoras “ambulantes”, possuidoras de classe baixa, discriminação e preconceitos.

1.4 A MULHER DE *POLLERA* NA BOLÍVIA: A ELITE *VERSUS* A DISCRIMINAÇÃO E O PRECONCEITO

As mulheres de *polleras* estão em vários departamentos bolivianos, em áreas rurais, urbanas e cruzando as fronteiras em vários países do mundo. As *cholas* possuem formas distintas de se apresentar na sociedade.

1.4.1 A elite das *cholas*: um mundo de *polleras*

A elite *chola* tinha orgulho de ser da *cholaje* desde o final do século XX, elas estavam em um alto poder e exerciam grande papel na sociedade. Elas usavam *polleras* volumosas com várias camadas, brilhos, enchiam-se de ouro demonstrando empoderamento e luxo nos eventos sociais.

O destaque na forma de se comportar, reescreve uma nova forma na história do país, em que antes era demarcada anteriormente por preconceito, agora era substituída pela *cholaje* aristocrática de poder e riqueza, com mulheres de *polleras* na alta classe boliviana. A Elite das *cholas*: possuem *polleras* (sai) específica da cultura *chola*, focalizado na interseção entre identidade, classificação social e expressão cultural através do uso das *polleras*: uma peça central do vestuário tradicional das mulheres da aristocracia boliviana. Esta expressão evoca uma dinâmica social complexa onde a exibição das *polleras* determinam os estratos sociais dentro das comunidades de mulheres tradicionais da alta sociedade boliviana.

Neste contexto, a “elite das *cholas*” pode ser interpretada como um grupo dentro da sociedade *chola* que detém acesso privilegiado às *polleras* mais elaboradas, caras e simbolicamente significativas. Este grupo pode incluir mulheres de alta posição social, líderes comunitárias, empreendedoras ou aquelas que têm recursos econômicos para adquirir e exibir *polleras* de alta qualidade.

migrantes aymaras vestiram tecidos importados para enfrentar a sociedade moderna e capitalista, adaptando o traje para seus próprios fins (Salazar; Sigl, 2014, p. 18, *tradução nossa*).

Al igual que la chola señorial, también la chola actual ostenta su posición social mediante el (a veces excesivo) uso de joyas que se da principalmente en el ámbito festivo. Las joyas más utilizadas son: bastón, topo, rama, ramillete, rosquel, tobillera, anillos y aretes, trabajados en oro de 18 quilates y en plata 900 dms, empleando las técnicas del vaciado, fundido y grabado forjado. En el bastón y el topo suelen utilizarse “un promedio de 15 a 20 gramos de oro o plata, además de perlas netas y chispas de rubíes, que dan categoría a quien las luce (Salazar; Sigl, 2014, p. 140)²⁶.

As festas na fronteira entre Corumbá (Brasil) e Puerto Quijarro (Bolívia) são marcadas por grupos de mulheres cholas que dançam e caminham em procissão em honra à Virgem Urkupina e à Virgem de Copacabana. Escolhemos destacar essas celebrações por atravessarem os dois lados da fronteira, começando no Brasil e cruzando até a Bolívia. Várias das fotos usadas nesta pesquisa foram tiradas durante essas festas na fronteira.

A festividade tem raízes históricas profundas, remontando ao período pós-colonial, quando os povos indígenas, após a chegada dos colonizadores espanhóis, adotaram diversas crenças, em particular o catolicismo. Esse processo resultou na transformação de suas religiões tradicionais, baseadas no culto à Terra, ao Raio e ao Sol, em uma fusão com os cultos católicos, criando um sincretismo religioso. Esse fenômeno é intensificado pela localização geográfica na fronteira, onde é possível perceber influências tanto brasileiras quanto bolivianas em toda a celebração. A festa tem início com uma missa no Brasil e termina na Bolívia, refletindo a união das duas culturas.

Pessoas de ambos os países participam ativamente, com danças, celebrações, cultos e procissões, criando uma aculturação que se torna única e complexa por ocorrer nesse espaço fronteiriço. A procissão que atravessa os dois países representa uma cultura compartilhada, envolvendo tanto os brasileiros que observam quanto as pessoas desse contexto fronteiriço, que dançam e propagam a fé, tornando a celebração um símbolo de união e identidade cultural mútua.

A elite *chola* se veste de maneira a mostrar *status* sociais, de poder e riqueza utilizando em suas *polleras* tecidos caros, com brilhos e acessórios que demonstram poder aquisitivo (Imagem 1).

²⁶ Assim como a *chola* senhorial, a *chola* atual também ostenta sua posição social por meio do (às vezes excessivo) uso de joias, principalmente no âmbito festivo. As joias mais utilizadas são: bastão, topo, ramo, ramallete, rosquinha, tornozeleira, anéis e brincos, trabalhados em ouro de 18 quilates e prata 900 dms, utilizando as técnicas de fundição, fusão e gravação forjada. No bastão e no topo, costuma-se utilizar "uma média de 15 a 20 gramas de ouro ou prata, além de pérolas puras e lascas de rubis, que conferem categoria a quem as usa" (Salazar; Sigl, 2014, p. 140, *tradução nossa*).

Imagem 1 – Mulheres *cholas* da elite com trajes típicos na fronteira Brasil-Bolívia



Festividade. Local: Corumbá-MS. Rostos anonimizados. Fonte: Fotos da autora, 2024.

Este mundo das *polleras* não apenas reflete diferenciações de classe e status dentro das comunidades *cholas*, mas também incorpora uma série de significados culturais, simbólicos e estéticos. Existe a produção e o comércio de *polleras*, as normas sociais e as expectativas em torno de seu uso, bem como as representações e discursos relacionados à "elite das *cholas*" e seu papel na preservação e evolução da cultura *chola*.

1.4.2 *Cholas* na Bolívia: alvo de discriminação, preconceito e racismo

Mujer que sufrió discriminación cuenta el momento en que fue atacada: Cómo me va a discriminar en mi país, en mi Bolivia. Yo muchas veces viajé a otros países y con los brazos abiertos me reciben. Las mujeres con pollera tenemos valor”, dijo María (Jornal Los Tiempos Bolivia, 2018)²⁷.

As reportagens de jornais e no cotidiano, mostram que os indígenas bolivianos após a colonização espanhola apresentam atualmente grandes marcas de racismo e preconceito por aqueles considerados com traços fenóticos “puros” dos colonizadores, que não estão na camada alta da sociedade *cholaje* aristocrata. Esse racismo vai contra a cultura e existência de todos aqueles que possuem traços indígenas de mestiças ou povos originários (dos campos), mantendo uma relação hierarquizada com impactos políticos e culturais mantidos até hoje no coletivo social boliviano. A dominação econômica, política e cultural centralizada nas populações não indígenas envolveram todos os atores sociais do país. “Na América Latina a discriminação e o racismo contra os indígenas nascem vinculados a história colonial e aos estados nacionais pós-colonizadores que mantiveram segregação e dominação desses povos” (Ruiz, 2000, p. 73).

²⁷ Mulher que sofreu discriminação conta o momento em que foi atacada: “Como vão me discriminar no meu país, na minha Bolívia? Eu viajei muitas vezes para outros países e fui recebida de braços abertos. As mulheres com saia têm valor”, disse Maria (Jornal Los Tiempos Bolívia, 2018, *tradução nossa*).

O preconceito racial é um juízo baseado em estereótipo, moral, físico e intelectual a partir da aprendizagem cultural. A discriminação social depende de quem discrimina, a forma de poder para atuar com tratamento diferenciado a grupos sociais, o poder do macro ou micro racismo tem a prática como fundamento conscientes ou inconscientes.

O etnocentrismo dos colonizadores acaba tornando hegemônica a pigmentocracia, em que uma pessoa deixa de sofrer preconceito devido à pigmentação da pele ser próxima aos dos colonizadores. Na Bolívia existe acentuado racismo, desigualdade e discriminação ante às mulheres de *polleras*. Muitas são marginalizadas e sofrem grandes impactos negativos em função de sua forma de se comportar, por ser de uma classe social visualmente desfavorecida, como se fosse uma “casta inferior”, simplesmente por manter uma cultura centenária, por não possuir os traços fenótipos dos colonizadores e por não estarem na elite de *pollera*.

O preconceito e discriminação contra as *cholas* com vestimentas tradicionais, na Bolívia foram durante muitos anos mantidas pela política nacional, pois era proibido que mulheres de *pollera* utilizassem alguns serviços públicos, por estarem com suas vestimentas tradicionais.

Em 15 de agosto de 1935, em La Paz, na Bolívia, um decreto decidiu a proibição em âmbito municipal que proibia as *cholas* de utilizarem transporte e espaços públicos usando as *polleras*. O decreto tinha o pretexto de que incomodavam as “senhoras”. O decreto gerou uma reação indignada entre as *cholas*, que se concentraram massivamente nos mercados públicos sendo impedidas por conta desta proibição, a consequência foi uma mobilização, com muitas *cholas* nos mercados criando resistência à determinação (Garcia, 2010, p. 50).

Na Bolívia existe acentuado racismo, desigualdade e discriminação diante das mulheres *cholas* de classe baixa que mantêm seu dialeto e sua cultura. Sendo muitas delas possuidoras de marginalização e grandes impactos referentes a sua forma de se comportar, como se fosse uma “camada inferior”, simplesmente por manter sua cultura e por não possuir os traços fenótipos dos colonizadores.

Na classificação racial da Bolívia, existe o branco, indígena amarela, parda ou preta. A Etnia é um conjunto de indivíduos, historicamente têm uma língua em comum ou mesma religião. A Bolívia possui uma população indígena que abrange em torno de 80% de sua população total, também vivencia essa história da América Latina, em que os indígenas vieram lutando por modificar as condições de desigualdades, injustiças e discriminações que a todos afetam (Ruiz, 2000, p. 74).

Bolivia, con una población indígena que abarca alrededor de 80% de su población total, comparte también esta historia de América Latina de los últimos treinta años, en los cuales los indígenas vienen luchando por modificar las condiciones de desigualdad, injusticia y discriminación que los afectan (Ruiz, 2000, p. 74)²⁸.

A Lei nº. 139, de 14 de junho de 2011, no Art. 1º. “Declara-se o dia 24 de maio de cada ano – Dia Nacional contra o Racismo e toda forma de discriminação, em todo o território do Estado Plurinacional da Bolívia”.

A Lei nº. 045, no Art. 5º, contra o racismo e todas as formas de discriminação, promulgada em outubro de 2010:

Adota as seguintes definições: Discriminação. ELE define “discriminação” como qualquer forma de distinção, exclusão, restrição ou preferência fundada em razão de... cultura... Língua... económica, condição social, vestimenta... ou outro... “Esta Lei teve um contributo fundamental a nível nacional, e envolve as empresas públicas e privadas, já não estão proibidas ao ingresso de entrar em diferentes locais de alta nível, como hotéis ou restaurantes de 5 estrelas, e estes são obrigados a publicar "somos todos iguais perante a Lei", então agora podemos ver presente a mulher de saia (polleras) com muito orgulho de todos os lugares onde antes não podiam entrar. Da mesma forma, o Governo Autónomo Municipal contribui para a promulgação da lei municipal 046 declarando Patrimônio Imaterial da Chola de La Paz (Paceña), promulgada em 18 de outubro de 2013, reconhecida como uma mulher lutadora em diferentes fases da vida, assumindo assim diferentes tarefas de sensibilização, preservação, salvaguarda, proteção, promoção e divulgação pela Oficialía Mayor de Culturas, que o integram nas atividades culturais levando o Chola como imagem (Aguilar, 2017, p. 28-29).

As mulheres *cholas* indígenas ou mestiças (indígenas unidas ao colonizador), foram as que mais sofreram violências tanto físicas quanto psicológicas para se manterem diante do preconceito e da discriminação (Imagem 2).

Imagem 2 – Mulheres *cholas* trajas típicos: pedintes na fronteira Brasil-Bolívia



Local: Puerto Quijarro Bolívia. Rostos anonimizados. Fonte: Fotos da autora, 2024.

²⁸ A Bolívia, com uma população indígena que representa cerca de 80% de sua população total, também compartilha essa história da América Latina dos últimos trinta anos, nos quais os indígenas vêm lutando para modificar as condições de desigualdade, injustiça e discriminação que os afetam (Ruiz, 2000, p. 74, *tradução nossa*).

Como observado por Íñiguez (2001, p. 49) as *cholas* podem ser percebidas, a princípio, por suas vestimentas, que, dessa maneira, demonstram o estrato social e regional de cada grupo representado. São ainda identificadas por expressões inscritas em tradições e definidas por lugares sociais e hierarquizados. São elas: “*chola* decente”, boa moça, boa posição social dos pais. *Chola* mediana: comerciante, de origem campesina, mas que vive na cidade. E, por último, a *chola* campesina, que pode ir para cidade, mas permanece com encargos de serviços

1.5 O UNIVERSO SIMBÓLICO DOS TRAJES: *POLLERAS*, *TULLMAS*, BROCHES, MANTAS, SAPATOS, *POLLERAS* E TRANÇAS

Las cholas conservan una vestimenta que las diferencias de las mujeres de otros estratos sociales, y la autoidentificación consciente que representa el uso de la pollera marca una pauta de elección que es una cuestión de género – femenino – porque no hay vestimenta chola específica para los varones (García, 2010, p. 39)²⁹.

As vestimentas tradicionais têm origens profundamente vinculadas à influência da corte espanhola durante esse período, por ser de colonização. Elas refletiam uma fusão única de tradições indígenas e elementos europeus. As mulheres colonizadas foram obrigadas a se vestirem semelhantes às colonizadoras. Posteriormente colonizadas passaram a usar tecidos coloridos e as saias chamadas de *polleras*, blusas bordadas, mantas e ornamentos inspirados na moda espanhola da época, porém com signos bolivianos. Culturalmente, a imagem da *chola* no século XX passa a ser associada a elementos tradicionais, como trajes típicos, linguagem, música e dança. Sua presença era visível em manifestações e protestos, contribuindo para a luta por justiça social e igualdade. Elas foram acompanhando as transformações sociais desempenhando um papel muito importante na economia do país, por meio de um comércio expansivo e informal. Os movimentos sociais liderados por mulheres indígenas trouxeram a promoção de direitos aos povos originários.

As *cholas* através do vestiário demonstram qual é a posição socioeconômica, assim como o grupo de que ela se origina e o tipo de linguagem. “[...] comunica o gênero, idade, status, religiosidade, papéis, identidades individuais e coletivas. A roupa pode comunicar identidades diferentes das identidades de um dia comum e as de festividades” (Aguilar, 2017, p. 19).

²⁹ As *cholas* conservam uma vestimenta que as diferencia das mulheres de outros estratos sociais, e a autoidentificação consciente representada pelo uso da *pollera* estabelece uma escolha que é uma questão de gênero — feminino —, pois não existe uma vestimenta *chola* específica para os homens (García, 2010, p. 39, *tradução nossa*).

Existem as mulheres que ainda vivem nos campos e também as que estão no cenário urbano, trabalhando junto da família para o aumento da renda familiar.

Una de las identidades emergentes es la de dos cholos y cholas, que antes solo indicaba una mezcla entre los indígenas serranos y los criollos blancos, y ahora no tomamos una identidad más amplia, que ubica no solo a los mestizos sino también a los inmigrantes serranos. —Aymaras y quechuas—, lo que implica una especial identidad urbana de habitantes indígenas aptos para reproducir núcleos específicos de organización social y económica (Ruiz, 2000, p. 74)³⁰.

A roupa *chola*, carregada de símbolos históricos e culturais, revela tanto a parte da colonização espanhola, como também as mesclagens de resistência e de cores vibrantes que expressam a herança das comunidades indígenas bolivianas, demonstrando a mescla de elementos da corte espanhola com os do indigenismo originários.

O termo “universo dos trajes *chola*” pode ser descrito cientificamente como um domínio cultural e antropológico que engloba as práticas, símbolos e significados associados aos trajes tradicionais das mulheres da cultura *chola*, geralmente encontradas em regiões da América Latina, como Bolívia e Peru. Este universo abrange elementos similares como tecidos, padrões, cores, acessórios e técnicas de confecção, os quais desempenham papéis importantes na identidade e expressão cultural das comunidades *cholas*.

La estructura de la vestimenta, la cual, con el tiempo, pierde su categoría original y se transforma en un estilo permanente de traje con la consecuente valoración que de ello hacen las clases populares. [...] No la india a ni las cholas, consideran Los suyos vestidos exóticos, nos trajes propios (a Los que se les ha despojado del aire disfraz, con el que a ustedes se refieren a él, Los extranjeros) (Sahonero, 1987, p. 9)³¹.

As mulheres da cultura boliviana de povos originários, que usam *polleras*, dispõem de formas diferentes de vestimenta conforme os lugares em que habitam. Os altiplanos bolivianos são representados pelos departamentos: Cochabamba, Sucre, Potosí, Oruro e La Paz, por isso muitos estudiosos classificam as *cholas* como sendo do altiplano boliviano. Essa distinção, por sua vez, identifica a origem regional de cada grupo, a seguir.

³⁰ Uma das identidades emergentes é a dos cholos e *cholas*, que antes indicava apenas uma mistura entre os indígenas das serras e os crioulos brancos, e agora assumimos uma identidade mais ampla, que abrange não apenas os mestiços, mas também os imigrantes serranos — aimarás e quechuas —, o que implica uma identidade urbana específica de habitantes indígenas capazes de reproduzir núcleos específicos de organização social e econômica (Ruiz, 2000, p. 74, *tradução nossa*).

³¹ A estrutura da vestimenta, que com o tempo perde sua categoria original e se transforma em um estilo permanente de traje, com a consequente valorização das classes populares. [...] Nem as indígenas nem as *cholas* consideram suas roupas exóticas, nem trajes próprios (aos quais foi retirado o ar de fantasia, com o qual vocês, estrangeiros, se referem a elas) (Sahonero, 1987, p. 9, *tradução nossa*).

As *cholas cochabambinas* (originárias de Cochabamba), por exemplo, como apresentado na Imagem 3, usam chapéu branco alto ou médio. A idade de cada uma é simbolizada conforme o tamanho do chapéu. Mulheres mais velhas usam chapéus mais altos, enquanto as mais novas portam os mais baixos. As blusas apresentam mangas bufantes, saias chamadas *polleras*, sempre acima do joelho, usualmente compostas com tecidos leves e brilhantes.

Imagem 3 – Trajes típicos das *cholas cochabambinas*



Esquerda: província onde não se usa sombreiro. Direita: dança *Salay* na fronteira Brasil-Bolívia Festividade. Local: Corumbá-MS. Rostos anonimizados. Fonte: Fotos da autora, 2024.

As *cholas* de Sucre: usam tranças, *polleras* medianas e, em algumas províncias, utilizam os sombreiros, como o da foto (Imagem 4) apresentada a seguir.

Imagem 4 - *Chola* de Sucre na fronteira Brasil-Bolívia



Local: Puerto Quijarro, Bolívia. Fonte: Foto da autora, 2024.

As *cholas paceñas* (de La Paz), por sua vez, exibem chapéu conhecido por *borsalino*, tamanho baixo, com asa curta e que ainda exibe fita para combinar com o tecido do chapéu. A *pollera* é larga e longa. Elas usam sapatos específicos das *cholas*, além de portarem mantas compridas, espessas e muitos acessórios em ouro. Como mostra a *chola* de La Paz (Imagem 5).

Imagem 5 – Mulher *chola* paceña em trajes típicos na fronteira



Festividade. Local: Puerto Quijarro, Bolívia. Rosto anonimizado. Fonte: Foto da autora, 2024.

Já as *cholas potosinas* (de Potosí) utilizam chapéus dotados de asa média (Imagem 6).

Imagem 6 – Mulheres *cholas* em trajes típicos de Potosi



Dança *Tinko* na fronteira Brasil-Bolívia. Local: Puerto Quijarro, Bolívia. Rostos anonimizados. Fonte: Foto da autora, 2024.

As *cholas* de Tarija, no entanto, usam chapéus de cores claras, para um lado da cabeça, e algumas adicionam flor na orelha. Suas *polleras* são curtas e com tecidos brilhantes.

Essas mulheres ainda utilizam mantas laterais geralmente floridas, como ilustram as fotos da Imagem 7:

Imagem 7 – Mulheres *chollas* com trajes e chapéu típicos de Tajira



Fonte: SOMOSTARIJA, 2020.

Saldaña (2016, p. 7) argumenta que a *chola* é, sobretudo, um traço de identidade inerente e constitutiva aos nativos de La Paz (Bolívia), como parte integrante de diversidade cultural que se expressa em diferentes sentidos no imaginário social. Por exemplo: “aguayo é um tecido feito de alpaca ou lã de ovelha, o tecido é utilizado de várias formas, para cobrir as costas (manta), forrar o chão, carregar coisas nas costas, incluindo as crianças (Imagens 8 e 9). É um tecido tradicional” (Aguilar, 2017, p. 62).

Imagem 8 – Mulher *chola* fabricando o tecido Aguayo na fronteira Brasil-Bolívia



Esquerda: fabricação do tecido *Aguayo*. Direita: poncho *Aguayo* pronto. Local: Puerto Quijarro, Bolívia. Rosto anonimizado. Fonte: Fotos da autora, 2024.

Imagem 9 – Tecidos Aguayos de várias cores



Local: Puerto Quijarro, fronteira Brasil-Bolívia. Fonte: Foto da autora, 2024.

As *tullmas* são enfeites usados pelas *cholas*, de fios de lã ou fitas coloridas, que são trançados juntos das tranças das *cholas*. que demonstram as cores, combinam com as *polleras*, marcando estilo, combinações e representando de forma significativa na identidade cultural (Imagem 10).

Imagem 10 – Mulheres *cholas* em trajes típicos: tranças com *tullmas*



Festividade. Locais: Corumbá-MS (esq.), Puerto Quijarro (centro), na fronteira Brasil-Bolívia. Fonte: Fotos da autora, 2024.

Sombrero (chapéu): conhecido como *borsalino* para “*cholitas*”, o nome foi reconhecido por ser fabricado na Itália, o qual apresentava maior durabilidade, qualidade e era importado (Imagens 11, 12 e 13).

Imagem 11 – Diferentes tipos de chapéus usados pelas mulheres *cholas*



De cima para baixo e da esquerda para a direita: Sombreiro Tarija, Sombreiro Potosino, Sombreiro Cochabamba. Local: Puerto Quijarro, na fronteira Brasil-Bolívia. Fonte: Fotos da autora, 2024.

Imagem 12– Mulheres *cholas* com trajes típicos usando sombrero (chapéu)



Festividade. Esquerda: chapéus de aba baixa (Puerto Quijarro). Centro: chapéu de aba alta (Corumbá-MS). Direita: chapéu típico festivo de Cochabamba. Rostos anonimizados. Fonte: Fotos da autora, 2024.

Imagem 13 – Figurantes da dança Morenada com sombreiros, bota alta e brilho



Festividade. Local: Puerto Quijarro, Bolívia. Rostos anonimizados. Fonte: Fotos da autora, 2024.

Polleras são saias plissadas são plissadas e algumas delas, de acordo com o departamento boliviano, possuem várias camadas de tecido. O comprimento varia de acordo com a localidade de origem. São as principais formas de demonstração *chola* que representa regionalidade e status social (Imagens 14, 15 e 16).

Imagem 14 – Mulheres *cholas* em trajes típicos



Local: Corumbá-MS, na fronteira Brasil-Bolívia. Rostos anonimizados. Fonte: Fotos da autora, 2024.

Imagem 15 – Mulheres *cholas* em trajes típicos: *polleras* curtas



Festividade. *Polleras* com representação cochabambina, curtas e com poucas camadas. Local: Corumbá-MS, na fronteira Brasil-Bolívia. Rostos anonimizados. Fonte: Fotos da autora, 2024.

Imagem 16 – Mulheres *cholas* em trajes típicos: *pollera* com várias camadas



Festividade. Local: Corumbá-MS, na fronteira Brasil-Bolívia. Rostos anonimizados. Fonte: Fotos da autora, 2024.

As *cholas* bolivianas utilizam *polleras* em todas as ocasiões, e se apresentam de forma diferente de acordo com o ambiente. Por exemplo: no dia a dia as *polleras* possuem menos brilhos e têm maior simplicidade.

As *polleras* utilizadas em festividades, geralmente possuem cores mais vibrantes, bordados cheios de detalhes, lantejoulas, pedrarias, rendas, demonstrando a importância do evento por meio dos trajes. Desta forma as *polleras* revelam uma forte distinção entre as usadas no cotidiano e as das festividades (conforme Imagem 13, com pedrarias e brilhos).

Paquí o plizado acanalado de la cintura hasta las caderas y de este plizado menudo cae hasta abajo en forma suelta” (Salazar, 2014, p. 159). “[...] la pollera toma los aires heredados de los trajes presillado y acuchillados que usaban las damas del siglo XVII, llamados tontillos que los cubrían con los guarda infantes” (Otero, 1980, p. 121).³²

Mantas: as mulheres espanholas e crioulas usavam mantas, as quais foram adotadas também pelas mestiças. As espanholas as usavam até a metade das costas e as das mestiças cobriam até os quadris (utilizando várias cores). Uma diferenciação entre as espanholas e crioulas e as mestiças é que as mantas das espanholas possuíam telas delicadas, enquanto as das mestiças eram de lã (Imagens 17, 18 e 19). As das mulheres indígenas, chamadas de repouso, eram de Castela ou Baeta (Aguilar, 2017, p. 65).

Imagem 17 – Mulheres *cholas* em trajes típicos: manta.



Festividade. Locais: Corumbá-MS, na fronteira Brasil-Bolívia (esq. e centro); Puerto Quijarro, Bolívia (dir.). Rostos anonimizados. Fonte: Fotos da autora, 2024.

³² “Paquí o plissado acanalado da cintura até os quadris e desse plissado fino cai até o fundo de forma solta” (Salazar, 2014, p. 159). “[...] a pollera assume os ares herdados dos trajes pregueados e cortados que as damas do século XVII usavam, chamados tontillos, que eram cobertos com os guarda-infantes” (Otero, 1980, p. 121, *tradução nossa*).

[...] el bastón era usado para realizar visitas cortas de la vida cotidiana y el Topo era el lujo de la chola elegante que llevaba perlas netas y rubíes engastados... el rosquel era otra de las joyas preferidas por la chola paceña y su uso era cotidiano en la mujer elegante, éste pesaba de 18 a 20 gramos (Aguilar, 2017, p. 66)³³.

O *bastón* é uma barra costurada na parte inferior da *pollera*, com a função de conferir peso e estrutura à peça, garantindo um caimento perfeito. Além de sua função prática, o *bastón* pode ser destacado por meio de cores vibrantes e detalhes brilhantes, agregando beleza e sofisticação à vestimenta.

Imagem 18 – Mulheres *cholas* em trajes típicos: joias, brincos, anéis em ouro



Festividade. Local: Corumbá-MS, na fronteira Brasil-Bolívia. Rostos anonimizados. Fonte: Fotos da autora, 2024.

Segundo Emma Aranzaes viuda de Butrón (1980):

sobre la chaquetilla llevaban una manta llamada de pecho, sujeta a un costado por un alfiler grueso de oro llamado ‘topo’, adornado con perlas legítimas llamadas ‘netas’ pôr no tener perforaciones; encima de ésta una hermosa manta de seda bordada... las orejas adornadas con los tradicionales faluchos, de filigrana, verdaderos encajes finísimos de oro adornados con perlas, otros de forma alargada, adornados con pequeñas palomitas o pajaritos del mismo metal... llevaban en sus dedos anillos con rubíes, esmeraldas y otras piedras preciosas (Butrón *apud* Salazar; Sigl, 2014, p. 21)³⁴.

³³ [...] o bastão era usado para realizar visitas curtas no cotidiano e o Topo era o luxo da *chola* elegante, que usava pérolas puras e rubis engastados... o rosquel era outra das joias preferidas pela *chola* paceña, e seu uso era cotidiano na mulher elegante, pesando de 18 a 20 gramas” (Aguilar, 2017, p. 66, *tradução nossa*).

³⁴ Sobre a jaquetinha, usavam uma manta chamada “de pecho”, presa a um lado com um alfinete grosso de ouro chamado “topo”, adornado com pérolas legítimas chamadas “netas” por não terem perfurações; por cima dessa manta, uma linda manta de seda bordada... as orelhas adornadas com os tradicionais faluchos, de filigrana, verdadeiros rendados finíssimos de ouro, decorados com pérolas, outros de forma alongada, decorados com pequenas pombas ou passarinhos do mesmo metal... usavam em seus dedos anéis com rubis, esmeraldas e outras pedras preciosas (Butrón *apud* Salazar; Sigl, 2014, p. 21, *tradução nossa*).

Imagem 19 – Mulheres *cholas* em trajes típicos: broches.



Festividade. Local: Corumbá-MS, na fronteira Brasil-Bolívia. Rostos anonimizados. Fonte: Fotos da autora, 2024.

Os sapatos variam de acordo com a localidade. Algumas mulheres usam botas com saltos médios ou altos, outras uma espécie de sapatilha (Aguilar, 2017, p. 67). Alguns preferem botas com saltos médios ou altos, que, além de sua utilidade prática, funcionam como um símbolo de *status* e conexão com tradições culturais. Outras mulheres, por sua vez, optam por modelos mais simples e confortáveis, como sapatilhas, mais adequadas para as condições diárias e as atividades da região. Essas variações no estilo e na escolha dos sapatos refletem as múltiplas identidades culturais e sociais das mulheres ao longo da fronteira, que, ao se adaptarem ao ambiente, mantêm, ao mesmo tempo, uma forte ligação com suas raízes culturais.

Segundo Iñiguez (2001, p. 55):

[...] se usaban botas de mediacaña con taco mediano, tenía sistemas de abotonados a los costados o al centro y se ajustaban mediante cordones; generalmente eran de cabritilla, cordobán, gamuza o paño. El color más apreciado era el “champagne”, así mismo usaban medias de seda japonesa color carne³⁵.

Iñiguez (2001, p. 55) contribui com uma visão histórica, descrevendo as botas de mediacaña, de cano médio, com tacos medianos, que eram características do vestuário das mulheres em tempos passados.

³⁵ [...] usavam botas de mediacaña com salto médio, com sistemas de abotoamento nas laterais ou no centro, e eram ajustadas por meio de cordões; geralmente, eram feitas de *cabritilla*, *cordobán*, camurça ou pano. A cor mais apreciada era o “champagne”, e também usavam meias de seda japonesa na cor carne (Iñiguez, 2001, p. 55, *tradução nossa*).

Com sistemas de abotoados laterais ou centrais, essas botas eram ajustadas com cordões, conferindo uma combinação de praticidade e elegância. O material predominante na confecção dessas botas incluía cabritilla, cordobán, gamuza ou paño, sendo o tom “champagne” o mais apreciado por seu caráter sofisticado.

Além disso, as mulheres complementavam a vestimenta com meias de seda japonesa na cor carne, criando uma composição harmônica e refinada, que refletia o gosto estético da época. Essas escolhas de calçados e acessórios não apenas revelavam preferências de estilo, mas também estavam diretamente relacionadas ao prestígio social e à imagem de poder associada a determinados grupos. Dessa forma, os sapatos usados pelas mulheres, seja em forma de botas de salto ou sapatilhas, transcendem a função utilitária, sendo símbolos de identidade e resistência cultural. As escolhas de calçado, portanto, são um reflexo das dinâmicas culturais e das complexas relações de poder que marcam esse espaço geográfico e simbólico (Imagens 20 e 21).

Imagem 20 – Mulheres *cholas* em trajes típicos: sapatos



Esquerda: *chola paceña* com sapatos altos e dourados. Centro: *cholas* de Cochabamba com sapatos brancos e baixos. Direita: *cholas* com sapatos fechados pretos. Festividade. Local: Corumbá-MS, na fronteira Brasil-Bolívia. Rostos anonimizados. Fonte: Fotos da autora, 2024.

Imagem 21 – Trajes típicos: sandália de Cochabamba



Fonte: Foto da autora, 2024.

Em momentos de festa, as botas não apenas complementam as roupas, mas, especialmente, as *polleras*, mostrando que os sapatos desempenham um papel importante na harmonização da vestimenta. A escolha dos calçados se torna um elemento essencial para a composição do visual, refletindo a atenção ao detalhe e a importância das tradições locais.

[...] un rasgo particularmente atractivo. Acostumbran usar medias azules, amarillas o rosadas y botas altas, con tacones franceses, las cañas de las cuales están labradas con exquisitos dibujos para mostrar debajo las bonitas medias (Wright, 1905 *apud* Mendoza, 2009, p. 23)³⁶.

Wright (1905, *apud* Mendoza, 2009, p. 23) descreve essa prática ao observar que, em ocasiões especiais, as mulheres costumam usar meias de cores vibrantes como azul, amarelo ou rosa, acompanhadas de botas altas com tacões franceses.

As canelas dessas botas são cuidadosamente trabalhadas com desenhos delicados, de modo a exibir, sutilmente, as bonitas meias, acrescentando uma camada estética adicional à vestimenta. Essa descrição ilustra como, nas festividades, os sapatos e acessórios não são somente funcionais, mas também uma forma de expressar identidade cultural e de destacar aspectos visuais que fazem parte de uma celebração do estilo e da tradição.

As *polleras* que são usadas cotidianamente possuem menos brilho, mas mantêm o seu comprimento de acordo com o local de origem da mulher *chola* (Imagem 22).

Imagem 22 – Mulheres *cholas* em trajes típicos do dia a dia.



³⁶ [...] uma característica particularmente atraente. Elas costumam usar meias azuis, amarelas ou rosas e botas altas, com saltos franceses, cujos canos são esculpidos com desenhos requintados para mostrar as bonitas meias por baixo (Wright, 1905 *apud* Mendoza, 2009, p. 23, *tradução nossa*).



Locais: Puerto Quijarro e Corumbá, na fronteira Brasil-Bolívia. Rostos anonimizados. Fonte: Fotos da autora, 2024.

As *cholas* desafiam as categorias culturais tradicionais, transgredindo as fronteiras entre o indígena e o moderno (García Canclini, 2004, p. 224). Ao dividir os espaços públicos, elas se mostram como agentes culturais, demonstrando adaptação, sem abrir mão de seus valores tradicionais e culturais, demarcando que é possível serem indígenas e, ao mesmo tempo, modernas, protagonistas, detentoras de um ofício e hábeis para empreender e equalizar sua forma de viver na fronteira.

As mulheres com trajes tradicionais da Bolívia podem ser vistas, sob diversos aspectos – forma de se comportarem, de se vestirem e também de trabalhar –, com olhares ambíguos; por vezes de riqueza, domínio e poder; ou, em muitas outras, de racismo e preconceito. As roupas das mulheres *cholas* é enriquecida de identidade cultural e demarcam as disparidades raciais enfrentadas por elas.

A *pollera*, é uma forma de resistir e demonstrar as raízes dos povos originários, que mesmo após o período colonial as *cholas* possuem força, para manter suas tradições. Pois a *pollera* retrata a identidade histórica e cultural boliviana, mas enfrenta os rasgos de preconceitos, daqueles que se consideram não indígenas.

Em ambientes urbanos e internacionais, como na fronteira brasileira, as *cholas* trabalham tanto no Brasil como na Bolívia, e atravessadas por trocas culturais e influências fronteiriças entre os dois países.

CAPÍTULO 2 – A FRONTEIRA CORUMBÁ-BRASIL E BOLÍVIA

Corumbá está localizada no estado do Mato Grosso do Sul, na região Centro-Oeste do Brasil, fazendo fronteira com a Bolívia. Os limites territoriais, as formas diversificadas nas organizações dos países e as múltiplas relações entre a fronteira são temas que abarcam essa região. O limite territorial da cidade de Corumbá, no Pantanal, possui uma extensão de terra fronteiriça com a Bolívia de 385,7 km. A parte boliviana é a cidade de Puerto Quijarro, com 15.000 habitantes, Puerto Suárez com 22.000 e Corumbá 112.000.

As relações internacionais entre os dois países, Brasil e Bolívia, são embasadas no acordo internacional de Roboré, criado em 1958. O documento possui 31 instrumentos, que organizam as relações entre os dois países. Através de uma fronteira livre e semiaberta os países possuem relações diplomáticas amistosas. O Brasil possui uma República Federativa presidencialista dividida em 26 estados e o Distrito Federal, regiões com autonomia administrativa. A Bolívia possui uma República Democrática e representativa, na qual o presidente é o chefe de Estado, de governo e de um pluriforme sistema multipartidário, em que o poder é dividido pelo governo. O país é composto por 9 departamentos, 112 províncias, 327 municípios e 1384 cantões. Constitui um estado plurinacional, que reconhece os povos originários camponeses e indígenas, sua cidadania e fortalece a preservação dos direitos dessas populações. Ele também reconhece as línguas castelhana, *aymara*, *quechua*, guarani e também variações de outras línguas indígenas faladas nos campos, com o menor conhecimento da população como um todo.

A fronteira entre Corumbá, Brasil, e Puerto Quijarro, Bolívia, é dividida pelo rio Paraguai que limita os dois países demarcando o território. O rio possui grandes atividades econômicas de pesca e turismo, gerando suporte a toda a comunidade fronteiriça. O Bioma do Pantanal tem uma vasta diversidade ambiental com extensa área de vegetação e planícies aluviais.

Este processo indica que, mais do que uma perda de função dos limites e fronteiras internacionais, o que está a ocorrer é uma mutação da perspectiva do Estado em relação ao seu papel. A fronteira já não é concebida apenas com base nas estratégias e interesses do Estado central, mas também é concebida pelas comunidades fronteiriças, ou seja, a nível subnacional. O desejo e a real possibilidade de comunidades internacionais na faixa fronteiriça subvertem e renovam os conceitos clássicos de limites e fronteiras (Steiman; Machado, 2002, p. 267).

As cidades possuem uma economia centralizada no comércio com grande fluxo de mercadorias e pessoas que transitam entre os dois países. A fronteira possui portos fluviais e também uma rodovia que mantém a atividade econômica da região.

Corumbá e Puerto Quijarro possuem um grande intercâmbio comercial, onde são comercializados eletrônicos, combustíveis, produtos agrícolas, alimentos e produtos manufaturados. Muitos dos produtos bolivianos são importados da Bolívia para o Brasil enquanto outros são exportados do Brasil para a Bolívia. Nesse contexto comercial, existem as lojas e as feiras livres com grande atividade comercial rentável para ambos os países, pois geram empregos e promovem o desenvolvimento econômico.

Silva (2023, p. 12) afirma que ocorre a prática informal de comércio nas regiões de fronteira, em desacordo com a legislação aduaneira, que pode caracterizar a prática de crimes aduaneiros como contrabando e descaminho. No entanto, é importante observar que o comércio na fronteira também enfrenta desafios, como a informalidade, o contrabando e questões relacionadas à legislação e à fiscalização aduaneira. Esses desafios podem afetar a competitividade das empresas locais e a arrecadação de impostos para os governos locais e nacionais.

Existe uma grande diferença entre sistemas políticos dos dois países, pois a Bolívia é centralizada no governo nacional e o Brasil é uma República Federativa e descentralizada. Essas diferenças fazem com que ambos os países tenham grandes dificuldades nas decisões diárias da Fronteira no caso, por exemplo, da saúde, assistência social e relações básicas.

A fronteira possui uma diversidade cultural marcada pela interação de diferentes grupos étnicos e culturais que se manifestam no idioma, cultura, culinária, costumes e tradições religiosas. A religiosidade fronteiriça desempenha celebrações das comunidades com festividades católicas e também as indígenas, que promovem um diálogo de preservação de tradições locais e troca de experiências que fortalecem as culturas de Corumbá e Puerto Quijarro.

A Bolívia é um país rico em manifestações culturais, políticas e na preservação de manifestações identitárias. Para Zambrana (2016, p. 78), “*es una mezcla de prácticas y manifestaciones con hibridismo en espacios públicos y rurales como la imagen de una chola*”³⁷. As fronteiras operam não apenas como divisões físicas, mas como espaços de produção de subjetividades (Mezzadra, 2015, p. 85), construindo uma visão de mundo por meio do externo, do contexto fronteiriço, e da subjetividade moldada pelo simbólico do mundo ao seu redor, com diversas forças culturais e físicas.

³⁷ “É uma mistura de práticas e manifestações com hibridismo em espaços públicos e rurais, como a imagem de uma chola.” (Zambrana, 2016, p. 78, *tradução nossa*).

Para além da linha divisória fronteiriça, que demarca ambos os países, que nacionalmente são diferentes, há uma vivência comum da fronteira, demarcada de singularidade, e que molda o outro através das múltiplas relações instituídas de poder, econômico, social, político e nacional.

A formação de subjetividade se dá em diferenciações territoriais e também simbólicas que recriam uma nova identidade demarcada pelo cotidiano e instituída pelos poderes internacionais que influenciam as ações diárias fronteiriças, como exemplo a mobilidade, o comércio, a economia e a política.

2.1 RELAÇÕES FRONTEIRIÇAS CORUMBÁ (BRASIL) E PUERTO QUIJARRO (BOLÍVIA): AS DINÂMICAS PENDULARES, REPERTÓRIO DE PODER E IDENTIDADES

A fronteira Brasil-Bolívia possui o limite territorial demarcado por fiscalização aduaneira, que divide os dois países, e está baseada em relações do poder formal *versus* o conceito fronteiriço. A Bolívia acessa o Rio Paraguai pelo canal que Tamengo. Habitantes pendulam diariamente por ambos os países por diversas motivações: saúde, educação, trabalho, lazer entre outros. Identidades nacionais e regionais específicas dessa localidade apresentam transformações dinâmicas que se alteram com a política, o espaço temporal, econômico e os próprios sujeitos.

É justamente nessa atmosfera de ir e vir, de comprar e vender, de se relacionar e de se estranhar, que a esta pesquisadora contempla o ambiente fronteiriço no qual vive, repleto de relações sociais, educacionais, econômicas, de convivência, de relacionamentos afetivos, espaço onde se delinea e, por fim, se constrói a identidade (Feitosa, 2020, p. 18).

Os moradores da fronteira de Puerto Quijarro e Corumbá possuem movimentos regulares de pendularidade com a travessia da fronteira para as principais atividades como trabalho, estudo, compras, acesso a serviços, entre outros. Os fluxos pendulares ocorrem devido à proximidade geográfica entre as duas cidades.

O imigrante pendular, na maioria das vezes, está diretamente relacionado, no contexto fronteiriço, à persistência de assimetrias salariais. Isso ficou evidente em diversos momentos de nossa pesquisa. Todavia, notabilizou-se também a existência de estudantes, profissionais liberais e empreendedores pendulares (Machado, 2017, p. 95).

A pendularidade cotidiana pode ser afetada de acordo com as políticas públicas locais, internacionais e necessita de uma cooperação entre ambos os governos, para lidar com as questões de migração, transporte e as infraestruturas dos dois países.

As relações transfronteiriças abarcam o poder das relações intrínsecas e extrínsecas das sociedades envolvidas: códigos de linguagens próprios, o hibridismo, alimentar, cultural, relacional e afetivo – quicá desafeição – nas miscigenações intrínsecas a em uma relação viva e dinâmica baseada nas pessoas e no tempo. As relações linguísticas, sociais, políticas, econômicas, formais e informais, relações de poder e identidades nacionais e regionais também estão consignadas.

Ambos os países, Brasil e Bolívia, se relacionam de forma afetiva e econômica, com relações de poder, de fluxo, construindo relações identitárias coletivas estabelecidas nessa troca. Para Étienne Balibar (2001) a fronteira é um espaço de demarcação territorial e de construção política e identitária. Segundo a visão de Santos (2008) a fronteira possui reflexos nas relações sociais, políticas e econômicas, formando um ambiente dinâmico relacional. O autor integra o conceito meio técnico-científico-informacional, ressaltando que os territórios, as vidas econômicas e sociais são afetadas na fronteira (Santos, 2008).

A vida cotidiana é refletida na vida econômica através de intensos trabalhos da economia formal e informal que estão além do contexto físico e limiar da fronteira, pois a fronteira é o limiar das relações. Haroldo Dilla Alfonso (2020) destaca que a economia popular e a infraestrutura de serviços em áreas transfronteiriças criam atividades formais e informais, com destaque às mulheres. No ambiente transfronteiriço, existem múltiplas relações de desigualdade de condições, e o poder estabelece-se na mão de poucos possuidores de maior condição financeira. *“Las regiones transfronterizas funcionan como filtros para garantizar los procesos de intercambio desigual en condiciones de complejidad adicional”* (Alfonso, 2020, p. 4)³⁸.

As relações são estabelecidas em caráter de desigualdade e de acordos formais e informais de domínio de poder. A relação transfronteiriça requer acordo formal entre dois países, porém se vive de informalidades para que aconteça o cotidiano da fronteira. Não existem regras para todos os aspectos vivenciam diariamente entre as pessoas, lugares e situações. Existe, em seu núcleo, uma relação de troca consuetudinária de serviços: trabalho, saúde, alimentícios, lazer, educação e relações humanas, que nem sempre possuem leis formalizadas.

³⁸ “As regiões transfronteiriças funcionam como filtros para garantir os processos de intercâmbio desigual em condições de complexidade adicional” (Alfonso, 2020, p. 4, *tradução nossa*).

A fronteira é um espaço de encontro e confronto, onde diferentes culturas, economias e políticas se entrelaçam e se chocam, criando dinâmicas complexas de inclusão e exclusão.

Para Glória Anzaldúa (2016), o colonialismo e a discriminação racial influenciam nas políticas de imigração e na vida dos próprios imigrantes que acabam resistindo contra as políticas que são opressivas ao lutar pela sobrevivência e dignidade na fronteira.

Anzaldúa (2016) discute uma identidade mestiça que surge na fronteira na qual as culturas se encontram e se entranham e, muitas vezes, o imigrante é marginalizado num lugar que é o do outro país, o outro lado da fronteira. Existem dois países de fronteira, e nesses lugares há discriminação e preconceito de acordo com o fenótipo e os tipos linguísticos de cada habitante. É possível criar uma hipótese de um estigma para a pessoa brasileira ou boliviana, segundo os traços étnicos e raciais, o que influencia nos tratamentos de acordo com essa percepção. As pessoas das duas nacionalidades criam formas para transitarem em ambos os países, entre lugares seguros e inseguros, traçados por uma linha divisória, mas que possuem histórias do que pode ou não acontecer com o migrante ao estar do outro lado da fronteira.

[...] a força vital de dois mundos que se fundem para formar um terceiro país – uma cultura fronteiriça. As fronteiras são estabelecidas para definir os locais que são seguros e inseguros, para nos distinguir deles. Uma fronteira é uma linha divisória, uma faixa estreita ao longo de uma borda íngreme. Uma fronteira é um lugar vago e indeterminado criado pelo resíduo emocional de uma fronteira não natural. Está em constante estado de transição. O proibido e o proibido são os seus habitantes (Anzaldúa, 2016, p. 25, *tradução nossa*).

É preciso se viver na fronteira, e imigrantes do outro lado do seu país, muitas vezes, resistem contra as políticas de opressão para lutar e sobreviver com dignidade, trabalhando, estudando e tratando da saúde, criando uma espécie de estratégia de como viver em um lado da fronteira e como se comportar no outro.

Eu sou visível – veja esse rosto de índio – mas sou invisível. Eu os cego com meu nariz adunco e sou seu ponto cego. Mas eu existo, nós existimos. Eles gostariam de pensar que derreti na panela. Mas eu não, nós não (Anzaldúa, 1987, p. 86, *tradução nossa*).

É através de uma mescla entre o Brasil e a Bolívia, que emergiu uma nova identidade fronteiriça, onde as nacionalidades se fundem, combinam, sobressaindo a duas únicas nacionalidades, mas criando uma nova.

Uma fronteira é uma linha divisória, uma faixa estreita ao longo de uma borda íngreme. Uma fronteira é um lugar vago e indeterminado criado pelo resíduo emocional de uma fronteira não natural. Está em constante estado de transição. O proibido e o proibido são seus habitantes (Anzaldúa, 1987, p. 3, *tradução nossa*).

Compreendemos que seja necessário identificar as possíveis resistências para manter a identidade *chola* na fronteira do Brasil e Bolívia, assim como as formas de memórias coletivas, a cultura e a vestimenta.

2.2 TIPOS DE IDENTIDADES: NACIONAL E CULTURAL, LEGITIMADORA, RESISTÊNCIA E LUTA

A identidade de uma pessoa é formada da infância até a idade adulta e influenciada de acordo com o gênero, nacionalidade, etnia, classe social, orientação sexual e cultural do ser humano. As interações sociais são papéis importantes de valores e normas na formação identitária. Dessa forma, a identidade de uma pessoa pode ser formada por cinco aspectos: nacional, cultural, legitimador, resistência e luta (Hall, 1996).

A análise de Stuart Hall (1996) sugere que a identidade é construída por meio das culturas a partir de representações nacionais. A identidade étnica tenta retratar o passado e perpetuá-lo como algo imutável, mas entendemos que essa permanência pode se tornar mais flexível e transformada ao entrar em contato cultural com outra nacionalidade. Dessa forma, é possível identificar que o processo cultural pode estabelecer uma identidade coletiva, que retrata e perpetua o passado, mas também uma identidade individual, que reflete as novas experiências subjetivas e as relações estabelecidas nessa fronteira internacional. Uma das maneiras pelas quais as identidades estabelecem as suas reivindicações é apelando para antecedentes históricos.

A identidade cultural não é uma essência fixa que reside nas profundezas de uma experiência cultural partilhada, é um posicionamento constante. Na opinião de Stuart Hall (1996), a identidade cultural é o processo pelo qual se procura identificar uma identidade particular pela descoberta de um passado supostamente comum e autêntico. A identidade está em constante transformação, que une a história, o moderno e as culturas que estamos inseridos. Após a construção da identidade, em alguns momentos elas precisam ser afirmadas de acordo com o contexto político, econômico e social em que o indivíduo está estabelecido: identidade de resistência, identidade de luta e identidade legitimadora. “A identidade legitimadora é introduzida pelas instituições dominantes da sociedade para estender e racionalizar sua dominação sobre os atores sociais” (Castells, 1997, p. 8).

Quando uma pessoa tenta legitimar sua identidade, ou seja, a necessidade de se tornar reconhecida, respeitada e aceita num determinado grupo, seja social, político cultural ou outros, o processo é chamado de identidade legitimadora, um objetivo de validar através de estratégias

e práticas que reconheçam a identidade. Como demarcação desta, pode-se fazer através de símbolos, demarcações físicas, formas de vestimentas, rituais e comportamentos que demonstram claramente a identidade. São eles: preservação linguística, tradições culturais, atividades artísticas que envolvem manifestações públicas a fim de garantir reconhecimento, respeito e identificação.

El choque que implicó la conquista fue muy violento para las Mujeres indígenas, pues además de las agresiones de los conquistadores en el plano laboral y simbólico, debieron soportar agresiones físicas, como violaciones y amancebamientos. Entre las estrategias de resistencia que desarrollaron algunas de ellas figura la resistencia “pasiva”, con la perpetuación de los ritos y de las tradiciones —a las que tildaba de idolatrías—, motivo por el cual fueron perseguidas, pues al proseguir con las prácticas religiosas prehispánicas, se oponían al orden colonial establecido (Lema; Choque; Jiménez, 2006, p. 12)³⁹.

A identidade de resistência é a forma que certos grupos utilizam como resposta à dominação, opressão e marginalização em determinadas práticas culturais. Desafiando as formas de poder dominante, com o objetivo de fazer com que, por meio da resistência, sejam reconhecidos com dignidade os valores e igualdades através de ações que sejam fortalecidas na sociedade. A identidade de resistência muitas vezes é uma negativa às formas impostas pelo grupo dominante de minimização do oprimido. Com isso, a identidade de resistência é para afirmar a dignidade, a autonomia e a força do grupo que é oprimido, desafiando todo o poder opressor e dominador através de resistências, justiça e emancipação. A identidade de luta está relacionada à luta por justiça social e à igualdade na promoção de direitos, com o objetivo de uma mudança social e política.

Geralmente estão envolvidos movimentos sociais e organizações ativistas que compartilham de uma visão através de classe, gênero, raça e ideologia política, que fortalecem uma comunidade, tendo em vista a promoção de igualdade, dignidade e direitos. Na identidade de luta, os grupos buscam desafiar as questões de injustiça e desigualdade para trazer mudanças ao contexto político e social.

As mulheres, na maioria das sociedades e culturas atuais, continuam sendo o setor da população mais vulnerável e desfavorecido (Guillot, 2019, p. 26). O gênero muitas vezes é expresso por desigualdades nas diferentes esferas da vida, tais como o trabalho doméstico e o

³⁹ O choque que implicou a conquista foi muito violento para as mulheres indígenas, pois além das agressões dos conquistadores no plano laboral e simbólico, elas tiveram que suportar agressões físicas, como violações e amancebamentos. Entre as estratégias de resistência que algumas delas desenvolveram está a resistência “passiva”, com a perpetuação dos rituais e das tradições — que eram tidas como idolatrias — motivo pelo qual foram perseguidas, já que ao continuar com as práticas religiosas pré-hispânicas, se opunham à ordem colonial estabelecida (Lema; Choque; Jiménez, 2006, p. 12, *tradução nossa*).

cuidado, que geralmente são de responsabilidade feminina. A identidade é formada por meio de um processo da experiência humana que é dinâmico e contínuo.

Ao sair de um local que expressa sua origem e se desloca para viver em uma fronteira internacional, as *cholas* bolivianas demarcam suas tradições de identidade cultural mesmo cruzando o contexto de limite fronteirismo. Em força as identidades dos povos originários na Bolívia surgiram diversos movimentos de luta e transformação por parte de mulheres bolivianas, como o feminismo comunitário de Julieta Paredes e o movimento *Mujeres Creando*, liderado por María Galindo.

2.3 OS MOVIMENTOS INTERNACIONAIS E BOLIVIANOS DE LUTAS E RESISTÊNCIAS FEMININAS: O FEMINISMO COMUNITÁRIO E MUJERES CREANDO

A sociedade, mesmo antes do nascimento de uma criança, impõe comportamentos para os gêneros feminino e masculino, marcados por estereótipos advindos de crenças e valores, geração após geração. Mantém-se uma hierarquização que justifica o homem como superior e, automaticamente, a mulher como inferior e desigual, inclusive naturalizando uma visão de que a mulher é mais frágil e que homem é o dominador pelas aludidas força, inteligência e capacidade para liderar.

A sociedade acaba por estabelecer os comportamentos sociais e culturais que são femininos (mulheres) e masculinos (homens). A história da sociedade coloca homens e mulheres em situação de desigualdade, estando as mulheres em condição mais vulnerável, desfavorecidas tanto no setor privado quanto no público. As mulheres possuem um papel de maiores responsabilidades no cuidado, trabalho doméstico e, muitas vezes, possuem uma remuneração inferior à dos homens.

Os movimentos feministas lutam contra as desigualdades de gênero, demarcadas tanto no Estado quanto na sociedade, enfrentando a violência e promovendo a visibilidade, igualdade e justiça aos direitos femininos. Com o objetivo de igualdade de gênero, várias políticas nacionais e internacionais combatem as discriminações.

Alguns acordos internacionais foram importantes como a “Convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra a mulher” (CEDAW), a “Convenção Interamericana para prevenir e erradicar a violência”, a “Plataforma de Pequim” e o “Dia Internacional da Mulher” foram marcos internacionais de resistência e luta por direitos, buscando condições de trabalho, vida e participação no cenário político.

Esses acordos demonstram os desafios diários de enfrentar a diferença entre homens e mulheres, principalmente nas violências entre gêneros. Ao investir na resistência feminina, dá-se importância à sua luta e o combate todas as formas de discriminações e diferenciações entre homens e mulheres. Os países da América Latina, em especial Brasil e Bolívia, são países que trazem em sua trajetória a discriminação e diferenciação entre gêneros.

Apesar do patriarcalismo e do machismo cultural, as mulheres passaram a fazer parte do mercado de trabalho, mas continuaram sendo as genitoras, as que fazem as principais atividades domésticas e as cuidadoras do âmbito familiar, fazendo com que a sua carga de trabalho diário seja muito maior se comparada à dos homens.

A história de desigualdade entre mulheres e homens retrata a luta por igualdade. Na Bolívia, as *cholas* indígenas ou mestiças foram as que mais sofreram, por parte dos colonizadores, violências físicas, psicológicas, preconceito e discriminação.

Para Arf, (2024, p. 209): “As mulheres indígenas têm enfrentado séculos de marginalização e opressão, e o feminismo comunitário surge proporcionando uma abordagem inovadora e transformadora para desafiar as estruturas patriarcais e coloniais”.

As lutas femininas na América Latina tiveram uma forte contribuição da Bolívia com o Feminismo Comunitário e o *Mujeres Creando*, como crítica contra a hegemonia e o patriarcalismo masculino, com o objetivo de criar novas formas de ação das mulheres nas práticas sociais, visando à igualdade de gênero.

Segundo Galindo (2013, p. 105) “*el mestizaje es una verdad a medias de un lugar social brutalmente conflictivo, desgarradoramente irresuelto, ardorosamente ilegítimo y cientos de veces prohibido*”⁴⁰.

Mujeres Creando é um movimento anarcofeminista boliviano, surgido em 1992, em La Paz, liderado por María Galindo, com a rua como centro de suas atividades, utilizando o grafite e as performances como meios de expressão, cuja pauta de ação eram as lutas civis por direitos sociais.

Por meio de críticas ao feminismo europeu, criou-se um modelo anti-institucional que acabava por ignorar as necessidades das mulheres da classe baixa, as mestiças e indígenas. María Galindo, utilizando a rádio, o impacto através da comunicação visual da pintura de muros em grafite, formulou encontros e organizações de mulheres que repensaram sobre o modelo político e social boliviano.

⁴⁰ “o mestizaje é uma verdade pela metade de um lugar social brutalmente conflituoso, desgarradoramente irresolvido, ardorosamente ilegítimo e centenas de vezes proibido”. (Galindo, 2013, p. 105, *tradução nossa*)

Na atualidade, o grupo *Mujeres Creando* participa de campanhas contra a discriminação, a exploração de classes e a violência doméstica, analisadas pelas várias formas de opressão contra as mulheres, através de resistência, com a reinvenção do feminismo voltado para as mulheres das comunidades regionais.

Mujeres Creando (2005) y por el feminismo autónomo, andino y comunitario que fueron vertebrando en las últimas das décadas María Galindo, Julieta Paredes y Adriana Guzmán, tres de sus activistas más reconocidas, mujeres urbanas del siglo XXI que reivindican sus orígenes aymara (Gómez, 2022, p. 99)⁴¹.

O feminismo comunitário boliviano iniciado por Julieta Paredes, poeta, *aymara*, criou a ideia de que o feminismo deveria ser utilizado a partir das tradições das mulheres indígenas dos povos originários bolivianos e não baseado no feminismo vindo da Europa.

Ao explorar as estratégias de resistência e empoderamento das mulheres indígenas lideradas por Julieta Paredes, esta proposta destaca a importância da ação coletiva, da solidariedade e da valorização das identidades culturais e ancestrais, além de permear as conquistas e desafios enfrentados pelo movimento feminista comunitário, ressaltando sua contribuição para a promoção da igualdade de gênero e para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva para as mulheres indígenas em condições periféricas (Arf, 2024, p. 210).

O feminismo comunitário tem como pressuposto tudo aquilo que permeia a vida das mulheres – natureza, medicina ancestral, cosmovisão – e faz um importante paralelo entre as violações que afetam os territórios indígenas e as violações que afetam os próprios corpos. Ele tem o objetivo de lutar, por qualquer mulher, em qualquer parte do mundo, e em todo tempo da história, contra o patriarcado que oprime as mulheres que foram brutalmente colonizadas. O feminismo comunitário se funda na raiz das memórias históricas de mulheres indígenas originárias que resistiram e que viviam no seu país muito antes da colonização, entendendo que o patriarcado é um sistema que oprime.

Como pressupostos importantes de que devemos manter e buscar as memórias e a valorização cultural do próprio território marcado pelos povos originários, antes mesmo da colonização dos espanhóis.

Para a autora esse feminismo, nos moldes, comunitário, permite reconhecer as filhas, netas e bisnetas de aymaras, quéchuas e guaranis rebeldes e antipatriarcais e as posicionarem politicamente frente ao feminismo hegemônico ocidental. Julieta Paredes descreve o feminismo comunitário como aquele que parte da comunidade, como princípio de inclusão (Arf, 2024, p. 217).

⁴¹ “Mujeres Creando’ (2005) e o feminismo autónomo, andino e comunitário foram articulados nas últimas décadas por María Galindo, Julieta Paredes e Adriana Guzmán, três das suas ativistas mais reconhecidas, mulheres urbanas do século XXI que reivindicam suas origens aymaras (Gómez, 2022, p. 99, *tradução nossa*).

Para o feminismo comunitário, o continente da América do Sul é chamado de continente *Abya Yala* (significa terra viva, em plena maturidade), pois o termo Américas foi escolhido por quem estava colonizando. Atualmente, a principal área de atuação do feminismo comunitário é a organização social, que visa uma unidade na diversidade visando criar caminhos de fortalecimento de lutas coletivas e de resistência feminina, contra o patriarcalismo. São cinco campos do feminismo comunitário: saúde, economia, política, organização e educação.

Acredita-se que através do feminismo comunitário é possível construir uma comunidade em que exista a mudança do sistema patriarcal, colonialista e capitalista opressor por meio da luta pelos direitos das pessoas humanas, com fortalecimento das comunidades, da educação popular e dos movimentos sociais e territoriais, que poderão valorizar a cultura indígena e as mulheres, levando em consideração as experiências e realidades de cada grupo.

A colonialidade de gênero revela como as mulheres indígenas foram duplamente marginalizadas pelas estruturas coloniais (Lugones, 2014, p. 743). Para manter-se viva, sobreviver às dificuldades econômicas, fez-se necessário muita resistência, algumas de enfrentamento direto (lutas e embates físicos de revoltas indígenas) e outras como forma de poder, suportando por meio do trabalho.

Da mesma forma, as mulheres em bairros urbanos populares foram sistematicamente empobrecidas pelo neoliberalismo e precisam ser restituídas pelo que corresponde a elas, por pertencer à classe trabalhadora. A proposta de ação que empreende Julieta Paredes compreende uma luta como categoria para o fortalecimento de uma política organizacional de mulheres, o que permitirá transformar as condições materiais de subordinação e exploração de mulheres em sociedades periféricas (Arf, 2024, p. 221).

O feminismo comunitário promove às mulheres *cholas* bolivianas uma forma de romper todo o sistema de subalternidade, mostrando uma luta que é de toas as mulheres por todas as mulheres. As mulheres que na história boliviana, serviram para cuidar, trabalhar e guerrear em lutas e lideranças. Mas que foram silenciadas por um patriarcalismo que oprime, e a coloca sem voz, esmagando seu lugar de fala, de política e de poder. Julieta passa a dar voz a essas mulheres *cholas*,

Ao longo das últimas décadas, mulheres têm desafiado essas estruturas de poder, buscando reconhecer e valorizar as experiências e perspectivas das mulheres indígenas, e promovendo um feminismo comunitário que se baseia na inclusão, na solidariedade e na luta coletiva. Uma das principais contribuições do feminismo comunitário é sua capacidade de dar voz às mulheres que foram historicamente silenciadas e marginalizadas, especialmente em questões como violência de gênero e acesso igualitário a recursos e oportunidades. Essa abordagem reconhece a interseccionalidade das opressões que as mulheres indígenas enfrentam e busca construir uma sociedade mais justa e igualitária para todas (Arf, 2024, p. 226).

Julieta passa a representar seu país, em outros lugares do mundo, e a mostrar que nenhuma mulher deve ser silenciada, sofrer abusos de poder, opressões de qualquer magnitude. Retomando a necessidade de uma equidade de raças e conquistas.

O processo organizativo das mulheres indígenas, sob uma ótica feminista, trouxe diversas conquistas para as mulheres, a principal delas é romper com o silêncio, que acomete diversas mulheres que sofrem violências. Graças ao trabalho de Paredes, o feminismo comunitário tem alcançado mulheres indígenas romperam o silêncio (Arf, 2024, p. 226).

O feminismo comunitário tornou-se um movimento global, presente em diversos estados brasileiros e países, focando nas mulheres de suas comunidades, suas necessidades e sofrimentos. Ele une lutas coletivas, substituindo armas por reflexões, libertação mental, apoio mútuo e, principalmente, o poder de fala que foi silenciado por tantos anos.

2.4 MERCADO CAMPESINO EM PUERTO QUIJARRO (BOLÍVIA)

O Mercado Campesino de Puerto Quijarro é um espaço central para a economia local e um ambiente emblemático da atuação das *cholas*. Trata-se de um mercado vibrante, marcado por uma intensa circulação de pessoas e por uma diversidade sensorial notável – aromas de alimentos e especiarias, ruídos de conversas, sons de músicas típicas e a presença constante de crianças que, muitas vezes, acompanham seus familiares no trabalho. Esse espaço comercializa uma ampla variedade de produtos, incluindo pães, biscoitos, frutas, temperos, hortaliças, carnes e produtos industrializados. Além disso, abriga setores dedicados à venda de vestuário, calçados e materiais de construção.

No contexto do Mercado Campesino, observa-se uma marcante divisão do trabalho. A grande maioria das atividades é desempenhada por mulheres, que se dedicam a funções como a preparação e comercialização de alimentos, o manuseio e a organização de mercadorias e o atendimento ao público. Os homens, por outro lado, ocupam majoritariamente funções externas ao mercado, como o transporte de passageiros em motocicletas (mototáxi) ou em veículos de lotação.

Nos restaurantes e nas barracas de comida, por exemplo, são as mulheres que executam todas as tarefas – desde a limpeza e o preparo dos alimentos até o atendimento aos clientes –, enquanto os homens, em sua maioria, estão na posição de consumidores. As *cholas* desempenham diversos papéis dentro desse espaço econômico. Algumas trabalham em lojas e tendas de frutas, outras em pequenas barracas especializadas na venda de alho, sementes e temperos picados.

Há também aquelas que comercializam refeições prontas ou alimentos típicos, como: empanadas de queijo e frango, *assadito*, masaco de plátano, *riñoncitos de panza*, *ruego de quinua e frutilla*. As opções culinárias incluem, ainda, pratos como sopa de *maní*, *tallarín de pollo* e bife à milanesa. Além disso, algumas mulheres atuam como vendedoras ambulantes de sucos naturais, percorrendo a cidade com carrinhos que oferecem suco de canela, tamarindo e coco, ou comercializando *salteñas* de maneira itinerante.

O Mercado Campesino opera das 5h às 22h, sete dias por semana. Ao longo desse período, a predominância feminina no trabalho se mantém evidente.

Enquanto os homens desempenham funções associadas ao transporte e ao consumo, as mulheres são as responsáveis por sustentar a dinâmica econômica do mercado, realizando tarefas que exigem esforço físico, conhecimento sobre os produtos e habilidades de negociação.

Essa realidade reflete não apenas a centralidade do trabalho feminino na economia informal fronteiriça, mas também as dinâmicas de gênero que permeiam esse contexto.

A análise desse espaço revela a importância das mulheres cholas na manutenção da economia local e no desenvolvimento de redes de apoio e solidariedade. Suas experiências demonstram a complexidade e a riqueza das práticas de mobilidade, trabalho e resistência na fronteira. O reconhecimento dessas trajetórias e a valorização de seus saberes constituem passos fundamentais para compreender os processos sociais, culturais e econômicos que atravessam a fronteira entre Bolívia e Brasil.

2.5 AS CHOLAS NA MOBILIDADE ACADÊMICA E OUTRAS DUAS FRONTEIRAS COM A BOLÍVIA E ARGENTINA

O Mestrado em Estudos Fronteiriços trouxe a oportunidade de realizar a mobilidade acadêmica internacional na Universidade Nacional de Salta, na Argentina. O convênio foi firmado com o objetivo de desenvolvimento acadêmico para a mestranda. Nesse processo, foi possível conhecer duas fronteiras bolivianas com a Argentina. Algumas observações muito importantes podem ser feitas sobre as cholas em relação a ambas as fronteiras.

Yacuiba fica no departamento de Tarija, província de *Gran Chaco*, na Bolívia, e faz fronteira com *San José de Pocitos*, que fica na província de Salta, Argentina. A segunda fronteira está em *Bermejo*, também no departamento de *Tarija*, e pertence à província de Aniceto Arce, fazendo fronteira com *Aguas Blancas*, que pertence ao município de *Orán*, em Salta, Argentina.

Na fronteira entre *Yacuiba* e *Pocitos*, as *cholas* têm forte presença no comércio fronteiriço do lado boliviano. As lojas estruturadas vendem todos os tipos de comércios: saem do mercado informal, passando para o mercado formalizado, com lojas grandes de calçados, roupas, materiais esportivos, artigos militares, produtos de festa e todos os tipos de venda.

Já no lado argentino, o comércio das *cholas* é quase inexistente. Durante a pesquisa, o peso argentino estava mais valorizado do que o peso boliviano. Por isso, os argentinos cruzam diariamente a fronteira, de forma legal e ilegal, por mais de 15 passagens irregulares, conhecidas como “quebradas”, para fazer compras na Bolívia.

Em *Yacuiba*, existe uma feira que acontece somente aos sábados, com mais de 6 km de extensão. É incrível o número de pessoas passando para realizarem as compras na Bolívia. Essa feira oferece todos os tipos de produtos, incluindo produtos americanos, com preço realmente muito baixos comparados aos valores argentinos.

Já a fronteira *Bermejo*, na Bolívia, é um grande centro comercial que funciona todos os dias da semana. Com a presença de uma infinidade de *cholas*, o comércio é praticamente delas. Existem diversos tipos de materiais à venda. Algumas *cholas* têm lojas grandes formais, enquanto outras operam *tiendas* informais.

Na fronteira da Bolívia com a Argentina, as *cholas* possuem mercados mais desenvolvidos, mais fortes e com maior poderio econômico, sendo possível perceber algumas *cholas* com trajes mais novos e vestimentas que demonstram socialmente maior domínio financeiro.

Também realizamos algumas entrevistas, nas quais foi relatado que elas também saíram de departamentos e províncias distantes para se manterem na fronteira. Na Argentina, o comércio das *cholas* é desenvolvido predominantemente do lado boliviano, sem a ocorrência do deslocamento diário. Ao contrário, são os argentinos que diariamente vão comprar na Bolívia.

CAPÍTULO 3 - AS *CHOLAS* BOLIVIANAS QUE TRABALHAM EM CORUMBÁ E PUERTO QUIJARRO

Neste capítulo serão apresentados e explicados os métodos utilizados para desenvolver o estudo e atender aos questionamentos e objetivos propostos. Como metodologia de pesquisa utilizou-se o método de pesquisa aplicada, qualitativa. A pesquisa histórica bibliográfica foi viabilizada por consulta em livros, artigos e dissertações que abrangem o tema tanto no Brasil quanto na Bolívia. O objetivo foi compreender as *cholas* bolivianas como sujeito na construção de conceitos que se faz na realidade de vivências fronteiriças, contribuindo para uma pesquisa social.

3.1 CONJUNTURA DA CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

Foram selecionadas para pesquisa as mulheres *cholas* bolivianas que trabalham tanto em Corumbá quanto em Porto Quijarro.

A área e delimitação/universo pesquisado foram as *cholas* com trajes típicos (*polleras*) que circulam na região brasileira, em espaço fronteiriço. A pesquisa foi aplicada no centro comercial e na feira livre (em Corumbá, Brasil, e em Puerto Quijarro, Bolívia) entre 2023 e 2024. O método prioriza a coleta de dados em pesquisa aplicada, com abordagem mista, descritiva e explicativa.

A metodologia foi aplicada após aprovação da pesquisa qualitativa com seres humanos submetida à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), por meio da Plataforma Brasil. Foram realizadas, ao todo, 14 entrevistas, sendo 7 com mulheres *cholas* que trabalham em Corumbá e 7 com mulheres que trabalham em Puerto Quijarro. O perfil escolhido com critérios de inclusão para realizar as entrevistas foram:

- Gênero: Mulheres indígenas e mestiças com naturalidade boliviana
- Vestimentas: *cholas* que usam *polleras* e *tranças*, que caracterizem a identidade cultural.
- Faixa etária: de 20 a 90 anos;
- Local de trabalho: 7 mulheres *cholas* que trabalham em Corumbá (MS), em centro comercial ou feira livre e 7 que laboram em Puerto Quijarro, Bolívia;
- Número total de entrevistadas: 14 participantes *cholas* no total, com 7 entrevistadas de cada localidade.

O questionário e a entrevista foram realizados em espanhol. Os critérios de exclusão para a não realização das entrevistas foram:

- Mulheres menores de 20 anos;
- Outras nacionalidades que não a boliviana;
- Mulheres indígenas e mestiças que não usem *polleras* (saias típicas).

3.2 O PROCESSO DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS DAS ENTREVISTAS

As entrevistas semiestruturadas ocorreram durante os meses de julho e agosto do ano de 2024. Foram realizadas no centro comercial e na feira livre em Corumbá, Brasil, e, posteriormente, na feira livre e no mercado campesino em Puerto Quijarro, Bolívia.

As entrevistas tiveram duração máxima de 30 minutos e não foram pré-agendadas, ou seja, a pesquisadora abordou as entrevistadas e explicou sobre a entrevista, gravadas para que não houvesse perda de informações relevantes. As entrevistas foram realizadas em espanhol para que as mulheres cholas pudessem compreender com clareza as perguntas. Ressaltamos que as participantes foram informadas sobre a intenção da pesquisa e relativa explicação sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que estava em espanhol. Após os esclarecimentos, as mulheres compreenderam a importância da entrevista e não se sentiram influenciadas pela entrevistadora.

As entrevistas contaram com cinco áreas de concentração da pesquisa: 1) Identidade pessoal e cultural; 2) Migração e resistência; 3) Discriminação; 4) Vestimentas cholas na fronteira; 5) Vida cotidiana.

Na primeira parte do roteiro foram levantadas informações sobre “Identidade pessoal e cultural”: faixa etária, etnia, língua falada, departamento de origem, distância aproximada da fronteira e se possui ou não a alfabetização.

Em seguida, o objetivo foi identificar a “Migração e resistência”, observando quanto tempo está na fronteira, se trabalhou em outros países antes desta fronteira, qual o local atual de moradia, qual o local de trabalho e se a mulher é importante na fronteira. As perguntas foram abertas e fechadas, relacionando o âmbito do trabalho e dos motivos que demandaram o deslocamento migratório interno, externo e pendular.

Na terceira parte, buscou-se identificar a incidência da discriminação por ser *chola*: as relações sociais das cholas na fronteira, se elas possuem vínculos com outras mulheres de *pollera* e se, em especial, possuem amizades com brasileiras.

A quarta parte do roteiro teve o propósito de compreender as vestimentas cholas na fronteira (*polleras*) e a cultura da fronteira, identificando as influências fronteiriças, as mídias e as representações que mantêm o uso das fileiras, além de observar as resistências e as tradições culturais. Também foi investigado se há mudanças nas vestimentas relacionadas à localização na fronteira em comparação ao departamento de origem; se usar os trajes é uma imposição social, cultural ou decisão pessoal; e se existem protagonistas de novelas, programas de televisão e grupos na *internet* onde as mulheres recorrem a *polleras*, além de identificar com que idade uma menina começa a usar as *polleras*.

A última parte, manifesta a intenção de entender a dinâmica da vida cotidiana fronteiriça e a adaptação das famílias em relação a fatores econômicos sociais e culturais que influenciam no dia a dia, de modo a caracterizar o papel e o gênero na dinâmica familiar das *cholas*; o consumo e os serviços realizados na fronteira do Brasil e da Bolívia; a utilização de lazer e a sociabilidade de interações entre os dois países, contando com o apoio e a comunidade local, verificando, ainda, se há ou não impacto das políticas fronteiriças. As informações coletadas foram analisadas por meio de instrumento de pesquisa, pela revisão bibliográfica e as entrevistas gravadas.

Posteriormente, realizou-se uma leitura detalhada e zelosa de todo o conteúdo a fim de identificar informações da pesquisa. O material foi organizado por cinco categorias, visando facilitar a análise e a compreensão. Apesar de nenhum conteúdo ter sido menosprezado, optamos pelo destaque de conteúdos com maior recorrência, compreendendo que possuem maior recidiva entre os entrevistados. A transcrição das entrevistas foi devidamente arquivada para a análise de dados futuros. As entrevistas escritas respeitaram as características próprias do registro oral, somando 14 entrevistas gravadas e posteriormente transcritas.

Durante as entrevistas realizadas, foi possível perceber que muitas dessas mulheres não haviam sido objeto de estudos acadêmicos anteriormente ou mesmo abordadas para compartilhar suas experiências. Inicialmente, demonstraram receio e hesitação ao responder às perguntas, mas, à medida que se estabelecia uma relação de confiança, passaram a relatar suas trajetórias com maior abertura. Suas narrativas evidenciam não somente os desafios enfrentados, como a invisibilidade social e a discriminação associada ao uso da *pollera*, mas também a resiliência e a força que permeiam seu cotidiano.

Descreveremos abaixo as cinco áreas de concentração temática da pesquisa: 1) Identidade pessoal e cultural; 2) Migração e resistência; 3) Discriminação; 4) Vestimentas cholas na fronteira; 5) vida cotidiana. Essas áreas contribuem para a constatação das hipóteses iniciais desta investigação sobre as mulheres que usam *polleras* no Pantanal.

3.3 IDENTIDADE PESSOAL E CULTURAL

A identidade pessoal e cultural permite que o indivíduo se reconheça a partir de tradições, crenças, valores do grupo em que se origina. Nesse caso, o sentimento de pertencimento se constrói a partir de contextos culturais, e a identidade cultural pode ser preservada como patrimônio e nacionalização por meio de um diálogo intercultural de enriquecimento para as relações sociais.

A entrevista, assim, objetivou caracterizar a identidade pessoal e cultural das *cholas*, observando a etnia como povos originários a partir da identificação geográfica do departamento e das províncias bolivianas de onde se originam. A partir dos resultados, identificamos a diversidade presente nas áreas fronteiriças e como a identidade cultural é assumida, considerando as relações mútuas vivenciadas nesse contexto.

As seguintes perguntas (Quadro 1) foram realizadas em espanhol, para facilitar a compreensão das entrevistadas.

Quadro 1 – Área de concentração: Identidade das *cholas* bolivianas que trabalham na fronteira

PERGUNTAS ÀS CHOLAS SOBRE IDENTIDADE PESSOAL E CULTURAL
A) Qual sua idade? B) Qual é o seu local - departamento e província? C) Você é aymara (), quechua (), guarani () ou outro ()? D) Você se comunica usando sua língua original? sim () ou não (). E) Quais línguas você fala? português (), espanhol () ou a língua de origem (). F) Existe alguma mudança linguística por estar na fronteira? sim () ou não ().

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

As entrevistas foram divididas em dois grupos: mulheres *cholas* que trabalham no Brasil, identificadas como BR (BR1, BR2, BR3, BR4, BR5, BR6, BR7); e *cholas* que trabalham na Bolívia, identificadas como BO (BO1, BO2, BO3, BO4, BO5, BO6, BO7).

Quadro 2 – Descrição do perfil das *cholas* que trabalham no Brasil

Identificação	Idade	Etnia	Línguas faladas	Província	Departamento de origem	Distância até a fronteira	Alfabetizada?	Feira ou comércio?	Voltaria a viver no local de origem?
BR 1	44	Aymara	aymara, espanhol	Pacajes	La Paz	1.519,2 Km	Assinatura	Comércio	Sim
BR2	40	Aymara	aymara, espanhol, português pouco	Larecaja	La Paz	1.178 Km	Assinatura	Comércio	Sim
BR3	65	Quechua	quechua, espanhol, português entende	José Maria Linares	Sucre	1.138,2 Km	Digital	Comércio	Sim
BR4	75	Aymara	aymara e espanhol	Aroma	La Paz	1.412 Km	Digital	Comércio	<i>No, muy frío</i>
BR5	63	Quechua	quechua, espanhol, português pouco	Capinota	Cochabamba	1.187 Km	Assinatura	Feira	Sim, vive lá, mas vem vender aqui
BR6	61	Quechua	quechua, espanhol, português pouco	Sud Chichas	Potosí	1.384,7 Km	Digital	Feira	<i>No, porque meus filhos estão aqui</i>
BR7	55	Quechua	quechua, espanhol, português pouco	Rafael Bustillo	Potosí	1.292,4 Km	Assinatura	Porto Geral	<i>No, no puedo porque es mucho frío</i>

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Quadro 3 – Descrição do perfil das *cholas* que trabalham na Bolívia

Identificação	Idade	Etnia	Língua falada	Província	Departamento de origem	Distância origem até a fronteira	Alfabetizada	Campesino ou shopping-chão?	Voltar a viver no local de origem
BO1	67	Quechua	quechua espanhol	Centro	Succe	1.128km	Risco	Campesino	<i>No</i>
BO2	67	Aymara	aymara e espanhol	Crarangas	Oruro	1477,9	Assinatura	Shopping-Chão	Sim, família.
BO3	68	Quechua	quechua e espanhol	Puente Capriles	Cochabamba	1115,1 km	Digital	Loja de Frutas	Sim
BO4	60	Aymara	espanhol	Salar de Uyuni	Potosí	1607 km	Digital	Campesino	<i>No</i>
BO5	61	Quechua	quechua pouco, espanhol, português pouco	Sud Chichas	Potosí	938 km	Risco	Banca Campesino	<i>No</i>
BO6	52	Quechua	quechua, espanhol, português	Tomás Frias	Potosí	-	Digital	Campesino	Não, pois pode ir somente visitar.
BO7	35	Quechua	espanhol, português pouco	Cornélio Sabreda	Potosí	1260,1 km	Assinatura	Carrinho de Sucos	<i>No. Poco dinero.</i>

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Após identificar as cholas entrevistadas, informamos que não objetivamos traçar um perfil econômico das participantes. O intuito foi determinar quais os lugares e departamentos dos quais as mulheres se deslocaram até chegar à fronteira, identificando a sua origem, etnia e identidade.

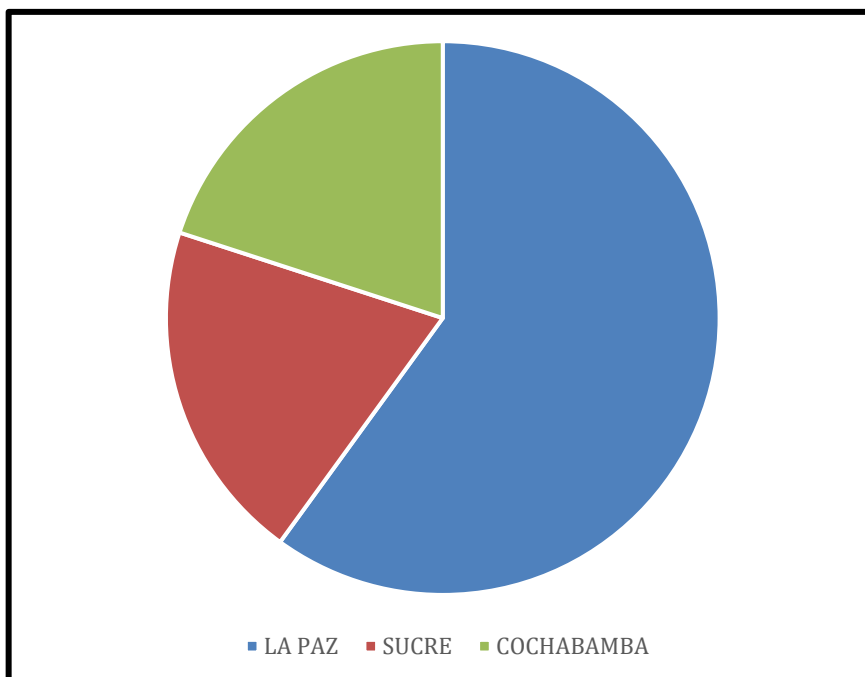
A) Idade das *cholas*

As *cholas* entrevistadas possuem idades diversas. As que trabalham no Brasil pertencem à faixa etária de 40 a 75 anos, distribuídas em adultas maduras, de 40 a 59: BR1 (44), BR2 (40), BR7 (55), e idosas, com mais de 60 anos: BR3 (65), BR4 (75), BR5 (63), BR6 (61). Na entrevista, a BR7 trabalha diariamente na feira de Corumbá e possui a idade avançada de 75 anos. Os resultados apontaram que 42,86% são adultas e 57,14% são idosas.

As *cholas* que trabalham na Bolívia possuem as seguintes faixas etárias: adultas maduras (com menos de 60 anos) – BO6 (52), BO7(35); e as idosas com mais de 60 anos – BO1 (67), BO2(67), BO3 (68), BO4(60) e BO5(61). As porcentagens são de 28,57% para adultas maduras e 71,43% para idosas.

B) Departamento e a província de origem

Gráfico 1 – Departamento das cholas que trabalham no Brasil



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Respostas das *cholas* que trabalham no Brasil:

A origem das *cholas* segundo seus departamentos (Gráfico 1):

Departamento de La Paz: 42,9%

- BR1 Pacajes (Província)
- BR2 Larecaja (Província)
- BR4 Aroma (Província)

Departamento de Sucre: 14,3%

- BR3 José Maria Linhares (Província)

Cochabamba: 14,3%

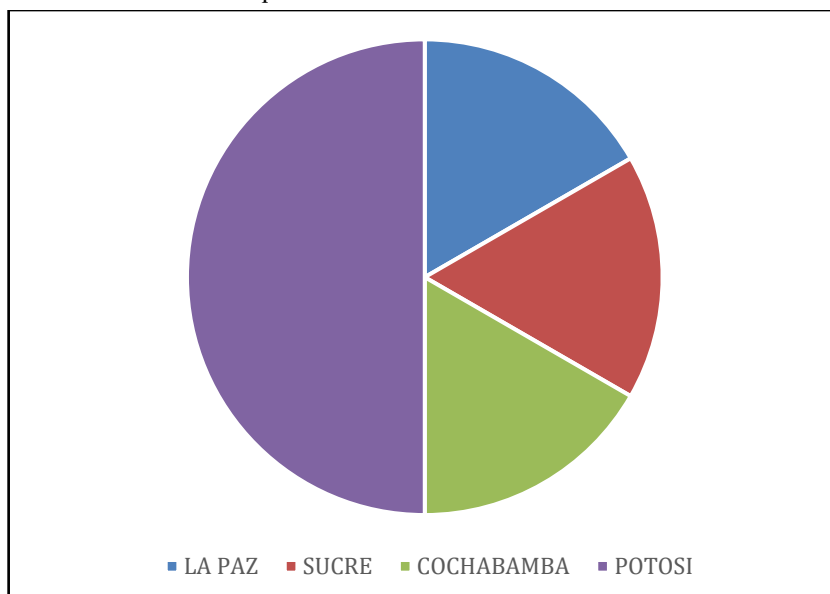
- BR5 Capinota (Província)

Departamento de Potosí: 28,57%

- BR6 Sud Chichas (Província)
- BR7 Rafael Bustillo (Província)

A *chola* que se origina do departamento mais distante da fronteira é a BR1, em La Paz, com 1.519,2 km de distância da fronteira.

Gráfico 2 – Departamento das *cholas* de que trabalham na Bolívia



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Respostas das *cholas* que trabalham na Bolívia:

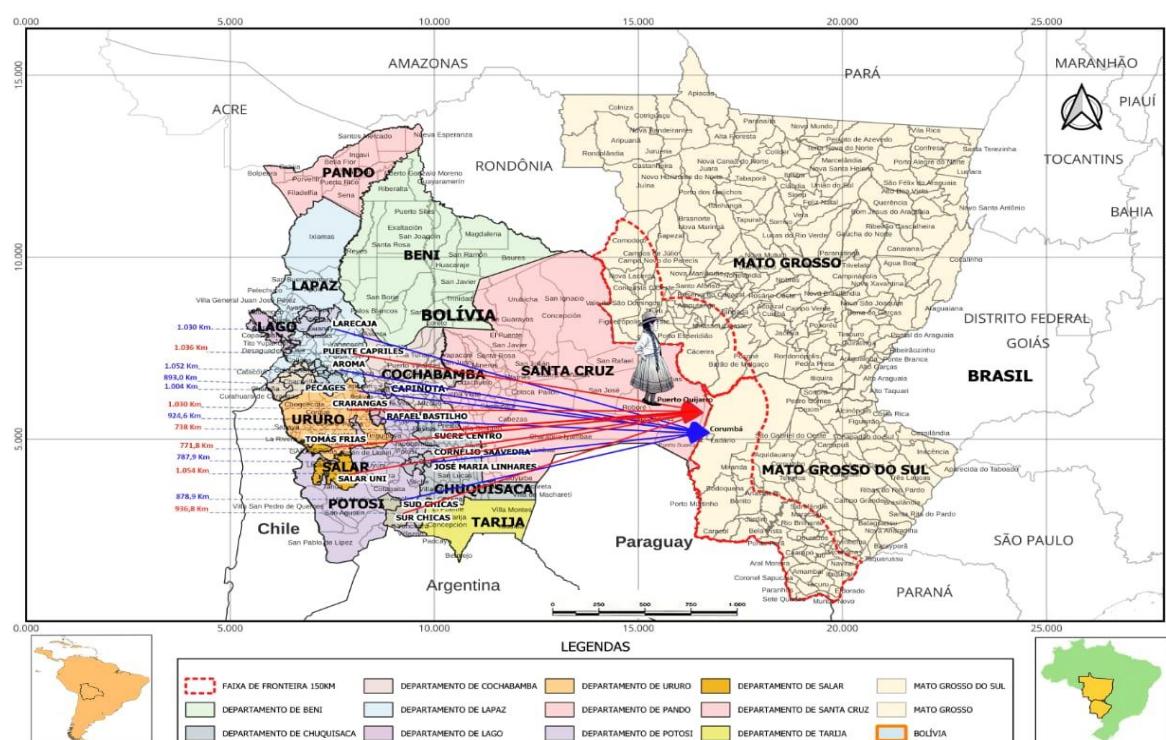
A origem das *cholas* segundo seus departamentos (Gráfico 2):

- Potosí: 42,9%;

- BO4 Salar de Uyuni (Província)
- BO5 Sud Chichas (Província)
- BO6 Tomás de Frias (Província)
- BO7 Cornélio Sabreda (Província)
- Sucre: 14,3%
- BO1 Centro de Sucre
- Oruro: 14,3%
- BO2 Crarangas (Província)
- Cochabamba: 14,3%
- BO3 Puente Capriles (Província).

Os resultados combinados mostram que a maioria das cholas é originária de La Paz, o departamento com o maior número de cholas, representando 42,9% do total. Em segundo lugar está Potosí, com 28,57% do total. Sucre e Cochabamba apresentam a mesma porcentagem, com 14,3% cada. A pesquisa resultou no seguinte mapa de deslocamento das cholas, que ilustra os percursos dos departamentos e províncias de origem até a fronteira (Mapa 1).

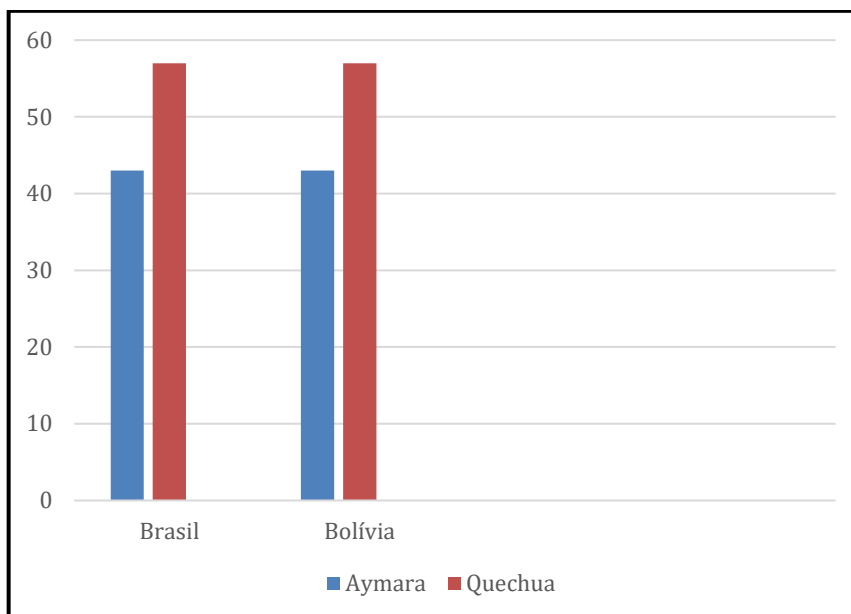
Mapa 1 - Mapa da Origem: Departamentos e Províncias até a Fronteira



Fonte: Realizada pela pesquisadora (2024).

C) Etnia indígena das *cholas*

Gráfico 3 – Etnias da chola



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

As respostas identificaram que existem somente duas etnias bolivianas entre as *cholas* entrevistadas: quechua e aymara (Gráfico 3).

Respostas das *cholas* que trabalham no Brasil:

Entre as mulheres entrevistadas que trabalham no Brasil, 42,86% são aymara e 57,14% são quechua.

Respostas das *cholas* que trabalham na Bolívia:

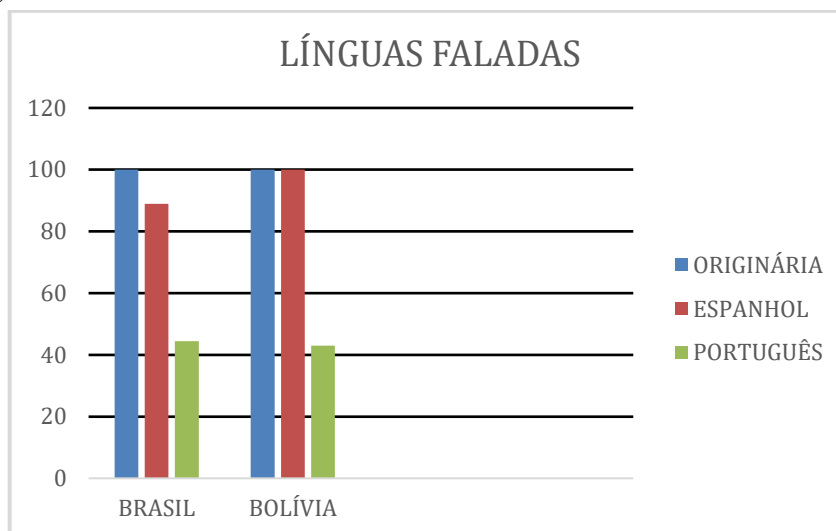
Entre as que trabalham na Bolívia, 42,86% são aymara e 57,14% são quechua.

De todas as 14 entrevistadas, considerando os dois países, 62,29% são quechua e 35,71% são aymara.

Os resultados combinados indicam que as *cholas* de origem Quechua representam a maior parte, com 62,29% do total entre os dois países. Já 35,71% das *cholas* entrevistadas são de origem Aymara.

D) Línguas faladas

Gráfico 4 – Línguas falas



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Respostas das *cholas* que trabalham no Brasil:

Quanto à língua, 100% das entrevistadas falam sua linguagem originária; 88,89% responderam que falam também o espanhol; e 44,44%, mesmo trabalhando no Brasil, relataram que falam pouco o português (Gráfico 4).

Respostas das *cholas* que trabalham na Bolívia:

100% falam a língua originária; 100% falam o espanhol; e 43% disseram falar um pouco de português.

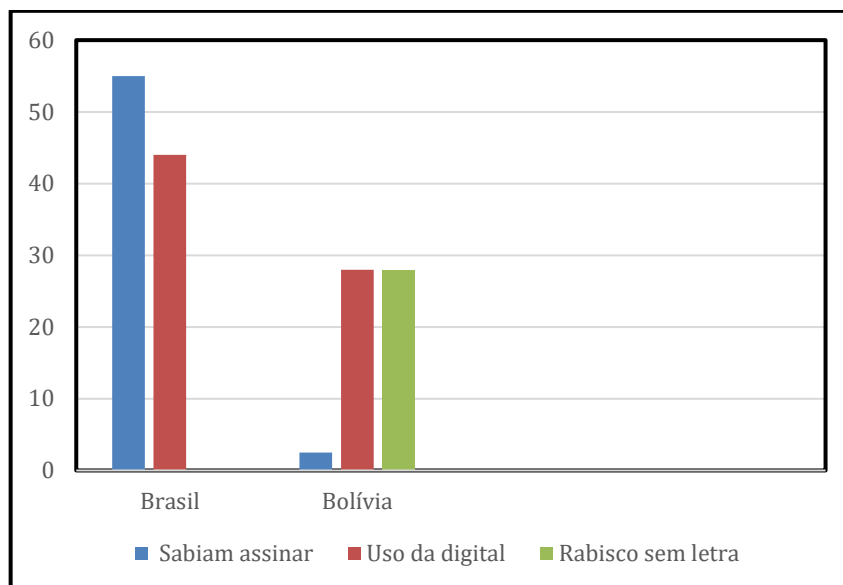
Os resultados combinados mostram que as *cholas* de origem Quechua constituem a maior parte, com 62,29% do total entre os dois países. Em seguida, 35,71% das *cholas* entrevistadas são de origem Aymara.

E) Mudança linguística na fronteira

Quando perguntadas se há mudanças linguísticas por estar na fronteira, 100% das entrevistadas responderam positivamente. Todas elas relatam que passaram a usar mais o espanhol, e que antes, no departamento e na província a que pertencem, utilizavam mais a língua de origem. Nem todas as profissionais que atuam no Brasil se consideram fluentes em português; muitas afirmaram falar apenas o básico, suficiente para desempenhar suas funções. A mesma percepção foi observada entre aquelas que trabalham na Bolívia.

F) Analfabetismo entre as *cholas*

Gráfico 5 – Analfabetismo



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Um dado importante que surgiu entre as entrevistadas foi o analfabetismo. Muitas delas não sabiam assinar o Termo de Consentimento da entrevista, então utilizamos o carimbo para que usassem a digital como assinatura. E estes foram os resultados que revelam o analfabetismo (Gráfico 4).

Respostas das *cholas* que trabalham no Brasil:

55,56% das *cholas* sabiam assinar o Termo de Consentimento e 44,44% relataram não saber fazer a própria assinatura, necessitando utilizar as digitais.

Respostas das *cholas* que trabalham na Bolívia:

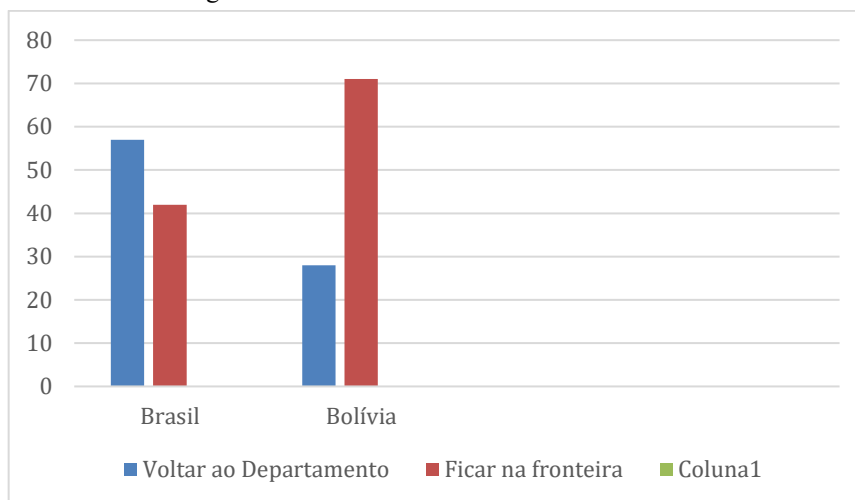
42,86% realizaram a assinatura do seu próprio nome e 28,57% não souberam assinar, necessitando utilizar a digital, pois possuíam o analfabetismo absoluto.

28,57% realizaram a assinatura como um risco, sem colocar nenhuma letra e vogal, o que sugere analfabetismo. De todas as 14 entrevistadas, 8 possuíam o analfabetismo e 6 souberam realizar a assinatura. Com isso, concluímos que 57,14% das *cholas* entrevistadas não sabiam realizar a própria assinatura, o que nos leva a identificar um alto índice de analfabetismo.

Os resultados combinados mostram que, das 14 entrevistadas, 8 eram analfabetas e 6 sabiam realizar a própria assinatura. Isso significa que 57,14% das *cholas* entrevistadas não sabiam assinar, o que aponta para um alto índice de analfabetismo entre as participantes.

G) Retorno ao local de origem

Gráfico 6 – Retorno ao local de origem



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Ao serem perguntadas se desejam voltar a viver em seu local de origem, obtivemos os seguintes resultados (Gráfico 6):

Respostas das *cholas* que trabalham no Brasil:

Das *cholas* que trabalham, 57,54% querem voltar a viver no seu local de origem. Enquanto 42,86% não querem voltar e possuem o interesse de viver somente na fronteira.

Respostas das *cholas* que trabalham na Bolívia:

28,57% das *cholas* ainda querem voltar a viver em seu departamento originário. Entretanto, 71,46% não querem voltar a viver em seu departamento, manifestando o desejo de permanecer na fronteira.

Os resultados combinados indicam que 42,86% das *cholas* entrevistadas (6 *cholas*) desejam voltar ao local de origem, enquanto 57,14% (8 *cholas*) não desejam retornar e preferem viver na fronteira.

H) Análise de dados: identidade pessoal e cultural

A identidade das *cholas* na fronteira configura-se como um fenômeno complexo, que articula dimensões culturais, sociais e econômicas. Observa-se que essa identidade transita entre três eixos fundamentais: primeiro, na identidade cultural (nacional), enraizada nas tradições e conhecimentos transmitidos intergeracionalmente; segundo, em uma identidade de resistência que resiste na forma de se vestir perante a globalização.

A permanência dessa identidade na fronteira, mesmo diante das influências internacionais e das mudanças econômicas, demonstra sua força adaptativa e simbólica.

Reconhecemos, aqui, a identidade de projetos que recriam a força da identidade chola nas festas fronteiriças, sejam no Brasil ou na Bolívia, recriando um novo papel que cruza literalmente a fronteira, e que é a identidade fronteiriça de adaptações e flexibilidades no ser *chola*, pois, nesse espaço, elas não falam somente a língua originária, mas também adaptações do português.

A *pollera* é uma forma de resistir e mostrar as raízes dos povos originários. As cholas afirmam que a vestimenta é um importante aspecto estético, mas ressaltam o papel simbólico, que representa a identidade cultural, seja ela do povo originário quíchua ou aimará, em que resistir é um ato histórico.

Entre as entrevistadas, 9 *cholas* são idosas, representando uma alta porcentagem de 64,29% atuando na terceira idade. E 35,71% possuem a faixa etária de adultas maduras.

O trabalho na terceira idade, no contexto de fronteira, é uma atividade árdua, pois acompanhamos a chegada das mulheres na feira às 4h, para a montagem das barracas. Essa atividade é exaustiva e trabalhosa, pois, quando os carros chegam com as mercadorias, elas também precisam descarregar, montar as barracas de ferro e lona plástica e, em seguida, organizar todos os montes de roupas.

Por volta das 14h, estão voltando para casa, após desmontar e guardar toda a estrutura e os produtos. Na maioria das vezes, fazem isso no sol escaldante do Pantanal, pois a feira é um local quente, com uma estrutura precária, muitas vezes sem banheiro ou recursos que possam contribuir com o bem-estar dos feirantes, que trabalham os sete dias da semana. Um ponto importante a se comentar é que a feira ocorre em um local diferente a cada dia, ou seja, os feirantes trabalham diariamente em locais distintos, estabelecidos pela prefeitura da cidade brasileira.

Na Bolívia, a situação não é muito diferente. Embora a maioria delas esteja no mercado campesino em Puerto Quijarro, que possui uma estrutura um pouco melhor possuindo um local fixo e com banheiro, as mulheres também precisam montar e desmontar os seus produtos diariamente. A maioria delas trabalha das 6h às 21h, nos sete dias da semana.

As *cholas* resistem para trabalhar no contexto fronteiriço, enfrentando múltiplos desafios, como o calor intenso, a distância, o esforço de montar e desmontar as barracas ainda na madrugada e a própria idade, pois a maioria das entrevistadas são idosas. Trata-se de uma realidade muito dura e pesada para mulheres nessa faixa etária, que continuam precisando trabalhar mesmo diante das adversidades.

As *cholas* não possuem origem de Puerto Quijarro, sendo um departamento de Santa Cruz. Elas pertencem a vários outros departamentos bolivianos, como La Paz, Cochabamba, Sucre, Oruro e Potosí – o que significa que realizaram um longo percurso até o deslocamento para a fronteira. Em outras palavras, essas mulheres percorreram grandes distâncias para chegar e se estabelecer nas fronteiras do Pantanal brasileiro e boliviano. Compreende-se, assim, que é desafiador sair de sua localidade, departamento e província, em sua maioria pequenos povoados, distantes do meio urbano.

Em relação à etnia, os resultados apontam uma distinção entre os aymara e os quechuas. Com uma incidência de 62,29% de quechuas e 35,71% de aymaras, observa-se que as tradições, as identidades e os idiomas culturais são distintos entre as duas etnias.

Isso demonstra que, mesmo no cotidiano da fronteira, as *cholas* preservam as raízes culturais e identitárias das mulheres indígenas originárias.

Todas as entrevistadas relataram falar sua língua originária. Aderir a uma nova localidade de moradia reflete viver as culturas advindas desta região, pois não é somente modificar geograficamente; é se adaptar a outro modo de vida, formas de alimentação, clima, linguagens, economia, incluindo outras formas de falar e de utilizar o espanhol, que, na fronteira, é o idioma dominante.

Contudo, é possível perceber que a preservação linguística originária, ao manter a ancestralidade e a valorização cultural quechua e aymara, constitui um ato de resistência nesta região de fronteira. Manter a língua quer dizer que as tradições são transpassadas de gerações em gerações, revelando a memória coletiva e as histórias de um povo com raízes de identidade ancestral. Dessa forma, as *cholas* que vivem na fronteira mantêm vivas as comunicações originárias de séculos, ao mesmo tempo que realizam as adaptações adquiridas na fronteira, no lugar que trabalham, preservando também uma distinção cultural internacional.

O espanhol é intensamente vivenciado na fronteira, pois em *Puerto Quijarro* (por ser departamento de *Santa Cruz de La Sierra*) predomina o espanhol, enquanto no Brasil (Corumbá) fala-se o português, configurando uma comunicação linguística intercultural na fronteira internacional. Percebemos nas entrevistas que muitos(as) *quechuas* e *aymara* falavam somente a língua materna nas províncias de origem. Contudo, ao migrarem para a fronteira, adotam o espanhol como língua para as relações comerciais.

A manutenção da linguagem materna é uma estratégia para não deixar enfraquecer ou perder o cotidiano da linguagem étnica quechua e aymara na comunidade fronteiriça. A língua ancestral demonstra que existe uma força viva que resiste mesmo no contexto fronteiriço.

O português, língua brasileira, possui muita diferença do espanhol e uma maior distinção em comparação às línguas quechua e aymara. Nos resultados da pesquisa, verificou-se que o português é aprendido somente de forma básica, com o intuito de manter as atividades laborais nas feiras e nos comércios fronteiriços. As cholas criaram o que chamaremos aqui de “amoldamento linguístico” – uma ferramenta para vender e atrair clientes brasileiros. Nesse contexto, as cholas vendem para clientes falando “calça” em vez de “*pantalones*”; “saia” ao em vez de “*falda*”; “vermelho” ao em vez de “*cor roja*”. O aprendizado é com o sotaque espanhol sendo limitado, mas demonstram que existe uma habilidade para praticar o novo idioma, que não interfere na sua manutenção cultural. Dito de outra forma, as *cholas*, mesmo utilizando o português e o espanhol, mantêm as raízes culturais ancestrais, demonstrando flexibilidade e dinamismo em zonas fronteiriças.

A presença das três línguas – quíchua ou aymara (as originárias), somada ao espanhol e ao português – retrata o esforço de aprender a língua local, ao mesmo tempo que busca preservar a língua ancestral. Isso indica que aprender um novo idioma pode ser difícil e que, em “segundo plano”, existe uma língua (no caso, o espanhol) que possui uma maior força de valorização diante do português. Existe um esforço de preservação da língua materna, ao mesmo tempo que se enfrenta o desafio de aprender novos idiomas na fronteira:

Entrevistador: *¿Te comunicas con aymara?* **Entrevistada:** *Si, y español nomás. Si hablo, no sé escribir bien en aymara. Sé hablar, sabía hablar. Es que cuando yo estudiaba en el campo, no nos enseñaban a escribir en aymara, pues, solo sé hablar. Y escribíamos en español. En español sabía hablar.*
Entrevistador: *¿Habla portugués?* **Entrevistada:** *Entiendo poco. No, no sé escribir (BR1, 2024)⁴².*

Este trecho demonstra que, ao estudar no campo, não lhes foi ensinado a escrever em aymara, de modo que aprenderam somente a falar o idioma. O trecho também destaca que os campos podem ter dificuldades para o aprendizado em escolas.

Entrevistador: *¿Te comunicas hablando en aymara?* **Entrevistada:** *Sí, sí.*
Entrevistador: *¿Con quién?* **Entrevistada:** *Con mi mamá, pero ahora falleció mi mamá, ya hace de dos años ya que no hablamos ahí me recas. Mis hermanos son toditos somos ella, pero como se vinieron a la ciudad y todos se hablan castellano desde pequeño a mi padre casi no les gustaba que hablemos aymara de aquellos años y siempre él trataba de hablarnos en castellano, por eso casi aymara, casi no estoy tan finamente como castellano,*

⁴² **Entrevistador:** Você se comunica em aymara? **Entrevistada:** Sim, só em espanhol. Eu falo, mas não sei escrever bem em aymara. Sei falar, sabia falar. Quando eu estudava no campo, não nos ensinavam a escrever em aymara, então, só sei falar. E escrevíamos em espanhol. Em espanhol, eu sabia falar. **Entrevistador:** Você fala português? **Entrevistada:** Entendo pouco. Não, não sei escrever. (BR1, 2024, *tradução nossa*).

así a vestáleo no me equivoco con otros. Aquí hablan portugués, no más que vienen los brasileños, pero no yo no, no puedo hablar ese idioma. Pero ellos entienden lo que hablamos de castellano, yo hablo tanto (BO2, 2024)⁴³.

Esse trecho revela uma relação da linguagem aymara e as tensões linguísticas e culturais que envolvem o contexto da migração. A senhora entrevistada é da etnia aymara e relata que a língua foi ensinada pela sua mãe, que já faleceu. Após este momento, interrompeu-se o vínculo cotidiano com a língua, sugerindo uma conexão emocional entre o idioma aymara e as relações maternas. A entrevistada comenta que os seus irmãos, apesar de serem aymara, adotaram o castelhano por conta da vida urbana, e que o seu pai também os incentivava a falar essa língua como uma tentativa de integração da vida migratória. Essas respostas sugerem que o aymara vem sendo substituído, pelas novas gerações, pelo espanhol, por ser mais útil e também utilizado no contexto das cidades. A *chola* demonstra insegurança sobre sua fluência aymara após o menor uso com a família e a substituição pelo espanhol por viver em um contexto urbano e fronteiriço.

Nesse caso, ao afirmar que as pessoas falam em português e que ela conversa em espanhol com os brasileiros, ela revela não dominar o português, preferindo se comunicar em espanhol, mas mantém contato com as três línguas: aymara, português e castelhano. Podemos sugerir que há uma identidade de pertencimento que enfrenta desafios para preservar a própria língua e a cultura no meio de um contexto de fronteira no qual as interações linguísticas e culturais são constantemente fluidas. É possível perceber o analfabetismo entre as *cholas*, constatando que muitas delas migram e pendulam diariamente para o Brasil sem saber ler e escrever com domínio. Essas mulheres precisam lidar com dinheiro, anotações e todo o universo da leitura e da escrita. Mesmo assim, elas não se intimidam de sair da sua origem para gerar uma migração adequada à sua própria necessidade de sobreviver no lugar fronteiriço, onde é possível encontrar mais recursos. Ao questionarmos se querem retornar a viver no local de origem, algumas vezes percebemos um olhar distante, uma resposta carregada de pesar, indicando que não voltariam, pois não há trabalho em suas províncias, o local é frio e elas se adaptaram à vida na fronteira. Percebe-se um saudosismo, substituído por visitas aos parentes, sempre retornando para sua vida na fronteira.

⁴³ **Entrevistador:** Você se comunica falando em aymara? **Entrevistada:** Sim, sim. **Entrevistador:** Com quem? **Entrevistada:** Com minha mãe, mas agora minha mãe faleceu, já tem dois anos que não falamos mais. Meus irmãos são todos ela, mas como vieram para a cidade e todos falam castelhano desde pequenos, meu pai quase não gostava que falássemos aymara naqueles anos e sempre tentava falar com a gente em castelhano, por isso quase não falo aymara tão bem como castelhano, assim, não me confundo com os outros. Aqui falam português, mas os brasileiros vêm, mas eu não, não posso falar esse idioma. Mas eles entendem o que falamos em castelhano, eu falo tanto. (BO2, 2024, *tradução nossa*).

As entrevistadas que trabalham no Brasil (57,54%) querem voltar a viver no seu local de origem. Isso sugere que, mesmo estando distantes, elas mantêm um vínculo social e emocional com o seu local de nascimento, indicando valorização das tradições culturais e de suas raízes. Ao mesmo tempo, 42,86% querem viver somente na fronteira e não mais retornar completamente ao seu local de origem. Essa decisão aponta uma adaptação à vida da fronteira, que pode ser pelas oportunidades econômicas e sociais do Brasil, propondo um misto cultural e possibilidades de renda.

Das entrevistadas que trabalham na Bolívia, 71,46% não querem voltar a viver em seu departamento de origem e desejam permanecer na fronteira. Esta distinção percentual demonstra que a fronteira possui condições econômicas, sociais e redes de serviços que favorecem melhores condições, e que a vida fronteiriça proporciona liberdade e autonomia por estar em áreas mais urbanas. Entretanto, 28,57% das *cholas* ainda querem voltar a viver em seu departamento originário, o que pode refletir uma necessidade de voltar à comunidade original para manter a sua identidade e cultura. Ser *chola* na fronteira é mais do que uma identidade cultural, é uma forma contínua de resistência, é um símbolo de garantir as heranças ancestrais dos povos originários bolivianos.

3.4 MIGRAÇÃO

A pesquisa aponta que as *cholas* bolivianas que vivem na fronteira realizaram processos migratórios, preservando a resistência cultural e a identidade nacional boliviana mesmo em regiões transfronteiriças. A divisa do Brasil com a Bolívia possui um marco territorial que une as comunidades com trocas econômicas, fazendo com que as *cholas* desempenhem trabalhos econômicos na fronteira, ligados à economia familiar e ao desenvolvimento local da região fronteiriça. Nas entrevistas, buscou-se entender as principais motivações da migração: há quanto tempo estão na fronteira e quais os principais desafios com o processo migratório (Quadros 4, 5 e 6).

Quadro 4 – Perguntas sobre migração

Perguntas
A) Quando e por que vieram morar na fronteira?
B) Qual o motivo? Trabalho () Fatores econômicos () Desemprego () Saúde básica () Educação()
C) Você morou em outros países antes da fronteira com o Brasil?
D) Você mora atualmente na Bolívia () no Brasil () ou em ambos ()
E) Você trabalha no Brasil () na Bolívia () ou nos dois países ()
F) O papel da mulher é importante na fronteira?

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

As entrevistas foram divididas em dois grupos: mulheres *cholas* que trabalham no Brasil identificadas como BR (BR1, BR2, BR3, BR4, BR5, BR6, BR7). E *cholas* que trabalham na Bolívia identificadas como BO (BO1, BO2, BO3, BO4, BO5, BO6, BO7).

Quadro 5 – Respostas sobre migração com as *cholas* que trabalham no Brasil na fronteira

Respostas
BR1 ⁴⁴ “Yo Vivo desde hace casi 21 años y medio y estaba tratando de ganar dinero. Vivo en Bolivia, trabajo en Brasil y mis hijas estudian en Corumbá. Las mujeres en la frontera son importantes para la economía fronteriza”
BR2 ⁴⁵ “He estado durante 20 años. Vine con una tía que era comerciante, siempre viví en Bolivia y solo trabajo en Brasil. Trabajé en Villazón, San Pablo en Potosí”
BR3 ⁴⁶ “Llevo dos años en la frontera, solo vine a pasear y me gustó y decidí quedarme. No fui a otros países, vine a Brasil desde Bolivia. Vivo en Bolivia y solo trabajo en Brasil. La importancia del trabajo de las mujeres está en la frontera”
BR4 ⁴⁷ “Estoy aquí desde el Carnaval y me quedé muchos años, siete años, trabajé en La Paz y luego vine para acá, vivo en Brasil, solo trabajo en Brasil, nunca trabajé del otro lado de la frontera en Bolivia. Tengo una casa en Bolivia pero no trabajé allí, tengo una hermana que trabaja y vive en Brasil”
BR5 ⁴⁸ “Llevo 15 años en la frontera, vine a buscar Plata. Vendiendo productos, ya tengo hijos que están en la universidad y necesitan dinero para mantenerlos. Vine directamente desde Santa Cruz, Bolivia a Brasil, no estuve en otros países. Yo vivo en Bolivia pero trabajo en Brasil y también en Bolivia. Al final yo creo que las mujeres son importantes porque han trabajado desde pequeñas y aprendieron a ganar dinero. Mis hijos y mi esposo también trabajan”
BR6 ⁴⁹ “Ah, llevo 40 años allí desde mi juventud, vine a trabajar, solo trabajé en Bolivia y Brasil, actualmente vivo en Bolivia, pero antes de vivir en Brasil, trabajo en ambos países. Tanto en Bolivia como en Brasil. Las mujeres son importantes porque están en la economía local de la frontera”

⁴⁴ **BR1**: “Eu vivo há quase 21 anos e meio e estava tentando ganhar dinheiro. Vivo na Bolívia, trabalho no Brasil e minhas filhas estudam em Corumbá. As mulheres na fronteira são importantes para a economia da fronteira.” (*tradução nossa*).

⁴⁵ **BR2**: “Eu estive aqui por 20 anos. Vim com uma tia que era comerciante, sempre vivi na Bolívia e só trabalho no Brasil. Trabalhei em Villazón, São Paulo em Potosí.” (*tradução nossa*).

⁴⁶ **BR3**: “Estou há dois anos na fronteira, só vim passear e gostei e decidi ficar. Não fui a outros países, vim para o Brasil vindo da Bolívia. Vivo na Bolívia e só trabalho no Brasil. A importância do trabalho das mulheres está na fronteira.” (*tradução nossa*).

⁴⁷ **BR4**: “Estou aqui desde o Carnaval e fiquei muitos anos, sete anos, trabalhei em La Paz e depois vim para cá, vivo no Brasil, só trabalho no Brasil, nunca trabalhei do outro lado da fronteira na Bolívia. Tenho uma casa na Bolívia, mas não trabalhei lá, tenho uma irmã que trabalha e vive no Brasil.” (*tradução nossa*).

⁴⁸ **BR5**: “Estou há 15 anos na fronteira, vim em busca de dinheiro. Vendendo produtos, já tenho filhos que estão na universidade e precisam de dinheiro para mantê-los. Vim diretamente de Santa Cruz, Bolívia, para o Brasil, não estive em outros países. Eu vivo na Bolívia, mas trabalho no Brasil e também na Bolívia. No final, eu acho que as mulheres são importantes porque trabalharam desde pequenas e aprenderam a ganhar dinheiro. Meus filhos e meu marido também trabalham.” (*tradução nossa*).

⁴⁹ **BR6**: “Ah, estou aqui há 40 anos, desde minha juventude, vim trabalhar, só trabalhei na Bolívia e no Brasil, atualmente vivo na Bolívia, mas antes de viver no Brasil, trabalho em ambos os países. Tanto na Bolívia quanto no Brasil. As mulheres são importantes porque estão na economia local da fronteira.” (*tradução nossa*).

BR7⁵⁰ “Llegué a Brasil hace 18 años donde viví [Potosí], no tenía casa y no tenía trabajo ni nada, vine a Santa Cruz y luego de Santa Cruz no pude conseguir trabajo. o cualquier cosa, así que por esa razón llegué aquí desde Bolivia y actualmente vivo en Bolivia y trabajo en Brasil. Es que uno sabe cómo ingresar, como ir o que hay que hacer en otro país, entonces era difícil. El trabajo de las mujeres en la frontera es importante, el personaje que no tiene trabajo para sacar sus centavos, los centavos tienen una obligación, tiene que trabajar y tiene que vivir para mantener a mi familia”

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Quadro 6 – Respostas das entrevistas realizadas com cholas que trabalham na Bolívia

Respostas
BO1⁵¹ “Y yo estoy en la frontera desde hace 24 años, a mi familia le gusta frontera, vine por trabajo, las mujeres son importantes en la frontera”
BO2⁵² “Llevo aquí casi 20 años, vine con mi marido, él ahora vive en Santa Cruz, mis errores son de aquí y se fueron y ahora estoy sola. Allí en Bolivia tengo la feria, una casa más mi hija Él vive en la casa y la necesita más que yo, no puedo obligarlo a abandonarla. En el Oruro cuando mis hijos eran pequeños había mucho movimiento, pero no se ganaba mucho dinero entonces yo vine del Oruro. Por otras partes nos fuimos a Cochabamba y luego a Santa Cruz y llegamos más lejos, y mi marido nunca quiso y yo quería venir a alimentar a mi familia. El tiene una prima que vive en Santa Cruz en el kilómetro, pero no había mucho movimiento allí así que no quería quedarme allí, así que me sentí mal con mi marido, Y él no quiere alejarse de su familia, nos llevamos mal. Las mujeres son muy importantes para la economía. Solo trabajo en Bolivia y vivo en Bolivia, nunca he trabajado en Brasil. No conozco Brasil”
BO3⁵³ “Estoy durante 50 años en la frontera. Mi marido ya había venido solo a trabajar a fronteira, entonces vine yo, actualmente soy la única que trabaja, él ya no trabaja, no ayuda en nada, vine por la Plata. Para trabajar vinimos directo a esta Frontera, siempre vivimos aquí en Bolivia, yo no trabajé en Brasil, no conozco Brasil , solo aquí, las mujeres ya no son importantes en la economía de esta frontera. Trabajamos y nuestro papel en la frontera es importante”

⁵⁰ **BR7:** “Cheguei ao Brasil há 18 anos, onde vivi [Potosí], não tinha casa e não tinha trabalho nem nada, vim para Santa Cruz e depois de Santa Cruz não consegui trabalho, ou qualquer coisa, então por essa razão cheguei aqui vindo da Bolívia e atualmente vivo na Bolívia e trabalho no Brasil. É que a gente sabe como entrar, como ir ou o que fazer em outro país, então foi difícil. O trabalho das mulheres na fronteira é importante, a pessoa que não tem trabalho para tirar seus centavos, os centavos tem uma obrigação, tem que trabalhar e tem que viver para sustentar a minha família.” (*tradução nossa*).

⁵¹ **BO1:** “Eu estou na fronteira há 24 anos, minha família gosta da fronteira, vim por trabalho, as mulheres são importantes na fronteira.” (*tradução nossa*).

⁵² **BO2:** “Estou aqui há quase 20 anos, vim com meu marido, ele agora vive em Santa Cruz, meus filhos são daqui e foram embora e agora estou sozinha. Lá na Bolívia tenho a feira, uma casa mais minha filha. Ele vive na casa e precisa mais dela do que eu, não posso obrigá-lo a abandoná-la. Em Oruro, quando meus filhos eram pequenos, havia muito movimento, mas não se ganhava muito dinheiro, então eu vim de Oruro. Fomos para Cochabamba e depois para Santa Cruz, fomos mais longe, e meu marido nunca quis, e eu queria vir para alimentar minha família. Ele tem uma prima que vive em Santa Cruz no quilômetro, mas não havia muito movimento lá, então não queria ficar lá, então me senti mal com meu marido. E ele não quer se afastar da família dele, nós nos damos mal. As mulheres são muito importantes para a economia. Eu trabalho apenas na Bolívia e vivo na Bolívia, nunca trabalhei no Brasil. Não conheço o Brasil.” (*tradução nossa*).

⁵³ **BO3:** “Estou há 50 anos na fronteira. Meu marido já havia vindo sozinho para trabalhar na fronteira, então eu vim. Atualmente sou a única que trabalha, ele já não trabalha, não ajuda em nada, vim em busca de dinheiro. Viemos diretamente para esta fronteira, sempre vivemos aqui na Bolívia, eu não trabalhei no Brasil, não conheço o Brasil, só aqui. As mulheres já não são importantes na economia dessa fronteira. Trabalhamos e nosso papel na fronteira é importante.” (*tradução nossa*).

BO4⁵⁴ “Llevo como 7 años en la frontera, vine a buscarme la vida para trabajar. Estuve desempleada en Bolivia siempre estuve desempleada entonces tuve negocios e hicimos negocios, salí de Bolivia y vine a la frontera solo trabajo en Bolivia. Las mujeres son importantes en el comercio”

BO5⁵⁵ “Llevo 35 años en la frontera, vine por negocios, vine sola, sin marido ni hijos, solita. Yo vine a trabajar a Bolivia y solo trabajo en Bolivia. Sí, las mujeres de la frontera son importantes”

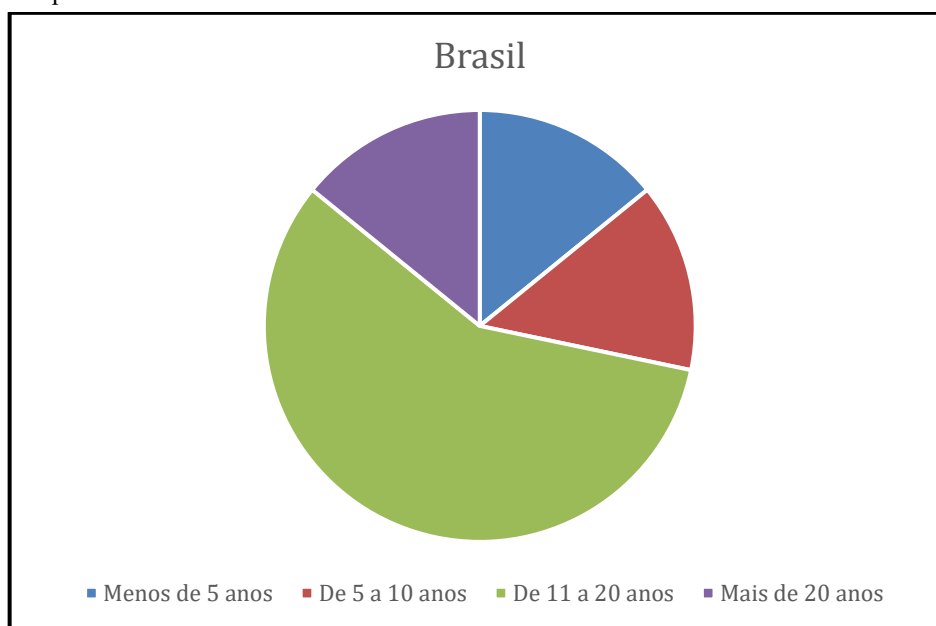
BO6⁵⁶ “Llevo aquí casi 45 años, 50 años y necesitaba venir a criar a mis hijos porque mis hijos eran pequeños y me separé del hombre. En Brasil, para trabajar hay que pagar impuestos, y también, Los dueños pierden, entonces solo vine a trabajar a Bolivia. Actualmente vivo en Bolivia y trabajo en Bolivia. No quiero trabajar en Brasil. Las mujeres en la frontera son importantes por la economía”

BO7⁵⁷ “Yo estoy tres años en la frontera, estuve en Santa Cruz y vine directo para acá, vinimos a trabajar, trabajar y por educación también. No trabajé en Brasil, no sólo en Bolivia, las mujeres son importantes en la economía”

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

A) Tempo de moradia na fronteira

Gráfico 7 – Tempo de Moradia na fronteira



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

⁵⁴ **BO4:** “Estou há uns 7 anos na fronteira, vim buscar a vida para trabalhar. Estava desempregada na Bolívia, sempre estive desempregada, então tive negócios e fizemos negócios. Saí da Bolívia e vim para a fronteira, trabalho apenas na Bolívia. As mulheres são importantes no comércio.” (*tradução nossa*).

⁵⁵ **BO5:** “Estou há 35 anos na fronteira, vim por negócios, vim sozinha, sem marido nem filhos, sozinha. Vim para trabalhar na Bolívia e só trabalho na Bolívia. Sim, as mulheres da fronteira são importantes.” (*tradução nossa*).

⁵⁶ **BO6:** “Estou aqui há quase 45 anos, 50 anos, e precisei vir criar meus filhos porque meus filhos eram pequenos e me separei do homem. No Brasil, para trabalhar, é necessário pagar impostos, e também, os donos perdem, então só vim trabalhar na Bolívia. Atualmente, vivo na Bolívia e trabalho na Bolívia. Não quero trabalhar no Brasil. As mulheres na fronteira são importantes para a economia.” (*tradução nossa*).

⁵⁷ **BO7:** “Estou há 3 anos na fronteira, estive em Santa Cruz e vim direto para cá, viemos para trabalhar, trabalhar e também por educação. Não trabalhei no Brasil, só na Bolívia. As mulheres são importantes na economia.” (*tradução nossa*).

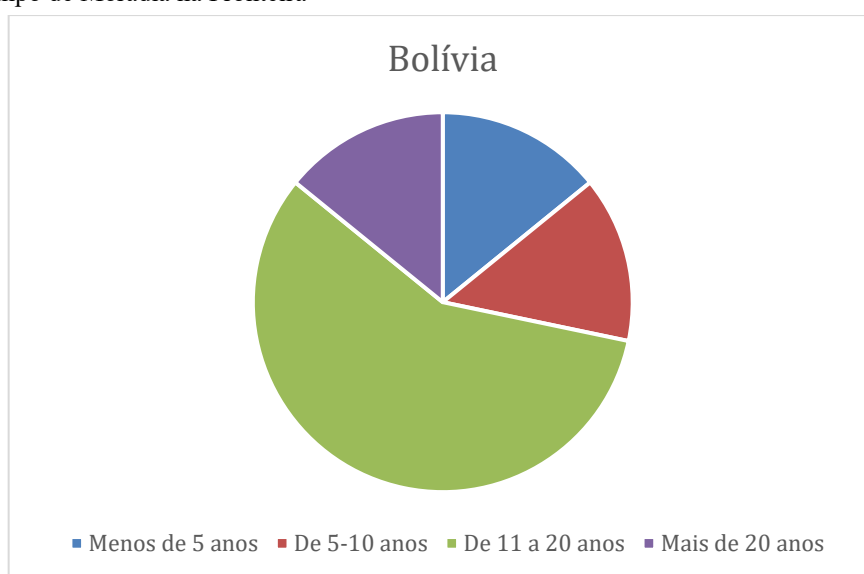
Respostas das *cholas* que trabalham no Brasil:

Ao serem perguntadas sobre há quanto tempo vieram morar na fronteira, as *cholas* que trabalham no Brasil responderam (Gráfico 7):

14,29% das entrevistadas relataram estar há menos de 5 anos na fronteira (BR3).

- 14,29% estão na fronteira de 5 a 10 anos (BR4);
- 57,14% estão na fronteira de 11 a 20 anos (BR1, BR2, BR5, BR7) e
- 14,27% estão no contexto fronteiriço há mais de 20 anos (BR6).

Gráfico 8 – Tempo de Moradia na Fronteira



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Respostas das *cholas* que trabalham na Bolívia:

Das *cholas* que trabalham na fronteira (Gráfico 9),

- 14,29% das entrevistadas relataram estar há menos de 5 anos (BO7);
- 14,29% estão na fronteira de 5 a 10 anos (BO4);
- 14,29 % estão na fronteira de 11 a 20 anos (BO2).

As que estão há mais de 20 anos na fronteira totalizaram mais de 57,15% (discriminamos abaixo o tempo que estão na fronteira).

- 14,29% estão no contexto fronteiriço de 21 a 30 anos (BO1);
- 14,29% 31 a 40 anos (BO5);
- 28,57% estão há mais de 40 anos na fronteira (BO3, BO6).

Os resultados combinados sobre o tempo de moradia das *cholas* na fronteira mostram que:

- 14,29% das *cholas* (2 *cholas*) vivem na fronteira há menos de 5 anos.
- 14,29% das *cholas* (2 *cholas*) vivem na fronteira entre 5 a 10 anos.
- 35,71% das *cholas* (5 *cholas*) vivem na fronteira entre 11 a 20 anos.
- 35,71% das *cholas* (5 *cholas*) vivem na fronteira por mais de 20 anos.

A maior parte das *cholas* (35,71%) vive na fronteira há 11 a 20 anos ou mais de 20 anos, indicando uma presença prolongada dessas trabalhadoras na região.

B) Motivo da migração para a Fronteira: trabalho, fatores econômicos, desemprego, saúde básica, educação

Respostas das *cholas* que trabalham no Brasil:

100% das entrevistadas que trabalham no Brasil relataram que o trabalho foi o principal motivo. Para sustentar a família e possuir renda: 71,43% (BR1, BR2, BR5, BR6 e BR7).

- Trabalho e negociais comerciais: 28,57% (BR2, BR5).¹
- 4,29% relataram que a educação dos filhos é o fato mais importante (BR3).

Respostas das *cholas* que trabalham na Bolívia:

100% das entrevistadas que trabalham na Bolívia relataram que o trabalho foi a principal razão.

- Explicaram que seria para o sustento familiar: 42,86% (BO2, BO3, BO6, BO7)
- Trabalhar com negócios e comércios: 42,86% (BO1, BO4, BO5, BO6)
- Educação dos filhos: 41,29% (BO7).

C) Experiência de moradia em outros países antes da Fronteira com o Brasil

Respostas das *cholas* que trabalham no Brasil:

100% das *cholas* que trabalham no Brasil (BR1, BR2, BR3, BR4, BR5, BR6, BR7) trabalharam somente no Brasil e na Bolívia.

Respostas das *cholas* que trabalham na Bolívia:

100% das *cholas* que trabalham na Bolívia (BR1, BO2, BO3, BO4, BO5, BO6, BO7) trabalham somente na Bolívia.

D) Migração interna na Bolívia antes de vir para a fronteira:

Cholas que trabalham na fronteira:

- BR1 trabalhou em Cochabamba e Santa Cruz.
- BR2 trabalhou em Uyuni, San Pablo, em Potosí, e Villazón.
- BR5 trabalhou em Cochabamba e Santa Cruz.
- BR7 trabalhou em Santa Cruz
- BO2 trabalhou em Oruro, Cochabamba, Santa Cruz e Puerto Suárez.
- BO7 trabalhou em Santa Cruz.

E) Local de residência atual: Bolívia, Brasil ou ambos

Respostas das *cholas* que trabalham no Brasil:

Das *cholas* que trabalham no Brasil:

- 85,7% residem na Bolívia (BR1, BR2, BR3, BR5, BR6, BR7).
- 14,3% vivem no Brasil (BR4)

Respostas das *cholas* que trabalham na Bolívia:

100% das *cholas* que trabalham na Bolívia residem na Bolívia.

Você trabalha no: Brasil, na Bolívia ou em ambos os países? Das *cholas* que trabalham no Brasil:

- 28,6% disseram que trabalham em ambos os países, tanto na Bolívia quanto no Brasil (BR5, BR6).
- 71,4% trabalham somente no Brasil (BR1, BR2, BR3, BR4, BR7).

Em contrapartida às *cholas* que trabalham na Bolívia, 100% delas relataram trabalhar somente na Bolívia.

Os resultados combinados sobre o local de residência atual e o local de trabalho das *cholas* mostram que 92,86% das *cholas* (13 *cholas*) residem na Bolívia, enquanto 7,14% (1 *chola*) reside no Brasil. E que 14,29% das *cholas* (2 *cholas*) trabalham em ambos os países (Brasil e Bolívia), 35,71% (5 *cholas*) trabalham somente no Brasil, e 50% das *cholas* (7 *cholas*) trabalham somente na Bolívia. Esses resultados indicam que a maioria das *cholas* reside e trabalha na Bolívia.

F) O papel da mulher na Fronteira

100% de todas as entrevistadas relataram sobre a importância da mulher no trabalho da fronteira. Contudo, não souberam dizer como, somente afirmaram que era importante.

A entrevistada BO6 relatou que quando trabalhava no Brasil pagava todos os impostos, mas a polícia “pegou” toda a sua mercadoria, conforme relato: *“Trabajé muchos años en Brasil, pagaba impuestos para trabajar, pero la policía se llevó todo mi mercancía, después solo vine a trabajar a Bolivia”*⁵⁸.

G) Análise dos dados migratórios

As *cholas* da fronteira migraram motivadas pelas dinâmicas de trabalho, um fenômeno que reflete a complexidade e os desafios dessa realidade. Das entrevistadas, as que trabalham no Brasil e as que trabalham na Bolívia relatam distintos tempos de permanência na fronteira.

A principal razão para a migração em ambos os países é que 100% das entrevistadas migraram em busca de trabalho. 71,43% das *cholas* que trabalham no Brasil mencionam que necessitam gerar renda para o sustento da família (BR1, BR2, BR6 e BR7).

Somente 14,29% mencionaram que a educação dos filhos, além do trabalho, era importante. Das *cholas* que trabalham na Bolívia, 100% afirmaram que vieram por conta do trabalho, 42,86% relataram precisarem sustentar a família (BO1, BO6 e BO7). E 41,29% das entrevistadas relataram sobre a importância da educação dos filhos. Quando questionadas sobre as experiências migratórias anteriores, 100% das entrevistadas em ambos os países relataram ter experiências laborais exclusivamente nesses territórios.

Um dado que apareceu nas entrevistas foi que algumas das entrevistadas que trabalham na Bolívia (BO2 e BO7) migraram internamente no país, passando por outros departamentos bolivianos antes de chegarem à fronteira, como Cochabamba, Oruro, Santa Cruz e a cidade de Puerto Suárez. As *cholas* que trabalham no Brasil obtiveram trabalho em outras cidades bolivianas, como Santa Cruz, Uyuni, Villazón e San Pablo, em Potosí.

Quanto ao país de trabalho, 28,6% das *cholas* que trabalham no Brasil relataram que trabalham em ambos os países (BR5, BR6). E 71,4% trabalham somente no Brasil. (BR1, BR2, BR3, BR4, BR7). Em contrapartida, 100% das que laboram na Bolívia relataram trabalhar somente no país.

⁵⁸ “Trabalhei muitos anos no Brasil, pagava impostos para trabalhar, mas a polícia levou toda a minha mercadoria, depois só vim trabalhar na Bolívia.” (*tradução nossa*).

Sobre a residência das *cholas* que trabalham no Brasil: 85,7% moram na Bolívia e somente uma vive no Brasil (BR4). Por outro lado, 100% das *cholas* que trabalham na Bolívia vivem no país.

A pesquisa perguntou onde as *cholas* trabalham, se em um só país ou em ambos. Os resultados foram os seguintes: das *cholas* que trabalham na Bolívia, 71,4% o fazem exclusivamente na Bolívia (BO1, BO2, BO3, BO4, BO7), enquanto 28,6% laboram em ambos os países (BO5, BO6). Um dado que surgiu na pesquisa é que, mesmo vivendo na fronteira, 28,57% das entrevistadas (BO2 e BO3) que trabalham na Bolívia afirmaram não conhecer o Brasil, devido ao desinteresse e ao temor de não conseguirem retornar para a Bolívia.

Quando abordamos o tema sobre a importância da mulher na fronteira, 100% das entrevistadas reconheceram que o papel da mulher na fronteira é importante no trabalho e na região, pois são essenciais para as atividades negociais da economia desse espaço. A maioria, porém, não sabia desenvolver os motivos, visando somente a importância no mercado de trabalho – as *cholas* só reconhecem a fronteira e a importância da mulher a partir da atividade econômica.

Os resultados apontaram que a migração na fronteira foi impulsionada por fatores econômicos, levando bolivianos a deixarem seus departamentos e províncias de origem em busca de trabalho, com a principal motivação de sustentar suas famílias. A mobilidade revela que essas mulheres desempenham um papel importante nas atividades comerciais e negociais, enfrentando os desafios e as dificuldades da vida fronteiriça.

3.5 DISCRIMINAÇÃO

As mulheres bolivianas *cholas* que vivem na fronteira por mais de 40 anos permanecem, na maioria, desconhecidas, tanto pela academia quanto pela comunidade local. As pessoas se mostram desinteressadas e indiferentes, tornando-as desconhecidas, invisibilizadas e possivelmente discriminadas. Os invisíveis sociais são grupos excluídos, desvalorizados e marginalizados. Os indígenas, em muitos casos, são tratados com minimização, pois não possuem poderio econômico nem prestígio social.

A partir desse olhar, podemos compreender a invisibilidade social como uma violência simbólica: o existir sem nenhum reconhecimento, pois estão fisicamente nos mesmos espaços, mas não são reconhecidos como importantes na sociedade, o que reforça a inferioridade e a exclusão (Quadro 7).

O objetivo desta etapa da pesquisa é investigar se há discriminação na Bolívia e no Brasil, tanto direta quanto indireta, direcionada às *cholas* bolivianas, bem como compreender a invisibilidade social que enfrentam ao migrar de seus países e departamentos em busca de trabalho na fronteira.

Quadro 7 - Área de concentração: discriminação contra as *cholas* bolivianas que trabalham na fronteira

PERGUNTAS SOBRE DISCRIMINAÇÃO CONTRA AS CHOLAS DA FRONTEIRA
A) Você já sofreu discriminação por usar <i>pollera</i>? Na Bolívia? () Sim () Não No Brasil? () Sim () Não B) Você tem vínculo com outros grupos que usam <i>pollera</i>? () Sim () Não C) Você é amiga de mulheres brasileiras? () Sim () Não ()? D) Elas frequentam sua casa? () Sim () Não ()?

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Quadro 8 - Descrição das respostas sobre discriminação com as *cholas* que trabalham no Brasil

Participante BR1: Sofreu discriminação em ambos os países BR1: “<i>Discriminación aquí porque vienen pues de Santa Cruz. A veces también los brasileiros condicionados, pero igual te critican cuando te insultan. Entonces en Brasil también en Brasil. De Santa Cruz vienen aquí, te insultan, así te miran. Entonces tanto las brasileñas. Las mujeres de Santa Cruz cuando vienen a Brasil le insultan. Sí, collas dicen sí, esa colla (isso é discriminación) significa para nosotros. Así insulto es un insulto también de una parte, digamos que es normal. Sí, porque dicen siempre nos dicen collas. Y a los de Santa Cruz dicen cambas, no, a los de Cochabamba dicen cochalas. Hay siempre discriminación ya, pero ahora ya estamos todos lados. Antiguamente no había pues así mujeres de polleras, en todo lado, no había mucho. Yo a veces cuando llegaba aquí casi no vi a si mujer de pollera. Ahora hay ahora hay mucho ya. Algunos se cambian pues por no hacer quedarse mal. A veces ponen ya pantalón, varios que ya se han cambiado. Hay unos cuantos que estamos siempre llegan aquí, se cambian a veces yo digo por vergüenza. Otros porque discriminan puede ser por el calor también.</i>”.⁵⁹
Participante BR2: Sofreu discriminação somente na Bolívia BR2: “<i>En Bolivia si, en Brasil soy bien recibido, aquí es diferente</i>”. Pues, digamos, los cruceños, digamos, te discriminan por la pollera, por lo que usas, digamos. En Brasil no, nadie, no me discriminó aquí, digamos, más bien.”.⁶⁰
Participante BR3: Não sofreu discriminação (orgulho) BR3: “<i>No viví discriminación en Bolivia ni en Brasil. Estoy orgulloso de ser chola.</i>” Entrevistador: ¿Alguna vez ha sufrido discriminación por usar pollera? BR3: “<i>Pues nosotros somos orgullosos, y en</i>

⁵⁹ **BR1**: “Discriminação aqui porque vêm de Santa Cruz. Às vezes também os brasileiros são condicionados, mas ainda assim te criticam quando te insultam. Então, no Brasil também, os de Santa Cruz vêm aqui, te insultam, assim te olham. Então, tanto as brasileiras como as mulheres de Santa Cruz, quando vêm ao Brasil, te insultam. Sim, ‘collas’ dizem, sim, essa *colla* (isso é discriminação) significa para nós. Então, o insulto é um insulto também de uma parte, digamos que é normal. Sim, porque sempre nos dizem *collas*. E aos de Santa Cruz dizem ‘cambas’, não, aos de Cochabamba dizem ‘cochalas’. Há sempre discriminação, mas agora já estamos em todo lugar. Antigamente não havia mulheres de saia em todo lugar, não havia muito. Eu, às vezes, quando chegava aqui, quase não via mulheres de saia. Agora há muito. Alguns se trocam para não parecerem mal. Às vezes colocam calça, muitos já se trocaram. Há alguns de nós que sempre chegamos aqui, nos trocamos às vezes, eu digo que é por vergonha. Outros, porque discriminam, pode ser também por causa do calor.” (*tradução nossa*).

⁶⁰ **BR2**: “Na Bolívia sim, no Brasil sou bem recebido, aqui é diferente. Pois, digamos, os cruceños, digamos, te discriminam pela saia, pelo que você usa, digamos. No Brasil não, ninguém, não me discriminou aqui, digamos, pelo contrário.” (*tradução nossa*).

Bolivia, no sufre discriminación.” **Entrevistador:** ¿Tampoco en Brasil? **BR3:** “No, nadie. No me dice nada. Igual más me **dice cholita bonita.**”⁶¹

Participante **BR4:** Sofreu discriminação no Brasil (território) e na Bolívia, por parte de bolivianos
BR4: “Aquí una señora de medicina, era boliviana también. Y ese yo más antes no tenía esa casita. Y la señora alquilaba también. Y esa señora que me trataba: de colla, burra, por eso que usa esa pollera, un montón de cosas, así trataba, pero igual nunca. Yo también siempre decía eso. Ella era de Bolivia, yo también estaba trabajando. No era aburrido, porque yo no estaba sentada en una oficina. Yo decía también de ella hacía medicina había por aquí y de ahí parece vender después. Ahora en pandemia todavía pasa arriba. Ya está bien arriba porque ya de edad ya no trabaja. Ahora viene a veces más tarde. Élla conduce carro también. E me mira y saca su lengua, me muestra. Así que cuando hay de violín o nuestras siempre élla lleva discutieras y para pelear en mi hermana y a ella igual. Ella tiene su marido brasileiro y ella no usa pollera. Ya cambió igual, Ella me habla: igual está pariendo como cachorro. Ya no estoy casada y me dices: Tanto hijo tienes, que bien, el te abandonó para tener cosas con otras mujeres también. Cuando yo dejé a mi hermano, yo me vine aquí. Ella sí que estaba trabajando al lado a lado. Y mi hermano igual soportó todo cosas decir terrible, terrible. Y fuimos a la delegación, decía, hacía llamar, pero no se presentaba. Y ustedes no más pueden arreglar en Bolivia entre hermanita son así nomás que sí. Nunca. Ellos su culpa se acaban la ley Brasil.”⁶²

Participante **BR5:** Não sofreu discriminação

Entrevistador: ¿Alguna vez ha sufrido discriminación en Brasil o en Bolivia por usar la pollera?
BR5: “Yo No. El año pasado una mujer pollera sufrió discriminación en Santa Cruz. Han pegado de polleras tiene Santa Cruz dice alto de pollerita. Eso han pegado. La mala es el presidente de allí, por eso está castigado.”⁶³

Participante **BR6:** Sofreu discriminação no Brasil por um brasileiro, possui amizades com brasileiras
Entrevistador: ¿Alguna vez ha pasado discriminación por usar la pollera en Bolivia? **BR6:** “En Bolivia, sí. Hoy estamos orgullosos con nuestro presidente Evo Morales. Por eso ahora estamos apoyando para que vuelva uno más, para que no haya más discriminación. Evo Morales, el cambia no quería pisar en el cuello, ¿no ves? Y quién hace discriminación son las personas de Bolivia, de Santa Cruz.” **Entrevistador:** ¿Y quién han dicho? Ahí salió pues toda entrevista en Brasil. Bolivia, la señora ya ha pasado discriminación de cambia? **BR6:** “Así ya pasé.” **Entrevistador:** ¿Tú qué has dicho? **BR6:** “El a mí me dijeron que por qué viniste aquí. Venido a trabajar, no he venido a robar campapro de mierda. Estoy enseñando más bien a trabajar. Ya listo.” **Entrevistador:** ¿Y en Brasil ha pasado alguna discriminación? **BR6:** Aquí también ya me pasó. “Un brasileiro, día de carnaval, me dijo

⁶¹ **BR3:** “Eu não vivi discriminação nem na Bolívia nem no Brasil. Tenho orgulho de ser *chola*.” **Entrevistador:** Já sofreu discriminação por usar saia? **BR3:** “Pois, nós somos orgulhosos, e na Bolívia, não sofri discriminação.” **Entrevistador:** Nem no Brasil? **BR3:** “Não, ninguém. Não me dizem nada. Pelo contrário, me chamam de *cholita bonita*.” (*tradução nossa*).

⁶² **BR4:** “Aquí, uma senhora de medicina, também boliviana. E antes eu não tinha essa casinha. E a senhora alugava também. E essa senhora me tratava de *colla*, burra, por isso que usa essa saia, um monte de coisas, assim ela tratava, mas nunca. Eu também sempre dizia isso. Ela era da Bolívia, eu também estava trabalhando. Não era chato, porque eu não estava sentada em um escritório. Eu dizia também sobre ela, que ela fazia medicina aqui e depois parecia que vendia. Agora, na pandemia, ainda acontece aqui em cima. Já está bem mais em cima, porque já está velha e não trabalha mais. Agora vem às vezes mais tarde. Ela também dirige carro. E me olha e mostra a língua. Assim, quando tem violinistas ou nossas sempre ela leva discussões e para brigar com minha irmã e com ela também. Ela tem marido brasileiro e não usa saia. Já mudou também. Ela me fala: “Igual está parindo como cachorro.” Já não estou casada e ela me diz: “Quantos filhos você tem, que bom, ele te abandonou para ter coisas com outras mulheres também.” Quando eu deixei meu irmão, vim para cá. Ela sim estava trabalhando lado a lado. E meu irmão também suportou tudo, coisas horríveis, horríveis. Fomos até a delegacia, ela dizia que nos chamasse, mas não se apresentava. E vocês, só podem resolver isso na Bolívia, entre irmãs, é assim mesmo. Nunca. Eles têm culpa, acabam com a lei no Brasil.” (*tradução nossa*).

⁶³ **Entrevistador:** Alguma vez sofreu discriminação no Brasil ou na Bolívia por usar a saia? **BR5:** “Não. No ano passado, uma mulher de saia sofreu discriminação em Santa Cruz. Eles bateram na saia dela, disseram que a saia era de Santa Cruz, e chamaram de 'saia baixa'. Isso que disseram. O ruim é o presidente de lá, por isso está sendo castigado.” (*tradução nossa*).

porque soy de pollera, ¿no ves? Ahí me dijo: lárgate de aquí boliviano de mierda, lárgate de mi país. Le dice: soy boliviana, soy boliviana soy orgullosa, todo estoy dime documento brasileño, sé que voy a que llama alguna autoridad, todo eso me conoce. Ahí Dios ayudó a una persona a venir así bien fuerte, moreno, fuerte. Ahí paró, ahí me dice que me odiaba. Así de ahí primero acercó al brasileño, dijo esta boliviana no quiere salir de mi lugar. No, no, no. Yo mostré mi documento. Cuando ya el brasileiro quería ir a prisión, vino (discriminación forte). Saben por qué yo radiqué aquí en Brasil, señores radicados, soy radicada.”⁶⁴

Participante **BR7**: Sofreu discriminação por bolivianas

Entrevistador: *¿Alguna vez ha sufrido discriminación por usar pollera?* **BR7**: *“Sí. Había campitas que nos hablaban de la colla, nos decía que somos collas, pero ahora ya se han moderado. Ya, ahora ya no escucho eso, antes se fui así.”*

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Quadro 9 - Respostas das entrevistas realizadas com cholas que trabalham na Bolívia

Participante **BO2**: Não conhece o Brasil, sofreu discriminação na Bolívia

BO2: *“Sí, aquí en Bolivia siempre discriminan, en Brasil no lo sé. No, no existe esa discriminación por parte de los brasileños cuando vienen aquí a Bolivia. Me dicen una fotito, nos sacan los turistas, todo aquí viene, ‘fotito, por favor, cinco reales’.”⁶⁵*

Participante **BO3**: Não conhece o Brasil, não sofreu discriminação

Entrevistador: *¿Alguna vez ha sufrido discriminación por usar la pollera?* **BO3**: *“No, nunca.”*

Entrevistador: *¿Conoce señoras que usan pollera?* *Sí, conozco, pero un poco nomás. ¿Es amiga de alguna mujer brasileña?* **BO3**: *“No, nadie. No conozco Brasil.”⁶⁶*

Participante **BO7**: Sofreu discriminação

Entrevistador: *¿Alguna vez la señora ha sufrido discriminación por usar la pollera?* **BO7**: *“Sí, que se ha pasado. De pollera, colla, todo nos trataban cuando nuestro presidente Evo Morales. Eso nos hacía respetar a pollera.”* **Entrevistador**: *¿Y aquí en la frontera ha sufrido discriminación?* **BO7**: *“No, en Santa Cruz. Santa Cruz, aquí, bueno, toda Bolivia. Porque nos discriminaba del norte.”⁶⁷*

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

⁶⁴ **Entrevistador**: Alguma vez você passou por discriminação por usar a saia na Bolívia? **BR6**: “Na Bolívia, sim. Hoje estamos orgulhosos com nosso presidente Evo Morales. Por isso estamos apoiando para que ele volte mais uma vez, para que não haja mais discriminação. Evo Morales, a camba não queria pisar no pescoço, não vê? E quem faz discriminação são as pessoas da Bolívia, de Santa Cruz.” **Entrevistador**: E quem te disse isso? A entrevista foi ao ar no Brasil. A senhora já passou por discriminação de camba? **BR6**: “Sim, já passei.” **Entrevistador**: O que você disse? **BR6**: “Eles me disseram por que você veio aqui. Eu vim trabalhar, não vim roubar, seu 'campopro' (termo ofensivo). Estou mais é ensinando a trabalhar. Já está resolvido.” **Entrevistador**: E no Brasil, passou por discriminação? **BR6**: “Aqui também já passei. Um brasileiro, no dia do carnaval, me disse por que eu estava de saia, não vê? Ele me disse: “Sai daqui boliviana, sai do meu país.” Eu disse: “Sou boliviana, sou boliviana, sou orgulhosa, posso mostrar meu documento brasileiro.” Eu sabia que ia chamar alguma autoridade, todo mundo me conhece. Ai, Deus mandou uma pessoa bem forte, moreno, forte. Ele parou e me disse que me odiava. Ele se aproximou do brasileiro e disse que essa boliviana não queria sair do meu lugar. Eu não, não, não. Eu mostrei meu documento. Quando o brasileiro queria ir para a prisão, ele veio (discriminação forte). Sabe por que eu estou aqui no Brasil, senhores? Eu estou registrada aqui, sou registrada.” (*tradução nossa*).

⁶⁵ **BO2**: “Sim, aqui na Bolívia sempre discriminam, no Brasil eu não sei. Não, não existe essa discriminação por parte dos brasileiros quando vêm aqui para a Bolívia. Eles me pedem uma fotinho, os turistas tiram fotos, todo mundo vem, 'fotinho, por favor, cinco reais'.” (*tradução nossa*).

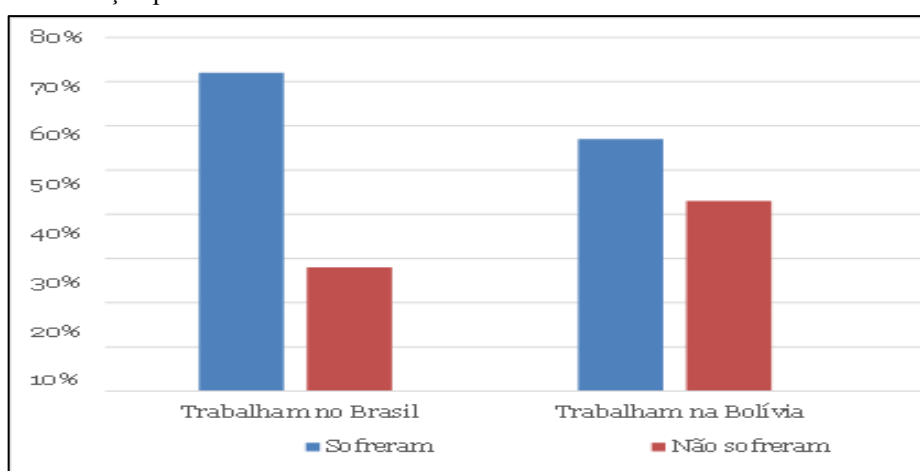
⁶⁶ **Entrevistador**: Já sofreu discriminação por usar a pollera? **BO3**: “Não, nunca.” **Entrevistador**: Conhece mulheres que usam pollera? **BO3**: “Sim, conheço, mas um pouco só” **Entrevistador**: É amiga de alguma mulher brasileira? **BO3**: “Não, ninguém. Não conheço o Brasil.” (*tradução nossa*).

⁶⁷ **Entrevistador**: Já sofreu discriminação por usar a pollera? **BO7**: “Sim, já passei por isso. De pollera, colla, nos tratavam assim quando nosso presidente Evo Morales. Isso nos fez respeitar a pollera.” **Entrevistador**: E aqui na fronteira, sofreu discriminação? **BO7**: “Não, em Santa Cruz. Santa Cruz, aqui, bom, toda a Bolívia. Porque nos discriminavam do Norte.” (*tradução nossa*).

A) Discriminação por causa da *pollera*

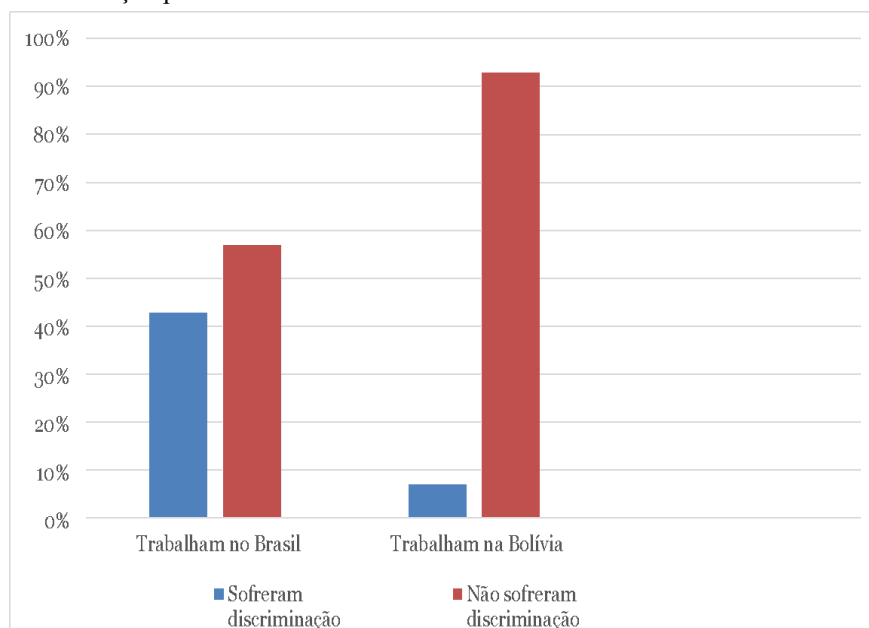
A discriminação por causa da *pollera* expõe o preconceito enfrentado pelas cholas. A pergunta direta sobre se há discriminação pelo uso da *pollera* busca investigar se, devido às vestimentas tradicionais, as *cholas* sofreram discriminações no Brasil ou na Bolívia. Tentaremos compreender se as vestimentas, unindo-se aos fenótipos que carregam as identidades indígenas, reforçam a marginalização e a discriminação dessas mulheres (Gráficos 9 e 10).

Gráfico 9 - Discriminação por ser chola no território boliviano



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Gráfico 10 - Discriminação por ser chola no território brasileiro



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Respostas das *cholas* que trabalham no Brasil:

As *cholas* relataram ter sofrido discriminações no próprio país em 71,4% das entrevistas (BR1, BR2, BR4, BR5 e BR6). Já 28,6% delas não sofreram discriminação na Bolívia (BR3 e BR7). O percentual de discriminação no território brasileiro foi de 42,9% (BR1, BR4 e BR6). Em contrapartida, 57,1% das mulheres não sofreram discriminação no Brasil (BR2, BR3, BR5 e BR7).

Respostas das *cholas* que trabalham na Bolívia:

Das *cholas* que trabalham na Bolívia, 57% sofreram discriminações diretas no próprio país, com insultos e xingamentos dos considerados “não indígenas” (BO1, BO2, BO6 e BO7). Em contrapartida, 42,9% (BO3, BO4 e BO7) relataram não ter sofrido discriminação no próprio país. Quando perguntadas sobre discriminação no Brasil, somente uma entrevistada (BR1) relatou insultos e xingamentos da parte dos brasileiros, com atos xenofóbicos, o que totaliza 7,14% de entrevistadas que sofreram discriminação direta no Brasil.

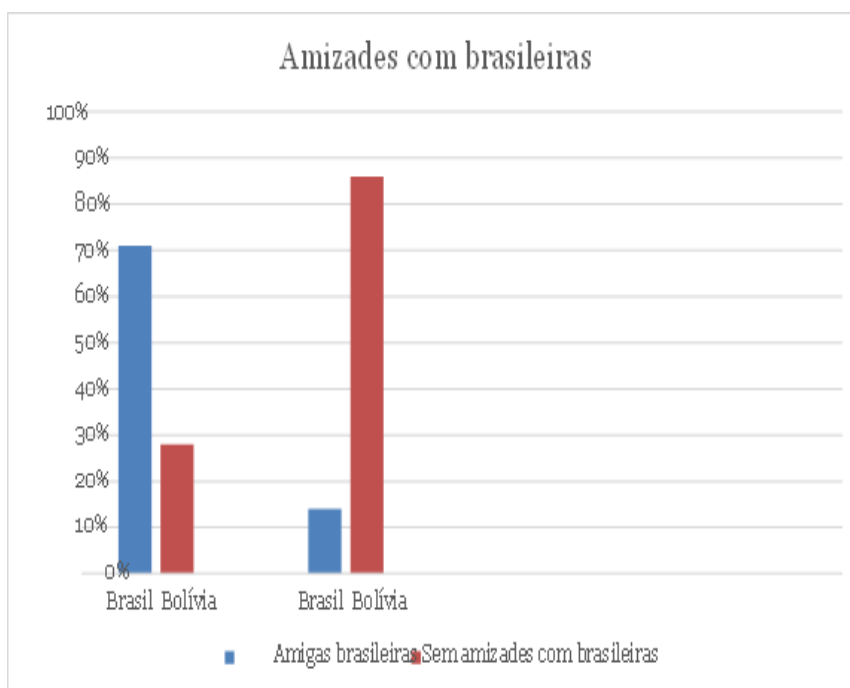
“Me decían pollera, todos nos trataban cuando lo eran. Esto cambió cuando nuestro presidente Evo Morales, eso nos hizo respetar a la pullera”. (BO7, 2024)⁶⁸

B) Amizades e vínculos com mulheres brasileiras

As *cholas* trabalham no comércio da fronteira diariamente. Elas compartilham o ambiente de trabalho, participando de todo o contexto da fronteira. Trabalhar por longos anos na fronteira requer criar vínculos significativos com as pessoas do local. A pergunta sobre amizades construídas com mulheres brasileiras tem o objetivo de compreender se são acolhidas, percebidas e aceitas como parte importante no local de trabalho (Gráfico 11).

⁶⁸ “Me chamavam de pollera, todos nos tratavam assim quando éramos. Isso mudou quando nosso presidente Evo Morales, isso nos fez respeitar a pollera.” (BO7) (*tradução nossa*).

Gráfico 11 - Cholas com amigas brasileiras



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Respostas das *cholas* que trabalham no Brasil:

Das *cholas* que trabalham no Brasil, 71,4% disseram ter vínculos com brasileiras. Por outro lado, 28,6% narraram que não ter nenhum vínculo.

Respostas das *cholas* que trabalham na Bolívia:

Quanto às *cholas* que trabalham na Bolívia, 14,3% (BO5) disseram possuir amigas do Brasil. As demais, 85,7% (BO1, BO2, BO3, BO4, BO6 e BO7), relataram não ter amigas com mulheres brasileiras.

C) Visitas a casas de brasileiras: vínculos

Com o objetivo de compreender o vínculo de amizade exposto acima, entendemos que frequentar a residência é um indicativo de laços maiores de amizade. As respostas foram que somente uma *chola*, ou seja, 7,6%, tanto das que trabalham no Brasil quanto das que trabalham na Bolívia, possui vínculo maior, pois frequentam a residência uma da outra e saem juntas. As demais entrevistadas não possuem amigas mais próximas. Esse dado pode sugerir que os vínculos são somente sociais e do local de trabalho, sem possuírem maior intimidade, afeto e reconhecimento pessoal.

Ao tratarmos da invisibilidade social no contexto diário de trabalho, queremos relatar aqui que as *cholas* trabalham por longos anos no contexto fronteiriço (20, 35 ou 40 anos), nos mesmos lugares, e não firmam vínculos afetivos maiores com pessoas que também trabalham nesses locais por décadas.

Sutilmente, a discriminação não é sentida, pois se manifesta em olhares de minimização, distanciamento e falta de reconhecimento do outro, mesmo que esteja lá diariamente, sol a sol, no mesmo local, por décadas, da mesma forma. Ainda assim, escolhem distanciar-se, não conhecer e invisibilizar, limitando-se à relação superficial.

Quando perguntamos sobre amizades com brasileiras, 71,4% disseram que são amigas de brasileiras. Ao perguntarmos sobre laços mais profundos, como saírem juntas ou frequentarem a residência uma da outra, a resposta positiva foi de 7,6%. Ou seja, a “amizade” é somente a conversa rápida no dia a dia de trabalho. Por décadas elas não estabeleceram vínculos seguros, afetivos e de pertencimento com as brasileiras.

D) Amizade com mulheres que usam polleras: vínculos

Em toda a Bolívia e em Corumbá, existem várias mulheres que usam *polleras*, elas não vivem em povoados ou locais reservados, elas vivem “distribuídas” em todos os departamentos. Ao perguntarmos se as *cholas* possuem amizades com outras mulheres de *polleras*, tentamos compreender se elas mantêm maior vínculo afetivo e de amizades com mulheres indígenas, visto que elas não se regionalizam em clãs fechados ou reservados. Assim, obtivemos as respostas a seguir.

Respostas das *cholas* que trabalham no Brasil:

Ao perguntarmos se as *cholas* que trabalham no Brasil têm amizade com mulheres que usam *polleras*, 85,7% (BR1, BR2, BR4, BR5, BR6 e BR7) disseram que sim. Relataram que as encontram na Bolívia e possuem vínculos.

“sí tengo amigas (de polleras), nos encontramos en la plaza Quijarro, siempre estamos ahí”. (BR1, 2024)⁶⁹

Somente uma entrevistada (BR3) que trabalha no Brasil relatou que não tem amizades com ninguém.

⁶⁹ “Sim, tenho amigas (de pollera), nos encontramos na praça Quijarro, sempre estamos lá.” (*tradução nossa*).

Respostas das cholas que trabalham na Bolívia:

O cenário é diferente na Bolívia, 100% das *cholas* que trabalham no território possuem amizades com outras mulheres que usam *polleras*.

E) Análise de dados: discriminação

A discriminação, a invisibilidade social, a marginalização e a minimização do outro nem sempre são processos agressivos e diretos, pois a desvalorização pode ser sutil.

É possível simplesmente não se interessar pelo outro, tornar invisível, sem reconhecimento, não demonstrar afetividade, isto é, desconhecer o outro que trabalha no mesão local por décadas, no mesmo comércio e com o mesmo cenário de trabalho.

Embora a discriminação contra as *cholas* seja sentida diretamente pelas cambas (mulheres de Santa Cruz de la Sierra), uma rivalidade na Bolívia que percorre séculos, baseada na pigmentocracia do oriente boliviano, desde a colonização, essa discriminação também pode ocorrer indiretamente. No contexto do trabalho, são frequentemente invisibilizadas como sujeitos, apesar de terem nome, sobrenome e identidades de séculos de tradições e resistência.

Ao abordarmos as *cholas* e explicarmos o tema da pesquisa e das entrevistas, a maioria delas não se sentia importante e possuidora de conhecimentos que poderiam contribuir para a pesquisa. Algumas delas diziam que não sabiam como alguém consideraria relevante estudar sobre o assunto, e afirmavam que na própria Bolívia ninguém se interessa por elas.

A discriminação, a invisibilidade social e o preconceito muitas vezes se manifestam de maneira sutil e silenciosa, em vez de ações diretas e explícitas, como os ataques verbais. Podem se manifestar com situações que negam o outro, que promovem a inexistência desse outro, tornando difícil a maneira de reconhecer e enfrentar essas demandas indiretas. A invisibilidade social pode ser sentida pela falta de mesmas oportunidades e ausência de reconhecimento, o que sugestiona uma invisibilidade simbólica de espaços sociais que não são organizados da mesma forma para todas as pessoas. A exclusão do outro não precisa ser verbalizada, pode ser sentida pelo sujeito, pois ser ignorado e despriorizado é um ato de excluir de forma simbólica, mantendo a segregação e o estigma. O preconceito afeta a autoestima, a forma de se expressar no mundo e a maneira de ocupar espaços sociais e econômicos.

Em todas as entrevistas, era sentido que o lugar de trabalho era uma maneira “arranjada” de trabalho. As mulheres se sentavam em um caixote, outra ficava em pé durante todo o período de feira (sem ter onde se sentar) e outra ficava sentada no chão. Formas improvisadas e desconfortáveis para trabalhar.

Uma delas estava sentada na entrada de uma loja “famosa e internacional” no centro de Corumbá, na escada. Fizemos toda a entrevista ali, sentadas na escada. Outras vezes a entrevista foi no chão da calçada. Queremos destacar aqui espaços de trabalho sem nenhuma infraestrutura. Embora paguem impostos no Brasil (para a prefeitura de Corumbá), essas mulheres não usufruem do mínimo, como banheiro, estrutura física ou algum tipo de benefício social. Todos esses pontos observados não são discriminação, mas são formas de minimizar o outro, oprimir e demonstrar poder, inferiorizando e invisibilizando o outro.

Dessa forma, ainda que não seja completamente sentida e percebida pelas *cholas* que trabalham diariamente, 7 dias da semana, na fronteira, a discriminação aparece nos pequenos gestos em ambos os países, nas pequenas formas de colocar o outro em desfavorecimento e segregação, sendo, sim, invisibilizadas e marginalizadas socialmente. Combater essas questões requer mudanças estruturais, que visem ao reconhecimento de um povo forte que resiste na sociedade há séculos e que faz parte da nossa fronteira, não de forma transitória, mas ao longo de gerações e décadas.

3.7 VESTIMENTA E CULTURA

Por séculos, as *cholas* bolivianas mantiveram as vestimentas indígenas originais, mesmo após o período colonial. Antigamente, as mulheres de *pollera* viviam em campos longe das cidades e, posteriormente, deslocaram-se para os centros urbanos. Atualmente as *cholas* cruzam as fronteiras internacionais, mantendo as suas vestimentas tradicionais: as *polleras* e as duas tranças nos cabelos. O objetivo desta parte da pesquisa é identificar como é realizada a manutenção da cultura e das vestimentas *cholas*, analisando se houve mudança após a transição para viverem na fronteira internacional (Quadro 10).

Quadro 10 - Área de concentração: vestimentas e culturas cholas

Perguntas sobre vestimentas e cultura
Vestuário e Cultura A) Há alguma mudança na forma de se vestir na fronteira? () Sim () Não Qual? O clima ou a cultura da fronteira influenciam na sua maneira de se vestir? B) Usar <i>pollera</i> é: () Imposição social () Cultural () Decisão pessoal C) Alguém cria/modifica as regras e regulamentos das <i>polleras</i>? () Sim () Não Quem? D) Você conhece alguma novela cujo protagonista ou outro personagem usa <i>pollera</i>? () Sim () Não E) Você conhece algum programa de televisão com mulheres que usam <i>polleras</i>? () Sim () Não F) Você conhece grupos de internet em que mulheres usam <i>polleras</i>? () Sim () Não G) Com que idade uma menina começa a usar <i>pollera</i>? H) Existe alguma tradição ou costume para começar a usar a <i>pollera</i>? I) Existe algum movimento de resistência pela preservação da cultura do uso de <i>pollera</i>? Em que consiste? J) As <i>polleras</i> de gala ou festa são iguais ou fazem parte de atividades específicas? K) As tranças indicam estado civil? E <i>status</i> social? () Sim () Não L) O departamento das <i>cholas</i> de acordo com o tipo de <i>polleras</i>

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

A) Mudanças na forma de se vestir na fronteira: influências do clima e da cultura fronteiriça

As *cholas* bolivianas utilizam desde o período colonial as *polleras* e as duas tranças nos cabelos, vestimentas impostas pelas mulheres colonizadoras.

Após a revolta indígena, as vestimentas das *cholas* passaram por grandes adaptações: as peças começaram a incorporar elementos culturais e estilísticos dos indígenas originários, transmitindo uma ressignificação que traduz a resistência aos colonizadores. Nesta seção da dissertação, procuraremos identificar as possíveis mudanças nas vestimentas das *cholas* após o deslocamento para a fronteira com o Brasil.

Respostas das *cholas* que trabalham no Brasil:

Ao perguntarmos sobre a forma de se vestir para as *cholas* que trabalham no Brasil, 71% delas afirmaram que de fato há mudança na forma de se vestir na fronteira. Entretanto, 29% disseram que não.

“En La Paz, hay cambio, digamos. La forma de vestir cambia por el clima. En la frontera es diferente, por el calor, aquí es calor, porque en La Paz es frío. Es diferente la forma de vestir por el clima, ¿no? Algunos se colocan polleras y algunos son puros vestidos. Esa es, digamos, la cultura. Cualquiera puede usar lo que quiera, porque algunos no les gusta usar la pollera. Por el calor dicen que no les gusta”. (BR2, 2024)⁷⁰

⁷⁰ “Em La Paz, há uma mudança, digamos. A forma de se vestir muda por causa do clima. Na fronteira é diferente, por causa do calor, aqui é calor, porque em La Paz é frio. A forma de se vestir é diferente por causa do clima, né?”

“Potosí usa Chapel y no usa acá ya ha cambiado. Porque está más sencillo después de esta pollera adentro de nosotros que mandamos en agua, la misa ahí aro, casaco, todo eso. Se ha cambiado porque hay mucho calor. En Potosi usaban agua, abrigo, manta de frío. Frío ya te obliga. Sí. Sombrero también. El clima entonces se ha cambiado”. (BR6, 2024)⁷¹

Respostas das *cholas* que trabalham na Bolívia:

Quanto às *cholas* que trabalham na Bolívia, 70% relataram que há diferença na forma de se vestir e 30% disseram não ter nenhuma diferença. As respostas mostraram que a diferença está em não se usar mantas, sapatos fechados e as “várias camadas de anáguas”, por causa do calor.

“En la frontera, no he cambiado mi pollera. Siempre uso lo mismo. Sin embargo, por el calor, en casa me quito la pollera y uso una ‘jalta’ (ropa más ligera)”. (BO1, 2024)⁷²

“Cuando vivía en la Paz, yo ah, muy joven. Me venía joven y la traje. Es igualito. Se ha cambiado porque es calorito y por manejar plata con Mandil [mandil avental com bolsos para mexer com dinheiro]”. (BO6, 2024)⁷³

“No he cambiado mi vestimenta tradicional por vivir en la frontera. Aunque el clima influye, sigo usando pollera. En Cochabamba también usaba la misma vestimenta”. (BO3, 2024)⁷⁴

Pelo que foi descrito, as *cholas* somente mudaram as quantidades de anáguas e retiraram as mantas, por conta do clima de altas temperaturas da fronteira. Porém, mantiveram as *polleras*, as tranças e as tradições *cholas*. Um dado importante é que algumas já viviam em climas com temperaturas mais elevadas, como as de Cochabamba, que relataram usar as mesmas vestimentas.

Alguns usam *polleras* e outros usam apenas vestidos. Isso é, digamos, a cultura. Qualquer um pode usar o que quiser, porque alguns não gostam de usar *pollera*. Por causa do calor, eles dizem que não gostam.” (BR2, 2024). (*tradução nossa*).

⁷¹ “Potosí usa chapéu e aqui já mudou. Porque é mais simples, depois dessa *pollera*, colocamos dentro da água, a missa ali, aro, casaco, tudo isso. Mudou porque está muito calor. Em Potosí usavam água, casaco, manta de frio. O frio já obriga. Sim. Chapéu também. O clima, então, mudou” (BR6, 2024). (*tradução nossa*).

⁷² “Na fronteira, eu não mudei minha *pollera*. Sempre uso a mesma. No entanto, por causa do calor, em casa tiro a *pollera* e uso uma ‘jalta’ (roupa mais leve)”. (BO1, 2024). (*tradução nossa*).

⁷³ “Quando morava em La Paz, ah, muito jovem. Eu vinha jovem e a trazia. É igual. Mudou porque é calor e por manusear dinheiro com o Mandil [avental com bolsos para mexer com dinheiro]”. (BO6, 2024). (*tradução nossa*).

⁷⁴ “Não mudei minha vestimenta tradicional por viver na fronteira. Embora o clima influencie, continuo usando *pollera*. Em Cochabamba também usava a mesma vestimenta”. (BO3, 2024). (*tradução nossa*).

B) Usar *pollera*: imposição social, cultural ou decisão pessoal

Com intuito de compreender como é a decisão de usar as *polleras*, obtivemos as respostas relatadas adiante.

Respostas das *cholas* que trabalham em ambos os países:

Nenhuma delas disse ser imposição social, 57% das entrevistadas afirmaram ser uma questão cultural e 43% demonstraram que é uma decisão pessoal, que a escolha de manter ou não a *pollera* é individual.

Respostas das *cholas* que trabalham no Brasil:

“Algunos se colocan polleras y algunos son puros vestidos. Esa es, digamos, la cultura. Cualquiera puede usar lo que quiera, porque algunos no les gusta usar la pollera. Por el calor dicen que no les gusta”. (BR2, 2024).⁷⁵

“Y claro, decisión personal. Esa es mi cultura de mi de Bolivia. Tengo orgullo. Nunca voy a tirarme todo cuando voy a mover. Porque somos bolivianas y es la moda. Es la moda, porque es de nuestro boliviano. Sobre la influencia de las generaciones antiguas, sí, viene de los más antiguos, de la mamá y de la tatarabuela. Ahora están acordando, están levantando más orgullos”. (BR3, 2024).⁷⁶

“Así soy yo, nací con mis polleras. Mi madre dijo, no voy a cambiar. Así soy yo, y estoy orgullosa de mis polleras, así soy. Sí, hasta subimos al parlamento ya”. (BR6, 2024).⁷⁷

Respostas das *cholas* que trabalham na Bolívia:

“Yo creo cultura, no sé, lo mismo yo. Nosotros preocupamos mayoría pollera acá nomás también. Aquí es donde yo voy viejo, donde con pollera”. (BO7, 2024).⁷⁸

⁷⁵ “Alguns colocam polleras e outros usam apenas vestidos. Isso é, digamos, a cultura. Qualquer um pode usar o que quiser, porque alguns não gostam de usar pollera. Dizem que não gostam por causa do calor”. (BR2, 2024). (*tradução nossa*).

⁷⁶ “É claro, é uma decisão pessoal. Essa é minha cultura da Bolívia. Tenho orgulho. Nunca vou mudar isso quando me mover. Porque somos bolivianas e é a moda. É a moda, porque é do nosso boliviano. Sobre a influência das gerações antigas, sim, vem dos mais antigos, da mãe e da tataravó. Agora estão se lembrando, estão levantando mais orgulho”. (BR3, 2024). (*tradução nossa*).

⁷⁷ “Assim sou eu, nasci com minhas polleras. Minha mãe disse, não vou mudar. Assim sou eu, e tenho orgulho das minhas polleras, assim sou. Sim, até subimos ao parlamento já”. (BR6, 2024). (*tradução nossa*).

⁷⁸ “Eu acho cultura, não sei, o mesmo para mim. Nós nos preocupamos principalmente com a pollera aqui também. Aqui é onde eu vou velha, onde com pollera”. (BO7, 2024). (*tradução nossa*).

*“Porque una mujer usa pollera porque ella **quiere**, porque es su cultura, es nuestra. Cultura, **queremos pollera, cultura**”. (BO4, 2024).⁷⁹*

*“Cualquier lugar del mundo puedes usar. Y tengo que **mostrar mi identidad, y fuerza**”. (BO7, 2024).⁸⁰*

Dizer “ter orgulho da *pollera*, queremos *pollera*” demonstra que é uma escolha pessoal que aponta para a cultura das *polleras*. Vestir *pollera* ou substituir por vestido (que é o termo que elas usam para quem substitui a *pollera*) é uma escolha entre manter a tradição cultural ou não. A entrevista BO7 se orgulha ao mostrar força e identidade ao vestir as *polleras*.

C) Regras e regulamentos das *polleras*

Segundo todas as entrevistadas de ambos os países, não existem regras para o uso das *polleras*. Cada *chola* as utiliza de acordo com o departamento de origem. Às vezes, dentro das províncias, existem modificações que são aprendidas e mantidas pela região.

D) As *polleras* em novelas bolivianas

Respostas das *cholas* que trabalham no Brasil:

Ao perguntarmos para as *cholas* que trabalham no Brasil se conhecem telenovelas ou personagens que usam *polleras* 100% do tempo, disseram que não conhecem.

Respostas das *cholas* que trabalham na Bolívia:

Ao fazermos a mesma pergunta para as *cholas* que trabalham na Bolívia, 70% disseram que sim, mas 30% desconhecem. No entanto, não souberam dizer nenhum nome de telenovela com mulheres de *polleras*.

E) As *polleras* em programas de televisão

Respostas das *cholas* que trabalham no Brasil:

Das mulheres entrevistadas que trabalham no Brasil, 86% disseram não haver programas de televisão com mulheres usando *polleras*. As demais, 14%, disseram que na televisão há mulheres com as vestimentas.

⁷⁹ “Porque uma mulher usa pollera porque ela quer, porque é sua cultura, é nossa. Cultura, queremos pollera, cultura”. (BO4, 2024). (*tradução nossa*).

⁸⁰ “Em qualquer lugar do mundo você pode usar. E tenho que mostrar minha identidade e força”. (BO7, 2024). (*tradução nossa*).

Respostas das *cholas* que trabalham na Bolívia:

De todas as entrevistadas que trabalham na Bolívia, 50% disseram que há mulheres com os trajes típicos na televisão e 50% negaram ter visto.

“Usan en qué programa. Digamos, usan en Canal cuatro o en Canal Nueve. Ah, sí, Canal 25, Canal 35, cosas. Sí, mayoría”. (BR6, 2024).⁸¹

“hay ministros, lo que sea, son de pollera, cholita y cochabambinza”. (BO4, 2024).⁸²

F) As *polleras* em mulheres da internet

Respostas das *cholas* que trabalham no Brasil:

Das *cholas* que trabalham no Brasil, 100% delas disseram não haver na *internet* mulheres com *polleras*.

Respostas das *cholas* que trabalham na Bolívia:

Ao fazer a mesma pergunta para as *cholas* que trabalham na Bolívia, 60% delas disseram que existem *cholas* na *internet* e 40% negaram.

“En cuanto a los medios, hay periodistas y programas de televisión donde las mujeres usan pollera, pero en Internet no he visto comunidades dedicadas a esto”. (BO2, 2024).⁸³

“Participan políticas. No, no, no. La Internet no hay”. (BO5, 2024).⁸⁴

“Sí. Está en la presidencia”. (BO6, 2024).⁸⁵

⁸¹ “Usam em que programa. Digamos, usam no Canal quatro ou no Canal Nove. Ah, sim, Canal 25, Canal 35, coisas. Sim, maioria”. (BR6, 2024). (*tradução nossa*).

⁸² “Há ministros, o que for, são de pollera, cholita e cochabambina”. (BO4). (*tradução nossa*).

⁸³ “Em relação aos meios de comunicação, há jornalistas e programas de televisão onde as mulheres usam pollera, mas na internet não vi comunidades dedicadas a isso.” (BO2, 2024). (*tradução nossa*).

⁸⁴ “Participam da política. Não, não, não. Na internet não há.” (BO5, 2024). (*tradução nossa*).

⁸⁵ “Sim. Está na presidência.” (BO6, 2024). (*tradução nossa*).

G) A idade em que uma mulher começa a usar as *polleras*

Respostas das *cholas* que trabalham no Brasil:

Das *cholas* que trabalham no Brasil, 50% falaram que a escolha é feita na adolescência, entre 13 e 15 anos de idade. Outros 30% responderam que o uso ocorre desde os 5 anos e 20% disseram que é desde o nascimento.

Respostas das *cholas* que trabalham na Bolívia:

Das *cholas* que trabalham na Bolívia, 80% descreveram que do nascimento até 5 anos de idade já se está usando *polleras*. Porém, 20% afirmaram que somente se faz uso delas com mais de 5 anos de idade.

H) Tradições e costumes para começar a usar a *pollera*

Respostas das *cholas* que trabalham no Brasil:

Todas (100%) as *cholas* que trabalham no Brasil disseram que não há nenhum tipo de rito de passagem para começar a usar a *pollera*.

Respostas das *cholas* que trabalham na Bolívia:

Ao fazer a mesma pergunta para as que trabalham no território boliviano, 50% disseram que há um período certo para começar a se usar as *polleras*, mas 50% disseram que não há nenhum costume ou tradição.

“Desde niñas, alrededor de los 8 años, comenzamos a usar pollera, pero no hay ritual para ello; simplemente nuestras madres nos colocaban la pollera”. (BO1, 2024).⁸⁶

“Desde pequeñas, a partir del nacimiento o la niñez, las niñas empiezan a usar pollera, aunque no hay rituales específicos para ello”. (BO2, 2024).⁸⁷

“Nosotros desde nacimiento. Nacimiento. No, siempre usa. No, pero nos toque a nuestro este, nosotros no pueden votar. Algunos se sacan, están vienen cholita y se sacan a vestirse”. (BO3, 2024).⁸⁸

⁸⁶ “Desde pequenas, por volta dos 8 anos, começamos a usar pollera, mas não há ritual para isso; simplesmente nossas mães nos colocavam a pollera.” (BO1, 2024). (*tradução nossa*).

⁸⁷ “Desde pequenas, a partir do nascimento ou da infância, as meninas começam a usar pollera, embora não haja rituais específicos para isso.” (BO2, 2024). (*tradução nossa*).

⁸⁸ “Nós desde o nascimento. Nascimento. Não, sempre usamos. Não, mas não tocamos no nosso, nós não podemos votar. Alguns tiram, vem de cholita e se trocam.” (BO3, 2024). (*tradução nossa*).

“Depende de cada uno, de la familia”. (BO5, 2024).⁸⁹

I) Movimento de resistência para utilização das *polleras*

Respostas das *cholas* que trabalham no Brasil:

Quando perguntado para as que trabalham no Brasil, 14% disseram existir um movimento de preservação das *polleras* e 86% negaram.

“*hoy en día ya se viste ya. O sea, ya hasta el campo hasta el México*”. (BR6, 2024).⁹⁰

Percebemos, nas respostas, que elas desconhecem movimentos para manter as *polleras*.

Respostas das *cholas* que trabalham na Bolívia:

Ao realizar a mesma pergunta no território boliviano, 30% disseram que, sim, querem preservar a *pollera* e 70% das entrevistadas disseram desconhecimento de movimentos do tipo.

“*En cuanto a movimientos de resistencia, no conozco ninguno que promueva específicamente el uso de la pollera*”. (BO1, 2024).⁹¹

J) *Polleras* de gala ou festa: diferenças e atividades específicas

Respostas das *cholas* que trabalham no Brasil:

Das entrevistadas no território brasileiro, 100% (todas) relataram que as *polleras* de festas são diferentes, com mais brilhos e ornamentos.

“*Sobre festividades, en La Paz hay festividades. Es costumbre colocarse pollera porque la mayoría de la gente usa pollera. Alguien que le gusta se coloca pollera, pero al que no le gusta, no. En las fiestas hay polleras. También hay el traje de las chinas, para bailar, tienen su ropa especial*”. (BR2, 2024).⁹²

⁸⁹ “Depende de cada um, da família.” (BO5, 2024). (*tradução nossa*).

⁹⁰ “Hoje em dia já se veste já. Ou seja, já até no campo até no México.” (BR6, 2024). (*tradução nossa*).

⁹¹ “Quanto aos movimentos de resistência, não conheço nenhum que promova especificamente o uso da *pollera*.” (BO1, 2024). (*tradução nossa*).

⁹² “Sobre as festividades, em La Paz há festividades. É costume usar *pollera* porque a maioria das pessoas usa *pollera*. Alguém que gosta coloca *pollera*, mas quem não gosta, não. Nas festas, tem *polleras*. Também tem o traje das *chinas*, para dançar, elas têm sua roupa especial.” (BR2, 2024). (*tradução nossa*).

“Claro, misma cosa. Pero es más bonita. Sí, más calidad, no, más cara. Más cara. ¿Por eso yo te digo, unos 2000, 1500 (pesos bolivianos)” (BR6, 2024).⁹³

Respostas das *cholas* que trabalham na Bolívia:

Em contrapartida, 60% das que trabalham no território boliviano relataram existir *polleras* especiais nas festividades, enquanto 40% falaram que não.

“Para las fiestas, sí uso polleras más elegantes”. (BO1, 2024).⁹⁴

“Para ocasiones especiales, las polleras suelen ser de materiales más finos y decorados”. (BO3, 2024).⁹⁵

“Cuando hay fiesta puede ponerse. En cambio, yo tengo cinco polleras para fiesta. Sí, algunas. Sí. Bailar”. (BO6, 2024).⁹⁶

K) As tranças como indicadores de estado civil

As duas tranças nos cabelos são utilizadas em todas as *cholas*, sem exceções. Nenhuma das entrevistadas ou das que observamos no próprio território boliviano possuía cabelos curtos ou usava *polleras* com cabelos soltos. Todas as *cholas* mantinham suas duas tranças nos cabelos. Todas as entrevistadas (100%) disseram que tanto as solteiras quanto as casadas usam duas tranças nos cabelos, e que não há distinção na forma de usar as tranças de acordo com estado civil.

L) O departamento das *cholas* de acordo com o tipo de *polleras*

A entrevista revelou que 100% das participantes provenientes de todos os departamentos bolivianos conhecem as *polleras* de acordo com as regiões geográficas do país. As vestimentas demonstram de onde as *cholas* são e quais os departamentos e províncias originais. Todas as entrevistadas sabiam identificar que as *polleras* longas são de La Paz e as mais curtas são de Tarija e Cochabamba.

⁹³ “Claro, mesma coisa. Mas é mais bonita. Sim, mais qualidade, não, mais cara. Mais cara. Por isso eu te digo, uns 2000, 1500 (bolivianos).” (BR6, 2024). (*tradução nossa*).

⁹⁴ “Para as festas, sim, uso saias mais elegantes.” (BO1, 2024). (*tradução nossa*).

⁹⁵ “Para ocasiões especiais, as saias costumam ser de materiais mais finos e decoradas.” (BO3, 2024). (*tradução nossa*).

⁹⁶ “Quando tem festa, pode usar. Eu, por exemplo, tenho cinco saias para festas. Sim, algumas. Sim. Para dançar.” (BO6, 2024). (*tradução nossa*).

A análise revela que as *cholas* são identificadas e reconhecidas perante a sociedade boliviana de acordo com o tipo e comprimento da *pollera*.

“En La Paz usamos las polleras, son más grandes, como estas, ¿no ves?” (BR4, 2024).⁹⁷

“Sí, sí, todo boliviano sabe identificar polleras. Así somos”. (BR7, 2024).⁹⁸

“Mire ella es de Cocha (Cochabamba), es pequeña (pollera), tiene sombrero, debe ser que en su provincia usan sombreros”. (BR2, 2024).⁹⁹

“Algunas provincias tienen polleras diferentes, como en el campo, pero también usan polleras. A veces más grandes o con menos capas”. (BO1, 2024).¹⁰⁰

Outro ponto importante é que algumas províncias possuem diferenças quanto a comprimentos, ou seja, um departamento pode usar, por exemplo, *polleras* mais longas, enquanto uma província de outro departamento poderia usar uma *pollera* mais curta. As variações refletem influências sociais, *status* e o clima da região de origem (por exemplo, em La Paz, são compridas e com várias anáguas). As *cholas* relataram que todos os bolivianos sabem identificar o departamento e a etnia (quéchua ou aimará) das *cholas* a partir de suas vestimentas.

M) Análise de dados: vestimenta e cultura

As roupas tradicionais das *cholas* que vivem na fronteira demonstram que as *polleras* são influenciadas por fatores pessoais e culturais. Elas aprendem a cultura vinda das mães, tataravós e antepassados, mas quem escolhe se vai usar ou não é a própria pessoa, sendo uma escolha pessoal (Quadro 11). Um ponto interessante é que há uma diferença entre as que trabalham em território brasileiro e as que trabalham no boliviano. Das *cholas* que vivem na fronteira, 70% apontaram alterações na forma de se vestir, influenciadas pelo calor do Pantanal. Foram relatadas adaptações feitas pelas que viviam em departamentos frios, que deixaram de usar sapatos fechados, mantas e grandes quantidades de anáguas.

⁹⁷ “Em La Paz usamos as saias, são maiores, como estas, não vê?” (BR4). (*tradução nossa*).

⁹⁸ “Sim, sim, todo boliviano sabe identificar as saias. Assim somos.” (BR7). (*tradução nossa*).

⁹⁹ “Veja, ela é de Cocha (Cochabamba), é pequena (saia), tem chapéu, deve ser que na sua província usam chapéus.” (BR2). (*tradução nossa*).

¹⁰⁰ “Algumas províncias têm saias diferentes, como no campo, mas também usam saias. Às vezes maiores ou com menos camadas.” (BO1). (*tradução nossa*).

Isso demonstra que, na fronteira, houve flexibilidade para manter a cultura com adaptações nas vestimentas. A *pollera* é algo da cultura boliviana que ultrapassa gerações, porém a decisão de querer ou não mudar é uma escolha pessoal.

A decisão de usar as *polleras* revela orgulho em preservar a tradição e a identidade, como resistência cultural. As repostas nos mostram que, mesmo diante de um clima extremamente quente, como é o do Pantanal, e mesmo estando em um país como o Brasil, usar as *polleras* simboliza a força intrínseca da cultura que ultrapassa séculos, demonstrando pertencimento, patriotismo.

Outras relevantes percepções é que inexistem regras de como usar as *polleras*. As variações são de acordo com as práticas familiares, regionais, departamentais e provinciais. A ausência de normas e regras de vestimentas permite que a mulher personalize o traje de acordo com seus gostos, mas se restringindo ao que foi aprendido nas tradições familiares. As adaptações nas vestimentas mostram a flexibilidade dentro do contexto climático e fronteiriço.

Uma questão importante e com grande divergência entre os dois países é quanto a 70% das mulheres que trabalham na Bolívia conhecerem telenovelas com *cholas* e 100% das *cholas* que trabalham no Brasil afirmarem desconhecer novelas com mulheres de *polleras*, assim como 86% das mesmas mulheres dizerem não existir programas com elas. Essas divergências podem indicar que, na Bolívia, a visibilidade cultural é maior, e que as que trabalham no Brasil, por ficarem a maior parte do tempo em território brasileiro, observam que a cultura *chola* é menos difundida no contexto da mídia local.

As tranças, presentes em todas as entrevistadas, demonstram que tanto as casadas quanto as viúvas e solteiras usam duas tranças, sem distinção de estado civil. Desse modo, é gerada uma tradição universal sem variações regionais e pessoais. As tranças são mantidas exatamente como eram antes e após a colonização, sem sofrer alterações, mesmo diante das diversidades climáticas. As duas tranças se apresentam da mesma forma e em todas as regiões nacionais e internacionais.

As *polleras* são as formas de resistir a globalização, mostrando que suas tradições ancestrais são as heranças mais profundas que as imposições dominantes. Usar as *polleras* é ter orgulho de quem é.

Ter orgulho de ser *quechua* e *aymara*. É ser e querer ser povo originário boliviano.

3.7 VIDA COTIDIANA NA FRONTEIRA

Quadro 11 - Área de concentração: vida cotidiana na fronteira

PERGUNTAS SOBRE A VIDA COTIDIANA NA FRONTEIRA	
A.	Quem dirige a casa? () A mulher () O homem () Ambos
B.	Onde faz compras? () Brasil () Bolívia () Ambos
C.	Onde utiliza serviços médicos? () Brasil () Bolívia () Ambos
D.	Em seu dia livre, onde realiza atividades de lazer? () Brasil () Bolívia
E.	Como a sua família se adaptou à vida na fronteira?
F.	Você participa de eventos culturais ou festividades no Brasil?
G.	Que tipo de apoio recebeu da comunidade local na fronteira?
H.	Como sua percepção da fronteira mudou desde que você chegou?
I.	Que desafios você enfrentou para manter sua identidade cultural na fronteira? Como as políticas de fronteira influenciam a sua vida diária?

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

A) A liderança do lar

Todas as entrevistadas *cholas* que trabalham no Brasil estavam trabalhando sozinhas, sem a participação do marido ou de algum outro membro da família. Na Bolívia, algumas estavam com as filhas e netos, mas não foi observado marido ou filho ajudando as *cholas*. Gostaríamos de analisar quem é o responsável ou se ambos dividem as funções das atividades familiares.

Respostas das *cholas* que trabalham no Brasil:

Ao fazermos essa pergunta para as *cholas* que trabalham no Brasil, 100% das entrevistadas disseram que quem maneja a casa são as mulheres.

Respostas das *cholas* que trabalham na Bolívia:

Na mesma pergunta, realizada para as *cholas* que trabalham na Bolívia, a resposta foi divergente: 57% disseram serem as mulheres, 8% os homens e 35% afirmaram que ambos manejam a casa.

Observamos que, ao realizar as entrevistas com as *cholas* que trabalham no Brasil, nenhuma delas estava com o marido, e eles não apoiavam na montagem e desmontagem das “barracas”. Isso sugere total independência feminina, pois somente elas estavam desde a madrugada trabalhando e se deslocando da Bolívia para o Brasil. Por outro lado, algumas das *cholas* que trabalhavam na Bolívia estavam com a família próxima.

B) Preferências na fronteira: compras de supermercado no Brasil, na Bolívia ou em ambos

Com o objetivo de compreender as preferências das mulheres *cholas* ao realizarem compras, foram questionados os seus hábitos de consumo.

Respostas das *cholas* que trabalham no Brasil:

Ao perguntarmos para as *cholas* que trabalham no Brasil, 71,4% afirmaram que as fazem na Bolívia. Já 28,6% realizam as compras em ambos os países (BR1, BR2, BR4 e BR7).

Nenhuma delas faz compras exclusivamente no Brasil.

Respostas das *cholas* que trabalham na Bolívia:

Das *cholas* que trabalham na Bolívia, 80% relataram comprar exclusivamente na Bolívia, e 20% em ambos os países, esporadicamente no Brasil.

Ao analisar as repostas, podemos sugerir que as *cholas* que trabalham em território brasileiro possuem um maior conhecimento de Corumbá, e por isso fazem deslocamentos para comprar no Brasil. Desse modo, as que trabalham na Bolívia se deslocam menos para o Brasil.

C) Preferências na fronteira: serviços médicos no Brasil, Bolívia ou ambos

Respostas das *cholas* que trabalham no Brasil:

Ao entrevistarmos as *cholas* que trabalham no Brasil, identificamos que 28,6% usam os serviços médicos brasileiros (BR7 e BR4). Por outro lado, 85,7% utilizam exclusivamente os serviços da Bolívia (BR1, BR2, BR5 e BR6) e 28,6% utilizam ambos os serviços (BR4).

“Utilizo el médico en Brasil”. (BR7, 2024).¹⁰¹

Respostas das *cholas* que trabalham na Bolívia:

Ao perguntarmos para as que trabalham na Bolívia, obtivemos a seguinte resposta: 20% disseram realizar os serviços médicos no Brasil (BO6), 70% das mulheres disseram ser exatamente na Bolívia (BO1, BO2, BO4, BO5 e BO7) e 10% disseram escolher o atendimento em ambos os países (BO3).

¹⁰¹ “Utilizo o médico no Brasil”. (BR7, 2024) (*tradução nossa*).

As *cholas* sentem maior segurança ao serem atendidas na Bolívia, por conta da língua. Elas falaram que nem sempre sentem segurança em serem atendidas por médicos brasileiros, por não conseguirem explicar o que estão sentindo e nem compreenderem as orientações médicas.

“No voy al médico en Brasil porque no me entienden, tengo miedo, no tienen paciencia”. (BO1, 2024).¹⁰²

“Aquí en Bolivia hay médicos, es más barato, pero los médicos en Brasil son buenos. Pero voy aquí en mi país me entienden”. (BO4, 2024).¹⁰³

D) Preferências na fronteira: dia de lazer no Brasil ou Bolívia

Quanto aos dias livres e de folga, gostaríamos de analisar se frequentam os lazeres no Brasil ou na Bolívia.

Respostas das *cholas* que trabalham no Brasil:

Das *cholas* que trabalham no Brasil, 14,3% relataram que retornam ao Brasil nos períodos de lazer (BR4, BR5 e BR7) e 85,7% mantêm-se em território boliviano (BR1, BR2, BR4, BR5 e BR6).

Respostas das *cholas* que trabalham na Bolívia:

Das mulheres de *polleras* que trabalham na Bolívia, 20% relataram virem ao território brasileiro para os dias de lazer (BO2 e BO7).

As outras, 80%, ficam na própria Bolívia nos dias livres (BO1, BO3, BO4, BO5 e BO6). Os dados indicam uma preferência em permanecer no seu país de origem, independentemente de onde trabalham.

É perceptível que as que trabalham no Brasil são as que mais retornam para o território estrangeiro para lazer.

¹⁰² “Não vou ao médico no Brasil porque não me entendem, tenho medo, eles não têm paciência.” (BO1, 2024). *(tradução nossa)*.

¹⁰³ “Aqui na Bolívia tem médicos, é mais barato, mas os médicos no Brasil são bons. Mas vou aqui, no meu país, porque eles me entendem.” (BO4, 2024). *(tradução nossa)*.

E) A adaptação da família à vida na fronteira

Respostas das *cholas* que trabalham no Brasil:

Ao entrevistar as *cholas* que trabalham no Brasil, 71,4% relataram que a adaptação foi boa e tranquila (BR1, BR2, BR5, BR6 e BR7) e 28,6% descreveram a adaptação como difícil e com diversos desafios (BR3 e BR4).

Respostas das *cholas* que trabalham na Bolívia

Das *cholas* que trabalham na Bolívia, 60% obteve uma boa adaptação, enquanto 20% não teve boa adaptação da família à fronteira (BO7) e outros 20% não souberam responder (BO6).

F) Envolvimento em atividades culturais e festas no Brasil

Existem diversos eventos culturais na fronteira, tanto do lado brasileiro quanto do lado boliviano. Com interesse em saber se as *cholas* participam ou não das festividades, fizemos perguntas sobre festividades e eventos culturais.

Respostas das *cholas* que trabalham no Brasil:

Das *cholas* que trabalham no Brasil, 71,4% afirmaram participarem das festas e eventos em território brasileiro (BR1, BR2, BR4, BR5 e BR6), e 28,6% negaram participar de festividades, pois disseram sentir-se cansadas (BR3, BR7).

Respostas das *cholas* que trabalham na Bolívia:

Das *cholas* que trabalham na Bolívia, somente 30% disseram participar (BO1, BO2, BO4 e BO7). O restante, 70%, negou participar de eventos no Brasil (BO3, BO5, BO6).

G) Apoio da comunidade fronteiriça

Respostas das *cholas* que trabalham no Brasil:

Das *cholas* que trabalham no Brasil, 28,6% disseram que receberam apoio ao chegarem na fronteira (BR5 e BR6) e 71,4% afirmaram que não receberam nenhum apoio (BR1, BR2, BR3, BR4 e BR7).

Respostas das *cholas* que trabalham na Bolívia:

Das *cholas* que trabalham na Bolívia, 100% negaram qualquer apoio da comunidade fronteiriça.

H) Os principais desafios da fronteira

Respostas das *cholas* que trabalham no Brasil:

Das *cholas* que trabalham no Brasil, 71,4% encontram grandes desafios para se manter na fronteira (BR1, BR2, BR5, BR6 e BR7). As outras, 28,6%, negaram ter havido desafios (BR3, BR4).

Respostas das *cholas* que trabalham na Bolívia:

Em contraposição, 30% das *cholas* que trabalham na Bolívia enfrentaram desafios (BO1, BO2 e BO7) e 70% se consideram sem desafios (BO3, BO4, BO5 e BO6).

I) Os principais desafios de viver na fronteira

As mulheres *cholas* que habitam a fronteira entre o Brasil e a Bolívia enfrentam um conjunto complexo de desafios, sobretudo no que tange à adaptação cultural e à inserção no mercado de trabalho. Entre os principais obstáculos estão as barreiras linguísticas, como a necessidade de aprender o português e a adaptação do espanhol, essenciais para garantir a comunicação e a interação no ambiente de trabalho, especialmente no comércio informal, que é um dos pilares para a subsistência dessas mulheres. Essas dificuldades podem tornar o processo de integração ainda mais árduo, dado que muitas dependem do comércio transfronteiriço para sustentar suas famílias.

O relato de uma entrevistada, identificada como BO6, é um exemplo claro das adversidades que essas mulheres enfrentam. Ela compartilha sua experiência de trabalhar no Brasil, onde teve sua mercadoria apreendida pela polícia, mesmo tendo cumprido o pagamento de impostos. Essa situação expõe a vulnerabilidade das migrantes no comércio informal, bem como as tensões que surgem entre os desafios da vida cotidiana e as aspirações para um futuro melhor, principalmente para seus filhos. Ela se orgulha profundamente de ter proporcionado a seus filhos a oportunidade de estudar e seguir carreiras profissionais em Santa Cruz, algo que lhe dá satisfação, mesmo diante das dificuldades que enfrenta.

Além dos obstáculos econômicos e comerciais, a questão da saúde é um ponto crítico para essas mulheres. O acesso limitado ao sistema de saúde brasileiro, aliado às barreiras linguísticas e culturais, agrava ainda mais a situação.

Outro relato, o de uma migrante boliviana, identificada como BO3, revela a realidade de muitas mulheres que, diante da falta de trabalho em seus departamentos de origem, se veem forçadas a migrar em busca de melhores condições econômicas.

Essa mulher, aos 68 anos, trabalha sozinha para sustentar sua casa, enquanto seu marido, já idoso, não consegue mais exercer atividades laborais. Sua história reflete a dura realidade de muitas migrantes idosas que, sem uma rede de apoio social ou benefícios de aposentadoria, continuam a trabalhar por necessidade.

A fronteira entre o Brasil e a Bolívia, portanto, se configura como um espaço de resistência e resiliência, onde as *cholas* buscam equilibrar a adaptação às novas condições de vida com a preservação de suas identidades culturais. Para muitas delas, esse espaço é um local de negociação constante, onde enfrentam dificuldades cotidianas, mas também encontram formas de manter vivas suas tradições e sua força.

Em relatos como o de uma das entrevistadas, imigrante boliviana, que trabalha no Brasil (BR1), no comércio transfronteiriço, é possível perceber a luta diária dessas mulheres. Ela descreve a frustração de, muitas vezes, passar o dia tentando vender seus produtos, sem sucesso. Ainda assim, retorna no dia seguinte, impulsionada pela necessidade de sustentar sua família. Essa persistência frente às adversidades não apenas revela a coragem dessas mulheres, mas também ressalta a importância da fronteira como um espaço de continuidade, onde as *cholas*, mesmo diante das dificuldades, mantêm sua identidade cultural e sua luta pela sobrevivência.

A realidade dessas mulheres transfronteiriças nos mostra a complexidade da migração, destacando tanto os desafios estruturais enfrentados pelas migrantes quanto a força de sua identidade e sua capacidade de resistência.

Há uma clara necessidade de políticas públicas que atendam às especificidades dessa população, oferecendo suporte não apenas econômico, mas também cultural e social, para que essas mulheres possam, de fato, construir um futuro mais digno para si e suas famílias.

J) Análise de dados: vida cotidiana na fronteira

O contexto fronteiriço possibilita a escolha entre dois países para a realização das atividades da vida cotidiana, incluindo atividades de consumo, serviços de saúde e lazer.

É possível perceber que as mulheres de *polleras* que trabalham no Brasil possuem uma maior autonomia e independência, uma vez que 100% das entrevistadas se consideram as principais responsáveis pelo “dirigir” da casa, pois, em sua maioria, o deslocamento para trabalhar no país vizinho é solitário.

Em contraste, as *cholas* que trabalham na Bolívia dividem as responsabilidades financeiras dentro e fora de casa, pois 35% afirmaram que ambos (homem e mulher) são os responsáveis pela provisão do lar, demonstrando maior presença masculina. Referente às preferências de consumo, as *cholas* que trabalham no Brasil fazem compras em ambos os países, com uma maior tendência a consumir produtos brasileiros

As mulheres que trabalham no território boliviano, em sua maioria, preferem realizar compras exclusivamente na Bolívia, o que sugere um menor deslocamento para consumo no Brasil. Essas mesmas percepções são válidas quanto à utilização dos serviços de saúde: as *cholas* que trabalham no Brasil escolhem o país ou ambos para utilizar os serviços médicos, com a facilidade de terem um maior contato com a língua portuguesa diariamente. Já as mulheres que trabalham na Bolívia relataram que não recorrem ao Brasil, pois a língua portuguesa é uma barreira que traz insegurança ao atendimento.

Quanto ao lazer, as *cholas* que trabalham em ambos os territórios preferem ficar na Bolívia para descansar, o que revela apego ao território e às atividades familiares, independentemente do local que laboram.

A mudança de vida para a fronteira revela diferenças em relação à adaptação familiar entre os dois grupos entrevistados. As que trabalham no Brasil relatam uma maior facilidade na adaptação ao contexto fronteiriço. Entretanto, as que trabalham na Bolívia relatam maior dificuldade em se ajustarem ao território. Essas respostas podem ser justificadas pelo fato de o Brasil possuir uma maior estrutura e oportunidade, ainda que seja necessário um maior deslocamento para a mobilidade diária.

Enfim, descobrimos a inexistência de apoio comunitário ao chegarem na fronteira, o que constitui um grande desafio, por estarem por conta própria.

A vida cotidiana na fronteira, tanto para as que trabalham no Brasil quanto para as que trabalham na Bolívia, apresenta maiores alternativas financeiras e logísticas do que as das províncias e departamentos de origem, oferecendo maior possibilidade de recursos financeiros e aumento de poder de compra e trabalho, além da oportunidade de usufruir dos dois lados da fronteira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas das *cholas* entrevistadas não se sentiam valorizadas ou reconhecidas, acreditando que seus conhecimentos e experiências não eram importantes para a pesquisa.

Algumas expressaram a sensação de que, na própria Bolívia, ninguém se interessa por elas. A discriminação, nesse contexto, se manifesta de forma silenciosa, sem ataques diretos, mas por meio de atitudes que negam a presença e os direitos do outro. A invisibilidade social é sentida pela falta de oportunidades e pelo desprezo, resultando em uma exclusão simbólica que reforça a segregação e o estigma, afetando a autoestima e a capacidade de se expressar e ocupar espaços sociais.

No local de trabalho, as condições das *cholas* refletem essa discriminação implícita, com formas improvisadas e desconfortáveis de trabalho, como sentar-se em caixotes, no chão ou em escadas. Embora paguem impostos no Brasil, essas mulheres não têm acesso a infraestrutura mínima, como banheiros ou benefícios sociais, o que agrava sua invisibilidade. Esses aspectos não representam discriminação explícita, mas formas sutis de opressão e de afirmar poder, inferiorizando e marginalizando as *cholas*.

Embora muitas A identidade das *cholas* na fronteira é um fenômeno complexo que se entrelaça com dimensões culturais, sociais e econômicas. Ela se articula em torno de três eixos principais: a identidade cultural nacional, que preserva tradições e saberes ancestrais; a identidade de resistência, que se manifesta no uso da vestimenta como uma forma de resistência à globalização; e a adaptação das *cholas* à vida fronteiriça, que inclui a preservação das línguas originárias e a adaptação ao português e espanhol.

A *pollera*, vestimenta tradicional, simboliza essa resistência cultural, representando as raízes dos povos originários, como os quechuas e aimarás. A maioria das *cholas* que trabalham nas feiras fronteiriças são idosas, e esse trabalho é árduo, exigindo esforço físico diário e enfrentando condições precárias de infraestrutura. Essas mulheres vêm de diversas regiões da Bolívia, percorrendo longas distâncias até a fronteira.

As *cholas* são majoritariamente *quechuas* (62,29%) e *aimarás* (35,71%). Elas preservam suas línguas originárias, utilizando-as no convívio familiar e comunitário, mesmo diante da predominância do espanhol na fronteira. O português, aprendido de forma básica, é usado para atividades comerciais, especialmente nas feiras, criando um “amoldamento linguístico” para interagir com clientes brasileiros. Isso reflete uma flexibilidade linguística que não enfraquece suas raízes culturais e identitárias.

A manutenção das línguas originárias é uma forma de resistência cultural e um reflexo da memória coletiva, enquanto o espanhol e o português são adotados para facilitar as interações comerciais. No entanto, o português é aprendido de maneira limitada, sem grande domínio, mas com o objetivo de manter as atividades econômicas.

A maioria das *cholas* da Bolívia não deseja retornar à sua região de origem, preferindo permanecer na fronteira devido às melhores condições econômicas e sociais. Já as que trabalham no Brasil têm um vínculo emocional mais forte com sua localidade de origem, mas também se adaptam às condições de vida fronteiriças, que oferecem mais oportunidades.

Em resumo, as *cholas* na fronteira mantêm uma identidade cultural forte, marcada pela preservação de suas línguas e tradições, ao mesmo tempo em que se adaptam às novas realidades econômicas e linguísticas do contexto fronteiriço.

A migração das *cholas* para a fronteira tem como principal motivação a busca por trabalho, um fator presente tanto no Brasil quanto na Bolívia. As que trabalham no Brasil destacam a necessidade de gerar renda para sustentar a família, enquanto as que atuam na Bolívia mencionam a importância da educação dos filhos além do trabalho. Todas as entrevistadas possuem experiências laborais exclusivamente nesses territórios.

Algumas *cholas* que trabalham na Bolívia migraram internamente antes de chegar à fronteira, percorrendo vários departamentos bolivianos. As que trabalham no Brasil também buscaram trabalho em diferentes cidades da Bolívia. A maioria das *cholas* que trabalham no Brasil vive na Bolívia, enquanto todas as que trabalham na Bolívia residem no país. Algumas mulheres que trabalham na Bolívia não conhecem o Brasil, devido ao desinteresse ou ao medo de não conseguirem retornar. Em termos de trabalho, as condições das *cholas* em ambos os países são desafiadoras.

Em Puerto Quijarro, o Mercado Campesino é um centro de atividade econômica, com as mulheres desempenhando funções como a venda de alimentos e produtos agrícolas. No Brasil, o trabalho nas feiras exige grande esforço físico, com as *cholas* montando e desmontando barracas pesadas, frequentemente em condições precárias, sem infraestrutura adequada, o que evidencia a precarização do trabalho informal.

Apesar das difíceis condições, todas as entrevistadas reconhecem a importância das mulheres na fronteira, especialmente no comércio e nas atividades econômicas da região. A migração é principalmente impulsionada por fatores econômicos, com o objetivo de sustentar as famílias, e as *cholas* desempenham um papel crucial nas atividades comerciais e negociais na fronteira.

A discriminação contra as *cholas* na fronteira é muitas vezes sutil, manifestando-se não apenas por ações diretas, mas também pela invisibilidade social, marginalização e falta de reconhecimento. Embora as cambas (mulheres de Santa Cruz de la Sierra) enfrentem discriminação direta, uma rivalidade histórica ligada à pigmentocracia, as *cholas* frequentemente são invisibilizadas no contexto de trabalho, apesar de sua longa tradição e resistência.

Não percebiam completamente, a discriminação é evidente nos pequenos gestos diários em ambos os países, colocando essas mulheres em uma posição de desfavorecimento e segregação. Combater essa discriminação exige mudanças estruturais que reconheçam o valor e a resistência das *cholas*, um povo que tem sido parte fundamental da sociedade fronteiriça ao longo de gerações.

As roupas tradicionais das *cholas* na fronteira refletem uma forte influência cultural e pessoal. As *polleras*, parte essencial da cultura boliviana, são transmitidas por gerações, sendo uma escolha pessoal de cada mulher usá-las ou não. As *cholas* adaptaram suas vestimentas devido ao calor do Pantanal, com 70% das entrevistadas relatando mudanças, como o abandono de sapatos fechados, mantas e grandes quantidades de anáguas, evidenciando flexibilidade para manter a tradição cultural, mesmo com alterações no vestuário. O uso das *polleras* é um símbolo de resistência cultural, orgulho e pertencimento, independentemente das condições climáticas ou do país em que se encontram.

Não existem regras rígidas sobre o uso das *polleras*, permitindo que cada mulher personalize seu traje de acordo com suas preferências, mas sempre respeitando as tradições familiares e regionais. As variações no uso das *polleras* são influenciadas por práticas locais, familiares e provinciais, o que demonstra a adaptação ao contexto da fronteira.

Um ponto de divergência importante é que 70% das mulheres que trabalham na Bolívia têm familiaridade com telenovelas que retratam *cholas*, enquanto 100% das que trabalham no Brasil desconhecem essas representações na mídia. Isso sugere que, na Bolívia, há maior visibilidade cultural das *cholas*, enquanto no Brasil essa representação é quase inexistente.

As tranças, presentes em todas as entrevistadas, também são um símbolo de uniformidade cultural. Usadas por mulheres casadas, viúvas e solteiras, as tranças não variam conforme o estado civil ou as condições regionais. Elas permanecem inalteradas desde o período colonial, sendo mantidas de forma consistente, independentemente das condições climáticas.

A vida cotidiana na fronteira oferece a possibilidade de escolher entre dois países para realizar atividades diárias, como consumo, serviços de saúde e lazer. As mulheres de *polleras* que trabalham no Brasil demonstram maior autonomia e independência, pois se consideram as principais responsáveis pela gestão da casa, com o deslocamento para o trabalho sendo, em sua maioria, solitário. Por outro lado, as *cholas* que trabalham na Bolívia dividem as responsabilidades financeiras com os homens, evidenciando uma maior presença masculina nas tarefas.

Quanto ao consumo, as *cholas* que trabalham no Brasil fazem compras em ambos os países, com uma preferência maior por produtos brasileiros. Já as mulheres que trabalham na Bolívia preferem realizar compras exclusivamente no país, indicando menor deslocamento para o Brasil. O mesmo se aplica aos serviços de saúde, com as *cholas* que trabalham no Brasil utilizando os serviços médicos em ambos os países, beneficiadas pela proximidade da língua portuguesa. As que trabalham na Bolívia, por sua vez, evitam recorrer ao Brasil devido à barreira linguística, que traz insegurança no atendimento.

Em relação ao lazer, as *cholas* que trabalham em ambos os territórios preferem descansar na Bolívia, mostrando um apego ao território e às atividades familiares, independentemente de onde trabalham. As que trabalham no Brasil relatam maior facilidade de adaptação ao contexto fronteiriço, enquanto as que trabalham na Bolívia encontram mais dificuldades em se ajustar ao novo ambiente, possivelmente devido à maior estrutura e oportunidades no Brasil, apesar da necessidade de maiores deslocamentos diários.

Uma dificuldade comum para ambos os grupos é a falta de apoio comunitário ao chegarem na fronteira, o que representa um grande desafio, já que elas ficam sem suporte. No entanto, a vida na fronteira oferece mais alternativas financeiras e logísticas, com maiores oportunidades de recursos financeiros, poder de compra e trabalho, além da vantagem de poder aproveitar os recursos de ambos os lados da fronteira.

As mulheres *cholas* que atuam na fronteira, especialmente no contexto do mercado informal, possuem trajetórias marcadas pelo deslocamento territorial. A maioria delas vem de departamentos distantes da Bolívia, enfrentando mudanças climáticas significativas ao se estabelecerem na região do Pantanal, onde as temperaturas elevadas contrastam com os climas mais frios de suas localidades de origem, como La Paz e Potosí. Apesar das adaptações necessárias para lidar com esse novo ambiente, as *cholas* mantêm elementos essenciais de sua cultura, como as vestimentas tradicionais, as tranças e o uso de acessórios simbólicos, que reafirmam sua identidade e pertencimento étnico-cultural.

A fronteira, caracterizada por sua multiplicidade cultural, abriga uma diversidade de grupos étnicos e nacionais, como menonitas, paraguaios, brasileiros e bolivianos de distintas regiões. Dentro desse contexto, as *cholas* reafirmam sua identidade por meio de seus trajes, acessórios e práticas culturais, sendo reconhecidas por outros bolivianos conforme os padrões de vestimenta que remetem a seus departamentos de origem. Essa distinção visual não apenas reforça a coesão do grupo, mas também evidencia a manutenção de uma tradição secular, mesmo diante dos desafios impostos pela modernidade e pela globalização.

As condições de trabalho dessas mulheres são exaustivas, com jornadas que se iniciam antes do amanhecer e se estendem até o final da noite. Muitas relataram a dificuldade de garantir renda suficiente para o sustento diário, enfrentando instabilidades econômicas e a falta de reconhecimento social. Além disso, a ausência de momentos de lazer e de espaços de descanso reforça a sobrecarga a que estão submetidas, limitando suas possibilidades de bem-estar e qualidade de vida. As *cholas* mantêm na fronteira a identidade cultural transmitida pelas gerações de seus antepassados, resistindo às discriminações e formas de violência, tanto verbais quanto não verbais, com traços simbólicos de marginalização e invisibilidade social.

Vemos a identidade cultural, resistência e projeto das *cholas* fronteiriças. Elas não estão nesse lugar como simples passagem, mas escolheram permanecer aqui, no calor do Pantanal, entre Brasil e Bolívia. As *cholas* da fronteira, com origem indígena e mestiça, enfrentaram séculos de discriminação devido à pigmentocracia. Essas mulheres recriam sua identidade, reafirmando sua presença política e social, utilizando suas *polleras* não apenas como vestimenta, mas como uma forma de preservar as tradições dos povos originários e lutar contra o preconceito, garantindo protagonismo e preservando sua identidade.

Diante desse cenário, este estudo busca contribuir para a visibilidade das *cholas* na fronteira, retirando-as da condição de invisibilidade histórica. Essas mulheres, de origem indígena *quéchua* e *aimará*, são protagonistas fundamentais da economia fronteiriça, desempenhando papéis essenciais na sustentação de suas famílias e na dinâmica comercial local. Seu trabalho, suas tradições e sua resistência compõem um elemento essencial da identidade da fronteira, tornando evidente a necessidade de novos estudos que aprofundem a compreensão sobre suas trajetórias, desafios e contribuições sociais.

Esta dissertação intitulada “Traços de resistência: o universo das *cholas* na fronteira Brasil-Bolívia” traz respostas acerca de quais departamentos se originam, como mantiveram suas tradições, e como é o universo das *cholas* na fronteira entre Brasil e Bolívia.

A pesquisa não se esgota por aqui, pois o reconhecimento dessas mulheres como agentes econômicos e culturais ativos na fronteira não apenas amplia a compreensão sobre as dinâmicas transfronteiriças, mas também reforça a importância de políticas públicas que garantam melhores condições de trabalho e maior integração social para esse grupo historicamente marginalizado. Dessa forma, este estudo reafirma a relevância das *cholas* não apenas no campo econômico, mas também como símbolos de resistência, identidade e força feminina na fronteira Bolívia-Brasil. Concluimos que as *cholas* carregam um legado inestimável. Fazem parte dos povos originários *Quechua* e *Aymara*. As *cholas* são as verdadeiras guardiãs de saberes ancestrais da cultura e da identidade boliviana”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILAR, E. R. C. T. E. **Centro de interpretación cultural de la vestimenta de la “Chola Paceña” en el casco urbano de la ciudad de La Paz**. La Paz, Bolivia: Universidad Mayor de San Andrés – Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 2017.

ALFONSO, H. D. **Las regiones transfronterizas y los procesos de intercambio desigual**. Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 2020a.

ALFONSO, H. D. **Las fronteras, los muros y sus agujeros**. n. 289, setembro-outubro, 2020b.

ANZALDÚA, G. **Borderlands/La frontera: the new mestiza**. San Francisco: Aunt Lute, 1987. Disponível em: <http://users.uoa.gr/~cdokou/TheoryCriticismTexts/Anzaldua-borderlands-la-frontera.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2024.

ANZALDÚA, G. **Bordelands/La frontera: la nueva mestiza**. Trad. Carmen Valle. **Coleção Ensayo**. Madrid: Capitán Swing Libros, 2016. Disponível em: https://enriquedussel.com/txt/Textos_200_Obras/Giro_descolonizador/Frontera-Gloria_Anzaldua.pdf. Acesso em: 12 dez. 2024.

ARANIBAR, C. P. L. **La descolonización del territorio: luchas y residencias campesinas, indígenas en Bolivia**. Reforma Agraria y Asamblea constituyente. 2011. 158 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Presidente Prudente-SP, 2011.

ARCHONDO, R. **Polleras, la oscilación entre el asalto y el exilio**. Prólogo à primeira edição. In: BELTRAN, E. P. **Recoveras de los Andes**. La Paz: Fundación Solón, 2001.

ARF, L. M. G. **A crítica literária Feminista, ibero-americana e suas diásporas**. Ed. Mercado de Letras, 2024.

BALIBAR, É. **Politics and the other scene**. London: Verso, 2001.

BBC NEWS. **Bolivia's cholitas fight back**. BBC News, 2014. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/magazine-30304637>. Acesso em: 12 dez. 2024.

CASTELLS, M. A. **A sociedade em rede**. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FEITOSA, N. C. O. **A mediação familiar na fronteira Corumbá/Brasil com Puerto Suarez Puerto Quijarro/Bolívia: um instrumento possível de cooperação mútua**. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2020.

GALINDO, M. **No se puede descolonizar sin despatriarcalizar: teoría y propuesta de la despatriarcalización**. Bolívia: Mujeres Creando, 2013.

GARCÍA CANCLINI, N. **Diferentes, desiguales y desconectados: mapas de la interculturalidad**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2004.

GÓMEZ, M. Las “mujeres indígenas” en Bolivia: un sujeto social heterogéneo y culturalmente mestizado. **Cuadernos del Cel**, Buenos Aires, v. VI, m. 11, p. 98-103, 2022.

HALL, S. Identidad cultural e diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, p. 68-75, 1996. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat24.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2024.

ÍNIGUEZ, L. **El llenguatge en les ciències humanes i socials**. Barcelona (ES): Universitat Oberta de Catalunya, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/agedor.1693>. Acesso em: 12 dez. 2024.

LEMA, A. M.; CHOQUE, M. E.; JIMÉNEZ, M. **La participación de las mujeres en la história de Bolivia**. AMUPEI: Coordinadora de la Mujer: Foro Político Nacional de Mujeres y Plataforma de la Mujer, La Paz, Bolivia, 2006.

LUGONES, M. **Rumo a um feminismo decolonial**. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 03, n. 22, p. 935-952, 2014.

MACHADO, M. **Pendularidades e fronteiras: o cotidiano na divisa Brasil-Bolívia**. Rio de Janeiro: EdUFF, 2017.

MENDOZA, D. **La Chola Símbolo de Identidad Paceña**. La Paz: Gobierno Municipal de La Paz, 2009.

MEZZADRA, S. **La condizione postcoloniale. Storia e política nel presente globale**. Verona: Ombre Corte, 2015.

OLIVEIRA, M. V. **Mulheres indígenas e protagonismo político: uma análise das lutas por direitos e igualdade de gênero**. São Paulo: Editora XYZ, 2018.

OTERO, G. A. **La vida social en el Coloniaje**. La Paz: Ed. Juventud & Editora Urquiza S. A., 1980.

PAREDES, J. **Hilando fino: desde el comunismo comunitario**. La Paz: Comunidad Mujeres Creando Comunidad y CEDEC, 2010.

RUIZ, M. L. **Nacido indio, siempre indio: discriminación y racismo en Bolivia**. Ciudad de México: Difusión Deas, 2000. p. 73-87.

PRADO, B. T. **Indígenas en el corazón de América, vida y costumbres de los indígenas de Bolivia**. La Paz: Ed. Los amigos del libro, 1971.

SAHONERO, M. T. **Vestimenta e identidade na Bolívia**. La Paz: Editorial Los Amigos del Libro, 1987.

SALAZAR, D. M.; SIGL, E. **L@s Chol@s de Chuquiago**. La Paz: Pensamiento Paceño, 2014.

SALDAÑA, G. E. V. **Memoria técnica del producto comunicativo: producción de un libro fotográfico sobre “La vestimenta la chola Cuencana”**. Trabalho de graduação (Licenciatura em Comunicação Social) – Universidade de Cuenca, Cuenca, 2016.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2008a.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2008b.

SILVA, A. E. **O comércio transfronteiriço brasileiro e a Receita Federal do Brasil: os desafios na fiscalização**. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/37018/1/Aderaldo%20Eug%C3%AAnio%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2024.

SOLOGUREN, X. S. **La chola boliviana en la primera mitad del siglo XX**. L'Age d'or, 2017.

STEIMAN, R.; MACHADO, L. O. **Limites e fronteiras internacionais: uma discussão histórico-geográfica**. Terra Limitante: Atlas da Fronteira Continental do Brasil. Rio de Janeiro: Grupo RETIS/CNPq/UFRJ, 2002.

STRAUB, R. O. **Psicologia da saúde**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

ZAMBRANA, G. A. A. Usos y apropiaciones en la construcción de la imagen de la chola en la cumbia huayno de Cochabamba. Artigo **Punto Cero**. Cochabamba, v. 21, n. 32, p. 77-94, 2016.